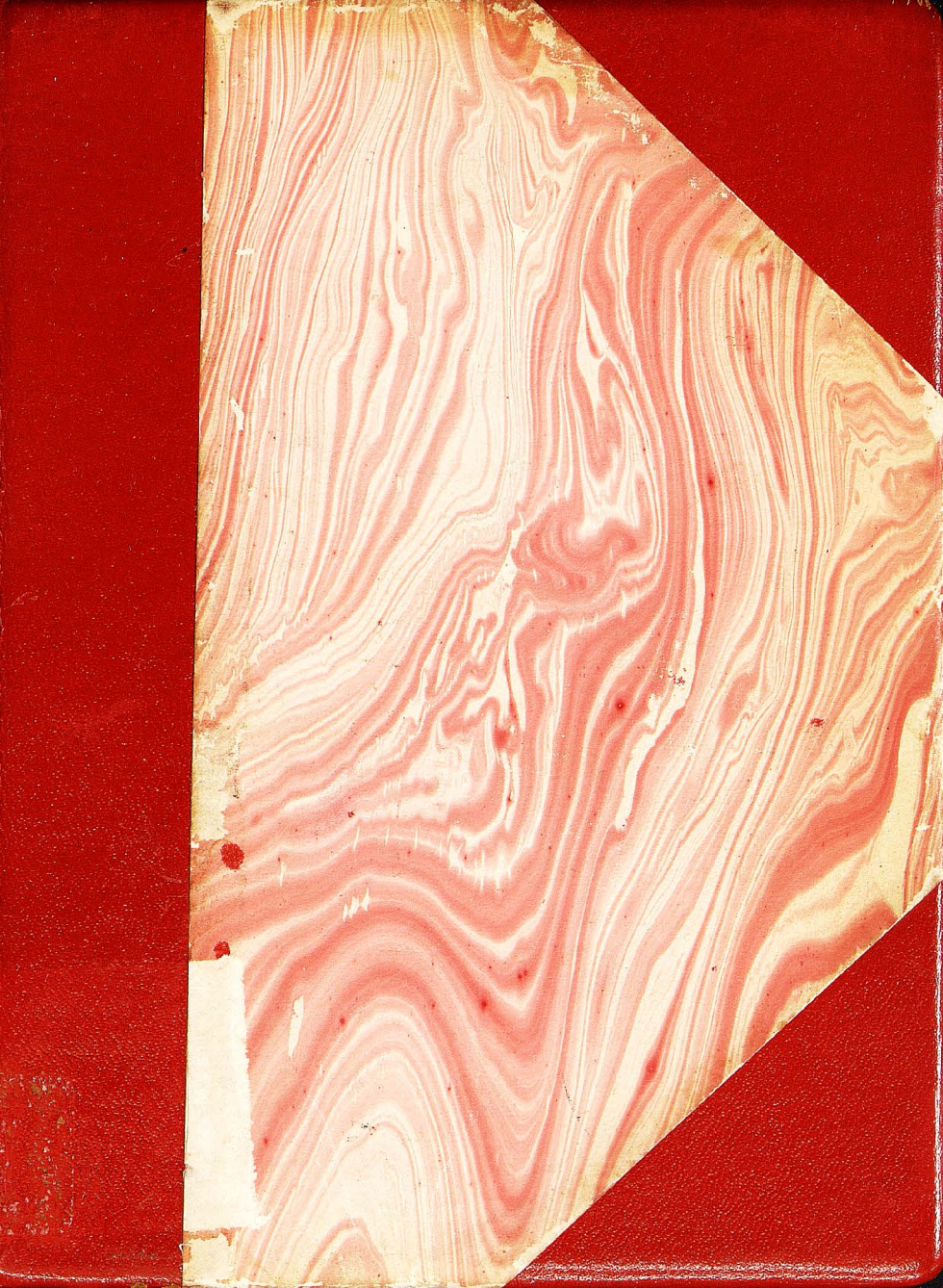




GUSTAVO BARROSO

(JOÃO DO NORTE)

da Academia Brasileira

HERÓES

E

BANDIDOS

(OS CANGACEIROS DE NORDESTE)

2.^a EDIÇÃO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166, RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELO HORIZONTE

49-A, Rua Libero Badaró

Rua da Bahia, 1052

1931

25,00
25,00

HERÓES E BANDIDOS

OBRAS DO MESMO AUTOR

- "Terra de Sol" (Natureza e costumes do Norte).
"Praias e Varzeas" (contos).
"Idéas e Palavras" (chronicas).
"Coração da Europa" (ensaio).
"Casa de Maribondos" (anecdótico).
"Pergaminhos" (contos medievales).
"Intelligencia das coisas" (ensaio).
"A Balata" (monographia).
"Heroes e Bandidos" (cangaceiros).
"En el tiempo de los zares" — em espanhol — (novella).
"Mapirunga" — em inglez — (novella).
"Catalogo geral do Museu Historico".
"Tratado de paz" (traducção).
"Comedias e proverbios" (traducção).
"Fausto" (traducção).
"Lições de moral".
"Vocabulario das crianças".
"Apologos orientaes".
"A Ronda dos Seculos" (contos).
"O Sertão e o mundo" (folk-lore).
"Ao som da viola" (folk-lore).
"Mula sem cabeça" (contos).
"Tição do inferno" (romance).
"Atravez dos folk-lores".
"O Ramo de Oliveira" (viagens).
"Antes do Bolschevismo" (novella).
"Uniformes do exercito" (historia).
"Alma sertaneja" (contos).
"O anel das maravilhas" (conto para crianças).
"Almas de lama e de aço" (Lampeão e outros cangaceiros).
"Livro dos milagres" (contos).
"Mosquita muerta" — em espanhol — (novella).
"Tradições militares" (conferencia).
"Discurso de recepção".
"A guerra do Lopes" (contos historicos).
"A guerra do Flores" (contos historicos).
"A guerra do Rosas" (contos historicos).
"A guerra do Vidéo" (contos historicos).
"A guerra de Artigas" (contos historicos).
"Mythes, contes et légendes des indiens" (folk-lore).
"O Brasil em face do Prata" (historia).

ND 71-656
GUSTAVO BARROSO

(JOÃO DO NORTE)

da Academia Brasileira

HERÓES

E

BANDIDOS

(OS CANGACEIROS DE NORDESTE)

2.^a EDIÇÃO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166, RUA DO OUVIDOR, 163 — RIO DE JANEIRO

S. PAULO

49-A, Rua Libero Badaró

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1052

1931

Câmara

Biblioteca

C. 1111 1111 1111
CÂMARA DOS DEPUTADOS
BIBLIOTECA PEDRO ALFARO

D

006042/1900

11.01.05

M

NS 717656

856



V

316:344.7(812/813)

BARRO G

HEROE

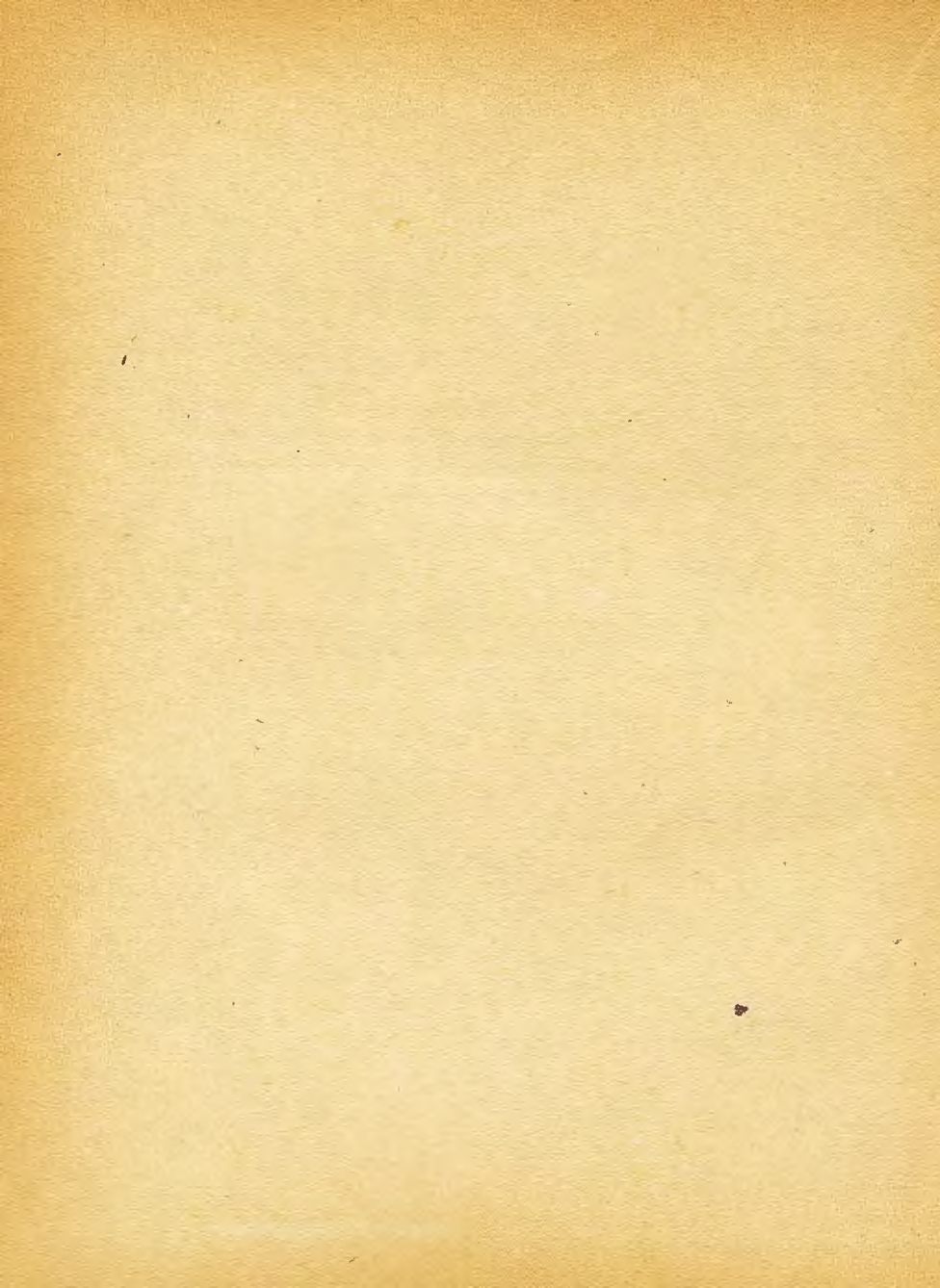
2.ed

Ao meu amigo

Afranio Peixoto

*«Il est dangereux de trop faire
voir à l'homme combien il est égal
aux bêtes, sans lui montrer sa gran-
deur. Il est encore plus dangereux
de lui laisser ignorer l'un et l'autre.
Mais il est très avantageux de lui
représenter l'un et l'autre.*

PASCAL — *«Pensées».*



I

AS CAUSAS

«La Moderna Italia, nell'apice della sua viltà e nullità, mi manifesta e dimostra ancora agli enormi e sublimi delitti che tutto di vi si van commettendo, ch'ella, anche adesso, più che ogni altra contrada d'Europa, abbonda di caldi e ferocissimi spiriti a cui nulla manca, per fare altre cose, che il campo e i mezzi.»

ALFIERI — *«Il Principe e le lettere».*

A grande região compreendida entre o rio São Francisco e o valle do Cariry, estendendo-se da serra do Quicuncá á do Martins, dahi ás faldas da Borborema, aos contrafortes da Baixa Verde e dos Dois Irmãos, é o *habitat* do banditismo. Alli se encontram e se aproximam as fronteiras de sete Estados, tendo nesgas de territorios que se enfiam umas nas outras, como cunhas. O meio, a cumplicidade do habitante e a facilidade de fugir dum Estado para outro eferecem guarida segura a todos os criminosos.

Para o sul do Ceará, a grande planura do sertão resequido alonga-se com as varzeas e campos ermados ao sol. O gado faminto rompe, destramando garranchos, catingas e carrascos sem folhas. Serrotas escuras, pedrentas, áridas, avultam á luz. Uma alta barra mais azul que o céu demora no recuado horizonte. E' a chapada do Araripe com oitenta e muitos kilometros de largura, calçada

de lages calcareas, atapetada de pasturas, onde, á sombra dos piquis, se aprumam os “tombadores”. Ao pé, se estende o valle do Cariry. Nelle não se sente mais o rescaldo da planicie crestada nem se avistam sómente agruras e pastagens amarellas se esfazendo em pó. Ha sombras. Roças capinadas verdejam. Tem-se a alegria de ver coisas verdes depois que se atravessou a extensão comburida e maninha, africana e ardente, que o portuguez apellidou “sertão de Mombaça”. Valle relativamente fertil, destinado a sofrer menos nas sêcas, alcança as raias do Pereiro e se espraia até Guaribas, Brejo Secco, Nova Roma, Missão Velha e a Serra de S. Pedro.

O Cariry é celebre por sua historia. Nelle se deram os motins de Filgueiras e Pinto Madeira, de Belém e do Padre Cicero.

Lá, quando foi da republica do Equador, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe guardava as melhores reservas de homens. E’ immensa a herança de lutas e guerrilhas. Até hoje, houve alli quinze rebeldias ! Eternizam-se as questões intestinas e repetem-se amiudadamente ataques e incendios de povoações. Sua fartura convida os cangaceiros errantes. Seus nucleos de fanatismo os acolhem e geram uma ociosidade perniciosa.

No interior da Parahyba, esse papel é exercido pela villa do Teixeira e terras circumdantes, cortadas pela estrada que, partindo do São Francisco, atravessa a bacia do Piranhas, por onde transita o maior commercio daquelles logares. Os baluartes da Borema impedem a marcha dos elementos civilizadores que vêm do litoral e as suas alfurjas dificultam as perseguições. Os mais afamados cantadores sertanejos documentaram a celebridade do Teixeira. Essa tradição oral é uma das mais sinceras fontes para a historia do cangaço. O velho Nicandro dizia em 1877:

“Que fim levaram os cangaceiros,
Que malhavam ⁽¹⁾ no Teixeira?”

Ugolino cantava tambem:

“Goyana é para ladrão
E Teixeira pr’a valentão!”

Os sertões de Triumpho e Pagehú de Flores são os maiores valhacoutos de bandidos, em Pernambuco. Todo o grande criminoso

(1) Malhar, acção do gado reunir-se e deitar-se para ruminar, repousadamente, em lugar sombrio e agradável. Empregado por extensão: “que malhavam”, isto é, que estadeavam, demoravam, viviam.

matuto passou por alli. Saint-Adolphe, baseado em documentos officiaes, afirma que já em 1750, existiam no Pagehú trezentos e cincoenta criminosos em liberdade !

Si, actualmente, no sertão Bahiano, á margem do Vasa Barris ou de outros rios, não estadeiam nem se homiziam milhares de bandoleiros, não se deve esquecer que alli fizeram frente a um exercito inteiro, dando exemplo duma resistencia poucas vezes registada pela historia.

No conjuncto das zonas apontadas, vivem os bandidos sob a protecção do terror que inspiram, das autoridades politicantes ou dos chefes de partido e mandões da terra, atravessando as fronteiras, quando precisam fugir a perseguições policiaes ou vinganças particulares, mutuamente se ajudando nas evasões, rapinagens e matanças. Tudo isso relembra a Albania com a eterna quizilia de seus beys, as lutas dos clans gaelicos, as partidas mexicanas do Chihuahua, as pelejas sem treguas de todos os povos anarchisados e retardados.

Não sómente nessas zonas sertanejas existem cangaceiros. Ahi surgem em maior numero e continuadamente, enquanto noutras paragens rareiam, dispersam-se e causam damnos tanto menores quanto lhes falta a

força derivada do numero e do mutuo esforço.

As causas do banditismo — o mais importante phenomeno da rude vida do sertão — são complexas e o seu estudo oferece sérias dificuldades. Agrupamentos de muitas causas primarias e secundarias formam, com a ausencia de umas, com o concerto de outras ou com a reunião de todas, a razão da existencia do typo social do cangaceiro, alma feita de contrastes, anormalidade quasi normal na primitiva e estiolada sociedade sertaneja. Emmaranham-se causas e efeitos, os phenomenos resultam de tantos antecedentes e geram tantas consequencias que seria temeridade falar das leis que os regem e produzem a criminalidade no interior do nordeste brasileiro. As leis que concatenam as causas e factos e pelas quaes se manifestam aquelles de que vamos tratar, certamente existem, mas são ainda desconhecidas. Não se segue que não actuem só porque as ignoramos. Cabem aqui as frases de Taine e Stendhal: “Se no tempo de Kepler não podiamos explicar o movimento dos planetas é porque ignoravamos a gravitação. Ella, entretanto, já existia” (2). “Nossos grosseiros antepas-

(2) Taine — “Da Intelligencia”.

sados não sabiam ver a electricidade. Ella só por isso não existia ?” Na impossibilidade de apontar com segurança as leis que governam os phenomenos sociaes, resta, unicamente, a quem os estuda, expôr dados geraes, esmiuçar os moveis, examinar o meio physico e moral, mostrar causas apparentes ou remotas, alinhar episodios e commenta-los.

Factos observados amiudadamente, considerações nascidas da constancia de certos motivos, circumstancias de ordem empirica, minucioso estudo de acontecimentos periodicos, do meio, da raça, da formação social, são as unicas bases para um systema de idéas que nos dê as razões explicativas do banditismo sertanejo. Os seus crimes não devem ser encarados sómente sob o aspecto juridico ou humano.

Acompanhando as modernas correntes sociologicas e criminalistas, somos obrigados a estuda-los nas suas manifestações psychologicas e a passar em revista as causas que os produziram, quer na ordem physica, quer na social, causas mais importantes do que elles em si proprios, porque não passam de consequencias logicas e resultantes fataes. “O crime sob todos os aspectos e formas, da mais equívoca á mais evidente, da mais perdoavel á mais infame, passa integralmente da vida

á sciencia, que o submete ao bisturi da anatomia physica ou moral e á lente da sociologia, afim de procurar em seguida, por inducção, os remedios positivos da hygiene e da medicina sociaes (3).

Os bandidos não são productos exclusivos das terras brasileiras de nordeste. Em todos os povos têm existido com denominações diversas. O jagunço não é criminoso por méro accidente de seu character; não é criminoso, ás mais das vezes, por si proprio. Elle termina uma série de antecedentes os mais variados ou é um elo na seriação de causas as mais diversas. “Cada qual moraliza ou desmoraliza por sua conducta os descendentes, porém já foi, em maior gráu, moralizado ou desmoralizado pelos ascendentes” (4). Necessario, portanto, se faz estudar as modalidades da vida matuta, tanto as de agora, como as do passado, desfiar causa e causa, motivo e motivo, razão e razão; destramar os usos e costumes e analysar formas do viver, procurando filiações historicas; esgaravatar a existencia vagabunda do selvagem e rastrear os filhos pelos paes até o outro lado do oceano.

(3) E. Ferri — “Os criminosos”.

(4) Letourneau — “Physiologia das Paixões”.

Só se conhecerão as tendencias do homem do nordeste, remontando a acção dos elementos ethnicos e sociaes que o formaram. Chateaubriand achava que a sociedade medieval se constituira com a ruina de muitas sociedades. A sociedade sertaneja é o resultado da ruina de tres raças, cada qual com diversa natureza moral e physica, com expansões diferentes e manifestações contrarias. Ellas se derruíram no caldeamento da mestiçagem baralhada. Anniquilaram-se quasi desdobradas em productos hybridos e, como os mestiços não se fixam ⁽⁵⁾, largo tempo continuarão a misturar os sangues até que se destruam ou regressem, pela adhesão constante de um dos typos iniciaes, aos estalões de onde vieram. Do marasmo em que vivem decaídas, certo um dia sairão fortelegadas e aptas.

Domingos Sarmiento, estudando a barbárie dos pampas argentinos, demonstrava o valor dos antecedentes historicos na eterna anarchia dos povos hispano-americanos e na sua falta de capacidade dirigente. Já em mais remotas éras o grande Lucrecio deixava estas interrogações nas paginas do "De Natura Rerum": "Por que a raça funesta dos leões gera a insolencia e a das raposas a as-

(5) Letourneau — "Sociologia".

tucia? Por que o instinto de fuga passa nos veados de paes a filhos? Por que, em tudo e por tudo, desde os primeiros dias da vida, se transmitem a forma do corpo e a forma do character?”.

Os sociologos affirmam que o homem, de origem e pela propria organisação, tem todas as necessidades e inclinações da animalidade de que proveio, certo prazer mental, inherente á mesma animalidade, em fazer sofrer os entes mais fracos e que só a força da civilização consegue modificar essés instinctos primévos, contudo sem os extirpar de vez.

Carlos Letourneau diz que o prazer mental de torturar o inimigo é mesmo uma condição de vida. Audubon narra a voluptuosidade, que presenciou, duma aguia branca devorando um cysne e compara esse facto com outros identicos praticados por homens. Houzeau cita, em apoio da mesma afirmativa, o caso dos macacos anthropomorphos maltratarem os quadrupedes inferiores. “A bondade é rara entre os camponezes”, afirma Stendhal ⁽⁶⁾. Para Spencer, nas sociedades primitivas, rapinantes e guerreiras, a piedade quasi não existe. Num meio assim, toda cria-

(6) Stendhal — “Roma, Napoles, Florença”, pagina 228.

tura bôa e, portanto, fraça será destruída. E' necessario ser máu para viver. Segundo a interessante observação dum sociologo moderno, as raças inferiores, especialmente as sensitivas e voluveis, são crueis quasi inconscientemente, á semelhança das crianças com quem se parecem. "A necessidade de odiar precedeu de muito a de pensar" (7). Alix afirma que o homem creado á lei da natureza demonstra o poder das inclinações primitivas, porque não sabe disfarçar as paixões e entrega-se á sua violencia. "Se se póde e se deve muitas vezes resistir mais ou menos victoriosamente ao desejo, não se póde impedi-lo de nascer nem abafa-lo depois de crescido" (8). Tanto mais inculto o homem, tanto mais actos violentos pratica, cedendo ás paixões de momento, ás impressões da ocasião. Para domina-las, são precisas longa educação e regular herança de inclinações e sentimentos bons (9). E' muito do sertanejo o prazer de arrostar a opinião e o goso de sentir-se diferente do commum dos mortaes.

O clima sertanejo têm a maxima culpa na producção da cangaceiragem. Strabão, descrevendo a Europa occidental, dizia: "Acon-

(7) Letourneau — "Physiologia das Paixões".

(8) Id. op. cit.

(9) Id. op. cit.

tece, com efeito, que, nas regiões ferteis, as populações são sempre de genio pacifico, sendo bellicosas e energicas nos paizes pobres". Letourneau exprime-se deste modo na "Physiologia das Paixões": "A ferocidade dos sentimentos de certos povos talvez se origine da fome, porque esta torna o homem não um ser sociavel, intelligente e mais ou menos moralizado, porém um individuo mergulhado na animalidade de onde mui verosimilmente proveiu". A deficiencia da alimentação gera a miseria organica com um cortejo de perturbações physiologicas e desequilibrios nervosos, que se transmitem, ás vezes mais se accentuando, de paes a filhos.

A fome, porém, não é a causa unica de guerras, matanças e crimes. Mil outros motivos concorrem. "Viver é satisfazer todas as suas necessidades quaesquer que sejam" ⁽¹⁰⁾. Ella é, entretanto, uma das causas primordiales. A Calabria, a Corsega, a Serra Morena, os desertos da Syria e da Mauritania, todos esses coutos de salteadores, nunca foram gabados por sua abundancia. Dutrochet fazia os phenomenos vitaes derivarem das condições physicas. Para Victor Hugo, a alma da terra passava para o homem e fôra a alma da

(10) Letourneau — "Sociologia".

Bretanha que produzira os chuans. Foi a alma do sertão que moldou e fundiu a do cangaceiro. Afim de viver nessa região agreste, batida de sol, é demasiadamente sóbrio. O eterno combate contra o meio inhospito desenvolve-lhe a coragem e a resistencia. A ameaça continua de perecer dá-lhe o fatalismo e estoica resignação para todos os males.

Um facto mostra a importancia das condições climaticas. Ribeiras houve regadas longos annos seguidos por invernos fecundos e abastecidas por abundantes colheitas. Durante o periodo de fartura, não surgia um bandido. Os enxotados das visinhanças não pousavam, porque lhes davam caça. Vieram sêcas. Os seareiros fugiram para os povoados, emigraram para a Amazonia, ou, de agricultores, se tornaram miseros cabreiros. As terras amaninharam-se abandonadas. O cangaceiro veio de fóra e domiciliou-se ou irrompeu da propria gente arruinada

Perquirindo o recesso da alma do bandido sertanejo, encontram-se as mesmas asperezas que á face do solo onde nasceram e em cuja aridez medram os vegetaes espiculantes. O caroá, o gravatá, a cubeba e a palmatoria enchem o respaldo dos chapadões. A corôa de frade vermelheja entre umburanas, juremas e facheiros. As macambiras entremeiam-se ás

unhas de gato, á sombra dos rompe-gibão, dos sabiás, dos juás e das favellas. O mandacaré e o xique-xique agrupam-se em touceiras.

Todos esses espinhos, cada qual com sua forma e sua maneira de ferir, elle os têm na alma para atirar contra o inimigo !

No sertão, a população dedica-se mais á vida pastoril do que á agricola. A primeira é mais intensa e melhor organizada que a segunda. Todos os costumes e tradições se baseam na vida do pastoreio. O povo tem em si o nomadismo natural das raças pastoras. Nos raros lugares onde a vida agricola apparece mais desenvolvida, esse progresso é tão diminuto, as relações que produz tão sem valor, que a agricultura não se destaca da posição inferior de auxiliar da pecuaria.

Como povo pastoril, não tem vida em sociedade. Contráe habitos de insulamento. Falta a confiança nas garantias que emanam da associação, o que gera a coragem pessoal, desenvolve os odios e augmenta os instinctos de defesa propria. Em todas as manifestações da vida sertaneja, campeando o gado, caçando, caminhando dias inteiros sem topar uma casa, o homem adquire o costume de viver longe da communidade e de sómente contar comsigo em qualquer luta. As privações o endurentam e tal habito lhe dá desprezo pelas

seguranças que a sociedade oferece, fortalecendo seu amor próprio.

Os trabalhos agrícolas dificultam a ociosidade, porque obrigam a muitas horas de labor e occupam grande numero de braços. A criação do gado requer menores cuidados. O gado procrêa á solta. Durante o inverno, um vaqueiro dá conta de duzentas rezes com facilidade. Sobra-lhe muito tempo, que emprega em preguiçar, jogar ou beber, porquanto não ha o menor rudimento de vida social e nenhum divertimento que desentiedie. Eis um trecho de profunda observação a respeito, escripto por um homem do sertão, no começo do seculo passado, prova completa da asserção feita acima: “Rara é a pessoa que não puxa a *orelha da sota*; muitos aqui fazem do jogo sua occupação ordinaria... assim é, porque a esterilidade do lugar não permite o uso da agricultura em que esses homens possam achar occupação” ⁽¹¹⁾. Das emoções da jogatina e da beberrónia, nas vendas e tavernas que marginam os caminhos, para a caça de aventuras maiores e emoções mais fortes, vai sómente um passo. “Dos handidos sarta-

⁽¹¹⁾ “Memorias do professor Manoel Ximenes de Aragão”.

nejos aos caudilhos das cidades a linha é recta” (12) .

Sarmiento refere-se á importancia da taverna no banditismo dos pampas com estas palavras: “Sáem os homens sem saber bem para onde. Uma parte do dia gastam numa volta, afim de ver o gado, visitar uma cria ou a querencia dum cavallo predilecto. O resto do tempo passam na reunião duma venda ou *pulperia*. Alli se encontram uns tantos moradores da visinhança, dão-se e recebem-se noticias de animaes perdidos, riscam-se no chão as marcas do gado, sabe-se onde se caçam tigres e rastreiam pumas, combinam-se os pareos das corridas, escolhem-se os melhores cavallos; emfim, alli está o cantador e todos fraternizam pelo circular do copo e as prodigalidades dos mais abastados. Naquella vida tão sem emoções, o jogo desperta os espiritos enervados, o licor accende as imaginações entorpecidas. Essa associação accidental, quotidiana, consegue formar pela sua repetição uma sociedade mais estreita e intima do que a de onde proveiu cada individuo. E nessa assembléa sem objecto publico, sem interesse social começam a se esboçar as reputações

(12) Afranio Peixoto — “Maria Bonita” (Notas).

que mais tarde, com os annos, apparecerão na vida politica” (13).

Esse flagrante da vida pampeana é um instantaneo da vida sertaneja, porque no interior do centro-norte a scena é a mesma, os motivos identicos, as razões iguaes e muita vez das bodegas matutas saem os maiores criminosos e os caudilhos inferiores, que ameaçam subverter com a jagunçada o proprio meio social de que vieram.

O homem alli vive primitivamente como os povos que demoram no mesmo estagio de civilização: gaúchos, beduinos, esclavonios, tartaros ou *cow-boys*. O accesso do sertão é difficil. Está longe das cidades e portos de mar, dos recursos e idéas que lhe poderiam fornecer. Os poderes publicos criminosamente o deixam entregue á miseria aspera do clima, alimentado deficientemente, pasto de ophtalmias e sapirangas (trachoma), de anemias, sarampos, fleimões e nevroses, minado em algumas partes pela ankylostomiasse, a opilação, as doenças do figado, a lechmaniose e até a lepra. O interior do Brasil não é um vasto hospital como afirmou o illustre Dr. Miguel Pereira; mas a falta de hygiene é grande e ha regiões onde grassam as peores

(13) Sarmiento — “Facundo”.

molestias. Quando uma epidemia cáe sobre o sertão, devasta as gentes como ás foiçadas o capinzal acama. Não se conhecem cuidados hygienicos, não se acreditam em preventivos. As autoridades sanitarias nada podem fazer, porque são leigas na materia e lhes faltam meios. O poder central nem chega a saber quando a variola dizima um povoado. No meio do seculo passado, as pestes de cholera e outras matavam 60 % da população!

O habitante do sertão está, assim, murado num ambiente onde não ha o menor desenvolvimento, ignorando quasi por completo a civilização moderna, em contacto diario com as tradições unicas da raça e do meio, revendo o passado em todas as manifestações da vida, enchendo-se de preconceitos doutros tempos, procurando imitar os antepassados e praticar hoje acções compativeis com o estado social de seculos atraz. Demais, a luta feroz desse homem desprezado pelo poder publico, insulado, contra a natureza armada com todas as armas dá-lhe grande pretensão de superioridade e torna indomavel a altivez do character, poucas vezes máu e sempre pes-simamente educado. Foi a vida triste, solitaria e forte dos pastores que formou sempre as maiores multidões de bandidos. Ella reuniu os massagétas, agrupou os hyksos, arrastou

os hunos sobre a Europa, deu poderio aos derviches da Nubia e ao senussi tripolitano.

Houzeau fez notar que os animaes reunidos em casaes ou pequenos bandos são mais crueis e guerreiros do que os agrupados em communhões mais ou menos disciplinadas. Citava o exemplo das formigas, que faziam guerra com estrategia e tactica, raramente tendo duellos de rivaes furiosos. O movel do interesse era mais alto ou, melhor, mais disfarçado. Guerreavam nações, não disputavam individuos. Saber disfarçar os motivos interesseiros já é grande passo para a civilização. Enquanto isso, os gorillas se batem á pedra e a pau, matando-se em combate singular “á maneira dos homens” (14).

Como admirar-se alguém do jagunço saquear, violar, e chacinar, se a mesma coisa fazem os povos superiores? O mais virtuoso dos imperadores de Roma mandou massacrar os judeus. Foi a Hespanha opulenta e culta do seculo dezeseis que afogou em horrores as rebeldias flamengas. A França, quando em situação de cultura pouco maior que o sertão, mal respirava sob a feroz pres-

(14) Houzeau — “Études sur les facultés mentales des animaux”.

são dos armagnacs, dos borguinhões, das “companhias brancas” e dos “esfoladores”.

Mais tarde, teve Mandrin e Moneuse, os “chauffeurs”, as companhias de Jehu e do Sol.

Na produção do cangaceirismo, muito influem as distancias e a falta de communicações. Estudando o extremo sul do continente americano, Head mostrou a influencia das grandes extensões sem transportes, que vão “das palmeiras tropicaes ás neves quasi polares”. O sertão vive á parte do convívio nacional pelas grandes distancias a percorrer e falta quasi absoluta de meios de communicação. As estradas de ferro de penetração são poucas e ainda não completadas. As de rodagem estão em projecto ou em estudos. Existem sómente velhos caminhos coloniaes, estragados pelas invernias e o passar das tropas e boiadas, veredas torcicolosas nas terras particulares e raras vias abertas pelos retirantes, durante as sêcas do seculo passado.

Sarmiento afirma que uma das maiores causas do banditismo nos pampas é a extensão deserta que rodeia os pequenos nucleos de população, separando-os de qualquer convívio. As povoações matutas ficam a enormes distancias do litoral. Sómente este acolhe os elementos da civilização exterior, ten-

do, assim, maior riqueza e maiores gozos, e podendo transmitir ao interior influencia e emoções que receba. Não pode, porém, fazer a transmissão com rapidez e energia, porque a carencia de transporte demora iniciativas e impede a immediata acção dos elementos recebidos. O sertão solitario estiola-se na luta silenciosa contra a natureza.

Fortes obstaculos naturaes dificultam as communicações. Os transportes se fazem em burros como no Egypto, a seis mil annos, no Sudan e no Kordofan, ainda hoje. Os rios não são barreiras de custosa passagem, porque estão sempre secos. As cheias, apesar de enormes, rapidamente se escoam. Mas as montanhas impedem o transito nas zonas onde é mais necessario. Os mestres da sociologia asseguram que as cordilheiras mantêm o insulamento dos povos, fazendo-os conservar os caracteristicos primitivos. Os montes Grampians demoraram a chegada da civilização latina aos Pictos e Caledões. O planalto do Thibet guardou seculos os mysterios do Dalai-lama. Luiz XIV, julgando a Hespanha jungida á influencia franceza, sentenciára: “Não ha mais Pyreneus”. As serras mantiveram quasi puras a lingua, a raça e as usanças do paiz de Galles, dos Vasconços e Cantabros. Os Alpes garantiram a liberdade e os

usos dos suíços. Os pincaros do Tchernagora conservaram os costumes patriarchaes do Montenegro. Os Appeninos deram audacia aos bandos de Gasparone. A Borborema mantém as dissensões do sertão parahybano. Os Carriys, o Araripe e o Pereiro param a marcha dos elementos de cultura, defendendo as tradições do banditismo.

As estradas de ferro ficam ainda a caminhos dos verdadeiros focos do crime. Em muitos Estados nem tentam penetrar no sertão. Beiram a costa. Tão decisiva sua influencia nas condições de vida daquelles ermos que o proprio sertanejo diz em tom de proverbio: "Onde chega o "vapor de terra" ⁽¹⁵⁾ desaparece o cangaço" ⁽¹⁶⁾.

Faltando-lhe transporte, o matuto é obrigado a restringir gozos e sopitar inclinações. Supre-se a si mesmo. Produz quasi tudo de que carece. Importa algumas fazendas, muitas armas e munições. De mais nada precisa. A dureza da existencia solitaria e triste não permite devaneios nem certas ambições. É

⁽¹⁵⁾ "Vapor de terra" é o trem, o contrario do "vapor do mar".

⁽¹⁶⁾ Armamento; de canga, porque o bandoleiro antigo sobrecarregava-se de armas, trazendo o bacadarte passado sobre os hombros como uma canga. Andava debaixo do cangaço. Empregado aqui no sentido mais lato de acção de banditismo.

de inegalavel sobriedade. O general Couto de Magalhães diz na “Viagem ao Araguaya”: “O gado dá-lhes em abundancia carne, leite, coalhada, queijo... plantam em roda da casa a mandioca... fazem roupa com o algodão que lhes cresce nas roças e é fiado pelas mulheres; de modo que a não ser o bocado de ferro para arma ou freio, tudo mais lhe é fornecido pela natureza com tão pouco trabalho que mete inveja a nós outros civilizados”. A mesma coisa no nordeste, sendo que lá até o freio e o estribo são batidos ou moldados pelo ferreiro da terra.

A falta de trocas, desde as do commercio ás do espirito, predispõe aquellas populações aos máus instinctos do homem barbaro. Dahi a facilidade dos alevantes que dão a impressão de surgirem espontaneamente. Para mostrar o estado de anarchia em que se debate a sociedade sertaneja durante e após as rebeldias, bastará lêr um trecho das “Memorias” do professor Ximenes de Aragão: “Neste mesmo anno (1829) principiou a girar a moeda de cobre em numero nunca visto entre nós, o que deu lugar ao desaparecimento da moeda de prata. Foi, com efeito um dos males mais terriveis o aparecimento desse cobre, porque ao principio corria moeda de grossura ordinaria, e, á medida que ia

augmentando o seu numero, faziam-n'a tão fina que qualquer pessoa, com a maior facilidade, dobrava um vintem entre os dedos como si fôsse feito de folha de Flandres. Em muitas partes havia fabricantes dessa moeda, mesmo pelo mato, trabalhando quasi publicamente. Eram tão mal feitas que muitas nem letras tinham e outras não eram inteiramente redondas. Viam-se pelos sertões comboios e mais comboios de dinheiro em surrões de coiro cru á maneira de comboios de sal..." Até hoje o sertão não conseguiu libertar-se do dinheiro falso. Em todas as feiras de gado, o criador que julgou ter feito optimo negocio, vendendo uma boiada por elevado preço, descobre dias ou mezes depois que lhe pagaram em notas falsas. Antonio Silvino viveu sempre passando dinheiro falsificado. Foi preso com uma cedula falsa de duzentos mil réis no bolso. No interior da França exaurida e semi anarchisada em consequencia das guerras de Luiz XIV, os grandes salteadores das estradas reaes accumulavam essas funcções com as de moedeiros falsos (17).

O Rio Grande do Norte é, do nordeste brasileiro, o Estado menos assolado pelo ban-

(17) "Causas Celebres".



ditismo. Basta olhar a sua carta e logo se verá a razão. O oceano banha-o a norte e nordeste. As costas se encontram quasi em angulo recto. O territorio pouco se estende para o centro. As cidades e zonas mais populosas ficam a menor distancia do mar. A penetração de energias civilisadoras é facil. Parahyba e Pernambuco ao contrario, têm pequena faixa costeira e se alongam e alargam sertão adentro, além das fileiras de serras que os separam do litoral. O Ceará, embora tenha grande linha de costas, estende-se muito para o interior. E o cangaceirismo nelle não é tão forte quanto na Parahyba.

Estudando a questão do cangaço, o jornal parahybano a "União" clamava contra a falta de communicações de maneira a corroborar tudo quanto afirmamos: "Ahi está a civilização de todo o interior a pedir meios de transportes e outros melhoramentos, afim de que lá penetre o progresso e as nossas populações sejam mais alguma coisa do que immensa tribu apenas acabada de passar da vida nomade á sedentaria".

Para Sarmiento ⁽¹⁸⁾, as populações do litoral argentino alcançavam o decimo nono

⁽¹⁸⁾ "Facundo" — Isto no meio do seculo pasado.

seculo, mas as do interior tinham ficado no decimo segundo. No nosso sertão, o seculo dezesete não transcorreu e olha das pirambeiras e catingas para o seculo vinte, que, parado á beira mar, se espanta por vê-lo ainda alli. O mesmo phenomeno que na Italia, quando Napoleão tentou forjar sua grandeza. Diz Stendhal que sobre um paiz do seculo dezeseis o Imperador atirava a civilisação do seculo dezenove. Esse choque produziu o desmoro-namento da obra. No sertão, delle resultam sempre manifestações guerreiras.

A sociedade sertaneja não evoluiu. Ha civilizações que chegam a uma culminancia e depois declinam. Outras nada atingem. Es-gotadas pelos proprios esforços para subir, embora pequenos e dispersos, degeneram e cáem em marasmo ou anarchia. A gente do sertão ficou o que era na epoca das bandeiras aventurezas, das primeiras mestiçagens e das primeiras lutas. Já no tempo colonial uma carta régia mandava os capitães-móres to-marem sérias medidas, porque no sertão se faziam mortes por quatro vintens ! (19).

(19) V. Pereira da Costa — “Notas para a His-toria do Piauhy”.

— Sobre instrucção publica, de que mais adiante tratamos, seria bom lêr, para nos dar razão, Libe-rato Barroso — “A instrucção publica no Brasil”; Almeida Oliveira — “O Ensino Publico” e Ruy Bar-bosa — “A Reforma do Ensino Primario”.

A physionomia social é a da epoca da colonia em todos os aspectos, desde o plantio da mandioca aos singelos versos dos tropeiros. Armas, expressões de linguagem, sentimentalismo rude, susceptibilidades pundonorosas, as mesmas de tres seculos passados. Ainda ha pouco tempo, o cangaceiro usava o trabuco, o bacamarte bôca de sino, o “lacambéche” de pederneira, a granadeira reiúna de munção. O “riffle” Winchester foi introduzido pelo emigrante escapo ás molestias da Amazonia, que o trouxe de torna viagem, para a terra-mater, como grande novidade ^(19ª).

Um francez, nosso amigo, que jámais penetrára no interior do Brasil, escreveu-nos do Piahy, o seguinte: *Les négociants de Therezina sont “atrazadissimos”. Ce n’est pas du retard, c’est l’ignorance des individus do seizième siècle*. Nessa sociedade retardada, a moral é unicamente mantida pelos usos. Os de bôa indole procuram seguir uns tantos dictames: respeito aos velhos e mulheres, ás mal interpretadas normas da religião e a certos costumes. Nada mais. Ouvindo-se uma palestra sertaneja ou poesia de pé de viola, julgar-se-á ter entrado no seio duma socie-

(19ª) Actualmente, o sertão está armado a Mauser pelas revoluções e pela chamada legalidade...

dade de outras éras, do tempo em que os padres educavam e instruíam os matutos.

Porque, depois que o jesuita foi expulso, ninguém ensinou mais coisa alguma ao sertão. Ao tempo da monarchia, eram pouco numerosas as escolas publicas. As da Republica não são também em grande numero e a politicagem impede que produzam beneficios reaes, removendo professoras, afim de servir antipathias de potentados, pagando-as mal e com atrazo, quasi não provendo os estabelecimentos de material escolar e não fiscalizando o ensino. Os Estados, chamando a si as rendas dos municipios, obrigaram-nos a fechar as escolas municipaes. Algumas de menos. A frequencia das classes é difficil; as distancias grandes e exiguas as conducções. Os meninos dos povoados aproveitam alguma coisa. Os dos arredores, pobres, precisando ajudar os paes da labuta diaria ou maddraçando, porque não os obrigam a aprender, impedidos de frequentar a aula todo o dia pela extensão da caminhada, pouco ou nada adiantam. Ha sem exagero uma proporção de 97 % de analphabetos !

Na linguagem e nas pauperrimas manifestações de arte, se nota o reflexo do dominio da Companhia, que fanatizou, mas ensinou muito. Junto de cada igreja, havia uma es-

cola. As ruínas desses edificios, das *casas dos padres*, ainda se vêem nos adros dos povoados. Daquelles casarões brancos, quadrados, severos, derramaram-se grandes benefícios, tanto para a lavoura e a pecuaria, como para os espiritos com as luzes dos livros classicos. Raro era o sertanejo de melhor categoria que não soubesse, regularmente, rudimentos de latim e rhetorica, philosophia e historia.

Analogia da vida sertaneja com a da idade média. Nesta o culto das armas e o amor da guerra repelliam as letras, que se refugiaram nos conventos. Naquella, o apanagio do cangaceiro é o analphabetismo e o pouco e unico saber que possuiu foi o que se originou nas mansões religiosas.

O estado intellectual do sertanejo é tão primitivo que elle não póde sentir todas as sensações que sentimos. Sem o menor defeito visual, não distingue bem as côres. Poucas conhece. Confunde outras. Muitas não percebe. E' incapaz de vêr gradações e esbatidos. Não tem o sentimento da perspectiva, nem clara visão das figuras. A sua vida meio selvagem sómente desenvolve certas sensibilidades, o que é peculiar aos povos primitivos. O "Rig-Véda", o "Zend-Avesta" e os poemas de Homero não têm expressões proprias para

designar certas nuances (20). O pelle-vermelha da America do Norte, de vista aguda, penetrante, não consegue distinguir o cinzento do azul. Nos dialectos da America Central uma unica expressão designa o cinzento e o azul (21). Os lapões são o unico povo que não canta. O arabe delicia-se com o trebelho barbaro e não suporta a musica italiana. Os mongóes não possuem meios tons, nem na pintura, nem na musica. Ha povos que não conhecem toda a escala musical e em maior numero que não conhecem a escala chromatica. O australiano escuta o passo dum cavallo a uma milha de distancia e não tem o menor instrumento de musica (22). O sertanejo confunde o verde com o azul e este com o cinzento e chama vermelho todas as gradações que vão do alaranjado ao rubro (23). Segundo a theoria de Magnus sobre as côres, o homem primeiramente teve a sensação luminosa e sómente começou a perceber as variações do colorido com a educação consecutiva da vista. Um sabio, especialista na materia, diz que, sendo as idéas produzidas pela reflexão applicada ás sensações, para que o individuo faça pela vista idéa exacta dos

(20) Letourneau — "Sociologia".

(21) Waitz — "Anthropologia".

(22) Letourneau — "Sociologia".

(23) G. Barroso — "Terra de Sol".

objectos é necessario e imprescindivel que as faculdades de seu espirito estejam completas e tenham livre acção (24). As faculdades espirituaes do sertanejo são incompletas e rudimentarias. E' a dolorosa verdade.

A opinião sertaneja não pôde ter a noção do aperfeiçoamento, porque lhe faltam instrucção e incentivos. Sua unica base é a rotina. Dahi a grande obediencia aos costumes locais. Não cuida em melhorar nada. Aplica qualquer meio ou idéa como os antepassados applicavam. Planta e colhe, cria e monta, fala e vive como os avôs faziam. Progredir, modificar é atentar contra a memoria da ascendencia e os designios de Deus. Não se rega o roçado na sêca para se não ir contra os castigos da Providencia, do mesmo modo que o camponio italiano não punha para-raios em casa para se não opôr aos desejos da divindade (25). Reage-se, portanto, contra as innovações. Quando o governo decretou o systema metrico decimal, rebellou-se. Então, poderiam consentir que se trocassem as medidas de seus avôs, terças, onças, covados e varas por medidas novas que se não sabiam de onde vinham nem quem inventára — litros, kilos e metros? E a guerra dos “quebra-kilos” foi

(24) Franz — “On the eye”.

(25) Stendhal — “Roma, Napoles, Florença”.

uma epopéa de horrores. Ignorantes e brutaes, temendo a acção da justiça, para extinguir os processos, incendiavam os cartorios. Com o mesmo fito, Antonio Silvino destruía os archivos das camaras municipaes e queimava as malas dos Correios. Emilio Gebhart conta que os sicarios romanos libertavam os criminosos e rasgavam os pergaminhos judi-
ciarios. Na rebeldia da Balaiada, um cabe-
cilha mandou incendiar o cartorio do tabel-
lião duma villa conquistada, sem lançar os
olhos sobre um papel, porque não sabia lêr.
O escrivão suplicou-lhe que não destruísse
os archivos de que tirava meios de subsis-
tencia e em que assentavam os direitos de
familia e propriedade, as obrigações dos ha-
bitantes do termo. Rio e ordenou friamente:
“Queimem ! Ahi dentro é que está a velha-
cada !” (26). Nessa revolta, originada no Ma-
ranhão, nas lutas dos partidos *cabano* e *bem-
tevi*, que atravessou o Parnahyba e veio até o
norte do Ceará, os chefes eram os expoentes
da ignorancia e atrazo do meio. Faziam dos
officiaes da tropa de linha, que caíam prisio-
neiros, secretarios dos seus corpos de exer-
cito. Chegaram a ter mais de seis mil homens

(26) J. Brigido — “O Ceará”. Veja-se o mesmo
facto na “Maria da Fonte”, de Camillo Castello
Branco.

em armas ! Andavam de camisa e ceroulas pretas, afim de se confundirem com a noite e com o escuro das catingas. O seu maioral, Francisco dos Anjos Ferreira Balaio, antigo fabricante e vendedor de cestos ou balaio, era analphabeto e brutal. Raymundo Gomes, outro caudilho, não sabia lêr. Tinha sido vaqueiro e gostava de castrar homens como outróra castrára bezerros ! Jytirana, chefe dos mais crueis, descendente de indios e tão ignorante e selvagem como esses, admirara tanto os simulacros de tribunaes marciaes que Balaio arranjava para condemnar os inimigos, que vivia a berrar, de espadão arrastando : “Que-ro hoje *fazê um conseio militá!*” Outro cabeça era o negro Cosme, evadido das cadeias, unico que sabia lêr. Este terminou a vida feito chefe de um quilombo, onde fundára uma escola, contraste interessante num reducto de pretos fugidos, que viviam de depredações, rapinas e mortandades, cujo dictador assignava com orgulho as cartas em que exigia resgate de pôvoas e fazendas — *Dom Cosme, tutor e Imperador das liberdades bemtevis!* Um ex-sargento de Murat, rei de Napoles, transformado em bandido, denominava-se “Chefe da Independencia Napolitana”. Um cantor matuto chama Antonio Silvino — “Riffle de Oiro, Governador do Sertão”.

Entre as repetidas jacqueries sertanejas, a dos Balaños é um typo classico. Todas começam pela reacção contra medidas politicas ou administrativas, a imposição de novos systemas, de nova lei eleitoral, de novo imposto.

O bandido sertanejo é muita vez um producto do espirito de opposição a que faltam outros meios de revide e polemica, que não a luta armada. Na Italia, o salteador era quasi sempre opposição aos governos atrozes que succederam ás republicas antigas ⁽²⁷⁾.

Armam-se alguns homens para resistir a uma imposição. A elles se agregam cangaçeiros desejosos de tirar partido da anarchia que vão fomentar. Todas as queixas de casta, de familia, de interesses prejudicados fermentam, aproveitam a occasião de vindicta e reivindicação que se oferece. Os descontentes de toda a especie se achegam. Os nevrosados se exaltam. Os saccomardos põem as garras de fóra. Começa a alastrar-se o movimento e a desaparecerem os motivos primeiros, surgindo ambições, cupidez de roubar, odio dos mestiços aos que são *brancos*, *amarillos* como chamam, necessidades vingativas. O fogo e o sangue correm pelo sertão. O commercio pára. Vem a penuria. Ha fome. A insegurança campêa por toda a parte. Os ca-

(27) Stendhal — "A Abbadessa de Castro".

daveres ficam insepultos nas ruas das villas e pelas estradas, com sentinellas á distancia, para que ninguém os enterre, cães famintos e urubús os devorem. Abre-se o ventre dos anciãos deante das familias, sem ofender os intestinos, e cose-se alli um leitão vivo ! (28). Já na Calabria se cozinhou um homem num caldeirão de leite, obrigando os famulos a comer esse manjar. Degolam-se pessoas lentamente afim de que enlanguescam e morram devagarinho ! Na Toscana, houve assassinos que deramavam chumbo derretido no ouvido dos camponeses que dormiam, para rir das suas caretas de agonizantes !

E' o dominio da colera e da malvadez sobre o homem besta, primitivo, de psyché quasi identica á do pitecanthropos. Facundo Quiroga matava a patadas, esmigalhando os miolos dum sujeito por simples disputa; abria a cabeça de um filho com uma machadada, para fazê-lo calar !

O camponio portuguez, aterrorisado com as crueldades dos soldados de Junot, o Sargentão Tempestade, compuzera umas trovas que terminavam com as frases do Pelo Signal:

— Comadre, você conhece o Junot ?

Eu nunca o cheguei a ver,

— Pois o podia conhecer, Pelo Signal.

(28) Gonzaga Duque — “A Balaiada”.

Em taes epocas de miserias, roubo e assassinato, o povo sertanejo diz com o mesmo modo de versejar:

— Quando apparece um caudilho,
Ameaçando o sertão,
Só temos a protecção
Do Espirito Santo !

Dos phenomenos economicos em que Ihering assentou sua doutrina social se originam as maiores causas do banditismo. Já falámos da fome e suas consequencias. A actividade economica diminúe desde muitos annos com os prejuizos da pecuaria e a impossibilidade de augmentar as lavouras decorrentes das crises climaticas repetidas, a falta de braços produzida pela pouca densidade de população nuns lugares, não fixação dos habitantes noutros, pessima remuneração decorrente das condições de pobreza, sestro, habito adquirido de emigrar para o Amazonas em todas; com a má direcção dos negocios publicos e particulares, a carencia de transportes, que ankylosa tentamens commerciaes e industriaes, a decadencia social, que exhaure recursos de vida e as vexações tributarias. Estas têm impellido muitos povos não só ás rebeldias, mas aos peores crimes. Uma das maiores associações de bandidos que têm existido no mundo

foi a Bagaudia, que floresceu na Gallia romana, formada pelos camponios fugidos ás exacções do fisco, devastadores de terras e saqueadores de cidades ⁽²⁹⁾. Nenhuma miseria e nenhuma anarchia são comparaveis ás do sertão infeliz durante as grandes sêcas periodicas, que torram os campos e dizimam os gados, enxotam as gentes famintas para o litoral, ceifando-as com a fome, a sêde, a variola, os vomitos de sangue, as inchações, enchendo os cemiterios dos lugarejos pobres de cadaveres mal sepultados, que os cães esqueleticos desenterram e devoram !

Um escriptor hespanhol enumerava as seguintes causas do banditismo no sul da península iberica: o habito adquirido na guerra da independencia de viver com as armas na mão, o character bellicoso do povo, os abusos das autoridades, o espirito de liberdade innato na raça, os desejos de ter umas onças a mais na algibeira, de ser o idolo das mulheres e de infundir terror ⁽³⁰⁾. Diz Stendhal: “as raparigas das aldeias italianas preferiam a todos os rapazes, os que tivessem andado na “marchia” com os bandidos, depois dum acto imprudente. Identicos motivos agem no sertão, onde se respeita a memoria dos que tomaram

⁽²⁹⁾ Augustin Thierry — “Histoire des Gaules”.

⁽³⁰⁾ R. de Sarta — “El bandolerismo andalús”.

parte nas antigas jacqueries matutas, pronunciamentos crueis que levaram por toda a parte o rumor das armas e o desejo da luta. Depois delles, os nomes geographicos ficam, atestando os seus horrores: Varzea da Morte, Varzea dos Ossos, Varzea dos Defuntos, Riacho do Sangue.

O sertanejo aconselha ao filho: “Você nunca apanhe, que seu pae nunca apanhou”. Há muita gente que se vangloria dos crimes de sua raça e dos seus proprios. Cria a descendencia na crença da sua valentia e lhe desenvolve o pundonor. Head dizia que o gaúcho com toda a sua pobreza tinha um luxo — a liberdade. O homem de nordeste no seio da sua miseria tem um apanagio — “não aguentar desafôro!”

A tradição mantém o culto pela bravura e mesmo pelo crime. Ferri fez notar com vigor que os crimes são aproveitados pela arte popular e celebrizados especialmente nas canções. Na epoca actual, estamos a vêr a feitura dum verdadeiro romanceiro dos “apaches”, isto é, dos gatunos e rufiões. Feitos de bandidos sanguinarios ou romanticos, combates e lutas dos “corcundas” e “patriotas” ⁽³¹⁾,

(31) “Corcunda” — brasileiro partidario dos portuguezes na Independencia. “Patriotas” — republicanos.

dos “Chapéus Grandes”, a matança dos bisinhos “cabeças chatas” pela metralha do Fidié no campo do Retiro do Genipapo, em 1823, a vida vagabunda e feroz dos Silvinos e Brilhantes, são os assumptos predilectos dos cantadores nos sambas e enlueirados terreiros de vendas. O matuto vive dentro de um cyclo de canções de gestas, que reproduzem, augmentando-os, os feitos ancestraes. Desde a infancia, lhe predispõem o espirito, para lutas e heroismos, a repetição das lendas dos doze pares carlovingios, que todos sabem de côr, as valentias contra monstros e feiticeiros, as façanhas do Gonçalo Valente e a historia, inventada por elle proprio sob a influencia das leituras de cãvallaria, duma giganta, que, na guerra do Paraguay, disparava contra os “voluntarios” um canhão com cada braço !

Inspirados e cheios de emoção guerreira como os bardos celtas e os escaldes normandos, os cantadores sertanejos estão dia a dia fazendo o vasto cancionero heroico do banditismo, igual pelas causas e efeitos, senão tambem pelo encanto natural de certas expressões, ao dos antigos povos da peninsula iberica com as suas trovas e xacras; analogo ás sagas escandinavas, que narram as proezas dos wikings e piratas, todo o heroismo dos ladrões do mar, que, nos seus drakkars compridos, de-

vastavam as costas européas. Não trepidamos em afirmar que os versos produzidos pela efervescencia das paixões guerreiras no sertão rude e abandonado se identificam com as trovas militares da idade média, não lhes sendo inferiores.

Podemos comparar as poesias que guardam a memoria dos fastos do cangaço ao Romance de Roncesvalles, aos cantos dos troveiros da lingua d'oïl, aos poemas de Rollão e de Brut, por Eustachio e Roberto Wace; ao cyclo do rei Arthur, da Tavola Redonda e dos cavalleiros do Saingral. Nelles ha bellezas de expressão comparaveis ás do Lancelote do Lago por Zazichoven, do Persival, do Cavalleiro do Leão, de Amadis de Hespanha e Tristão o Leonez por Christão de Troyes. Correspondente ás aventuras de Tristão e Isolda, existem ás de Alonso e Marina. Os objectos do elogio das gestas que comparamos são, porém, diferentes. Eginhardo ou Girardo de Viena cantavam as façanhas da nobreza e dos reis, dos condes e pares, de Carlos Magno e Theodorico o Grande. O pobre menestrel sertanejo só tem a enthusiasma-lo na exiguidade do seu meio os feitos guerreiros dos cangaceiros. Mas, nas linhas geraes, seu cyclo de canções epicas é tão espontaneo e bello quanto os cyclos epicos dos Francos e Bretões, dos Lon-

gobardos e Saxonios, dos Godos e Burgundos. ⁽⁸²⁾.

Vejamos alguns exemplos:

Canta Francisco Baptista, troveiro popular do sertão, sobre o maior dos seus bandoleiros:

“Admira todo o mundo,
Quando chego num lugar,
Os matos afastam os ramos,
Deixa o vento de soprar,
Se perfilam os passarinhos,
Os montes dizem aos caminhos:
— Deixae Silvino passar !”

No mesmo gráo literario de sentimento epico e de emoção guerreira diante duma alta fama de valor, está o seguinte trecho da “Chronica do monge de São Gall”: “Quando virdes os trigáes se agitarem e curvarem como ao sopro do furacão, o Pó e o Tessino, de assombro, inundarem os muros da cidade com as aguas ennegrecidas pelo ferro, então, podereis crêr que Carlos Magno passa !”

Ragnar era um terrivel pirata norueguez, que depredava praias e rios da França e da Inglaterra, tendo até ameaçado Paris. Preso

(82) Consulte-se a proposito E. G. Eichhoff — “Tableau de la littérature du Nord au Moyen-Age”.

pelos Anglo-Saxões, foi encerrado numa torre cheia de viboras, cobras, osgas, lacraus, sapos, caranguejos e lagostas, morrendo devorado por esses bichos. O seu canto guerreiro é uma das mais typicas canções dos fortes povos da Escandinavia. Sempre com o estribilho marcial — “nós ferimos com a espada” — diz elle: “As altas cimeiras dos elmos retiniam aos golpes das laminas, as vagas se elevavam de todos os lados e o corvo nadava no sangue !... Ergui a lança com altivez, avermelhei a espada aos vinte annos de idade, combati oito chefes no oriente, na embocadura do Duna. Demos farto jantar aos lobos !...”

Dadas as differenças de meio e epoca, são quasi iguaes as descripções das lutas sertanejas:

“Era uma luta medonha
Todo esse povo atirando !
As balas perto de mim
Passavam no ar silvando;
O tiroteio imitava
Um tabocal se queimando !”

“Abracei aos vinte annos
A profissão de matar.”

“Do Monteiro os urubús
Estão gordos de comer gente !”

“Logo ao primeiro tiro
Dois sargentos derrubei,
Com uma bala certa
Ambos duma vez matei !”

Um chronista medieval assim exprime seus ardores guerreiros:

“Grande e viva a minha alegria, quando vejo castellos sitiados, muros derruidos e o exercito acampado sobre a margem do rio, rodeado de fossos e palissadas” (33). Esse prazer diante dos preparativos bellicos e das lutas humanas está registado nestes versos do sertão:

— “Alli se aprecia muito
.....
Um homem que mata onça
Ou, então, um cangaceiro.”

Victor Hugo traça a psychologia dos piratas e aventureiros do Mediterraneo na sua maravilhosa “Chanson des Aventuriers de la mer”. Depois de mil vicissitudes, cada qual a mais épica e espalhafatosa, o rei oferece a um

(33) Villemain — “Curso de Literatura”.

delles a sua filha em casamento e este a recusa:

“J’ai ma Faënzette à Fiesone,
C’est là que mon cœur est resté.
Ó roi, ta fille a la couronne
Mais Faënzette a la beauté !”

Esse espirito de *panache*, de aventura, cyranesco e pundonoroso, é o mesmo duma trovava matuta, embora a ignorancia do trovador que a compoz. As formas diferem. O fundo é igual:

“O rei mandou-me chamar
P’ra casar com sua *fia*,
O dote que o rei me dava
Europa, França e Bahia
.....
Eu fui e lhe respondi
Que era pouco e não servia !
Que eu voltava ao sertão,
Mode casar com a Maria.”

Um grande escriptor francez diz, na descripção duma viagem á Italia, que, de dez em dez annos alli surge um ladrão celebre, cuja historia aventureira faz palpitár os corações vinte annos depois de sua morte. Transmittidas pelos cantadores, as vidas dos bandidos

das cantigas fazem o povo de nordeste palpar de entusiasmo cem annos mais tarde. O sertão jamais esquece os seus cangaceiros celebres. Ainda hoje, elle se embevece com as façanhas dos Quebra-Kilos e dos Brilhantes !

A força da tradição vai até o sebastianismo. Não se acredita que um grande bandido esteja morto. Diz-se como o gaúcho dizia de Facundo: — “Elle não morreu ! Elle voltará !”

O sertanejo tem na alma estúos de muitas raças: do lusitano, do moiro, do tapuia, do zingaro vadio ⁽³⁴⁾, do negro e do flamengo. Essas tres contribuições ultimas foram as menores. Não foi grande o numero de ciganos que a metropole expulsou e remeteu para as ribeiras sertanejas. O negro não existiu alli em quantidade, porque a criação do gado não pedia tantos escravos quanto a agricultura. O hollandez teve pouco tempo e muita luta para se misturar.

Do portuguez antigo e seus elementos mauritanos vieram, talvez, o fatalismo musulmano do brasileiro do centro-norte e as inclinações cavalheirescas que se integram num falso pun-donor, que cega todo e qualquer outro sentimento, “num excesso de brio, numa compre-

(34) Antonio Bezerra — “O Ceará e os Cearenses”.

hensão ás vezes erronea, ás vezes incompativel com a actualidade, dos principios de dignidade e honra" (35). Sob este aspecto, o cangaço é igual ao bandoleiro andaluz. Ambos têm demasiado conceito da honra pessoal e "selvatica fidalguia". Para certas ofensas, o unico premio é a morte. Não conhece meio termo, nem o conheceram as incultas sociedades similares. Este episodio mostra a soberba e o orgulho, o pundonor exagerado e a irritabilidade vingativa do homem do sertão: Manoel Martins Chaves, coronel de milicias, de Ipueiras, nos tempos coloniaes, mandou matar o juiz de fóra Antonio Barbosa Ribeiro, porque este o vencêra num páreo de corridas de cavallos (36).

A' susceptibilidade pundonorosa allia-se, por vezes, o preconceito da raça, a pretensão de não ter mestiçagem cabôcla ou africana. Koster (37) conta dum fazendeiro que chicoteou um cabra, porque, á sua chegada, sendo elle branco, não se levantára de chapéu na mão. Outro vivia havia muito tempo com

(35) Coriolano de Medeiros — "Os Sertões Parahybanos".

(36) João Brigido — "Traços Biographicos de João Carlos de Oeynhauzen e Grevenburg", "Unitario", Fortaleza, 7, Setembro, 1911.

(37) "Viagens no Brasil".

uma mulher e della tivera varios filhos, porém não se casava, para legitima-los, porque ella não era muito branca e elle descendia de nobres ! (38).

O indio contribuiu com inclinações para a ferocidade, emboscadas e vinganças, estas quasi iguaes no modo de se executarem ás “vendettas” da Corsega. Dutertre afirma que, entre os caraibas e tupinambás, o individuo tinha obrigação de vingar-se pessoalmente das afrontas sob pena de ser votado a completo desprezo. Segundo Catlin, a opinião publica entre os pelle-vermelhas fazia da vingança o maior dever. O indio astucioso e cruel, vivendo entre si em continuo estado de guerra, tinha o desprezo pela vida peculiar á maioria dos povos selvagens, tanto da raça vermelha como da negra. A ferocidade e perfidia estão comprovadas por todos os que os têm estudado ou a elles se referem, ferocidade e perfidia de que não são culpados e que lhes deu o seu estado moral atrazadissimo. Carrilho de Andrade (39) conta factos comprobatorios de sua fereza. O general Burdett O’Connor documenta de modo insophismavel a per-

(38) J. Porto Carrero — “O Paiz do Sertão”, artigo publicado no “Jornal do Commercio”.

(39) Tavares de Lyra — “O dominio hollandez no Brasil”.

fidia dos índios da Bolívia e do Perú muito semelhantes aos nossos ⁽⁴⁰⁾. E' do índio a maneira de fugir do cangaceiro. O Rufino Lemos, do Piancó, escapuliu-se da escolta mergulhando numa lagôa, onde passou horas cercado por todos os lados. Só o tapuia poderia fugir assim.

Numa sociedade eivada de usos semi-barbaros e preconceitos de eras mortas, pouco vinculada á escravidão, porém muito á caça do índio, conforme as cartas régias ordenavam, dizendo que se perseguissem “os de corso” e se lhes fizesse guerra até ficarem “sogeitos aos brancos” ⁽⁴¹⁾; numa sociedade acostumada ao sangue das matanças e capações do gado, ao fumegar de carnes da ferra, ao doidejante cavalgar das vaqueijadas, que recordam as proezas das “argolinhas” no tempo de Mauricio de Nassau, segundo refere Calado; aos crimes quotidianos e ás guerrilhas; vinda das companhias de assalto da guerra hollandeza, mas sem a penuria de armas desse tempo ⁽⁴²⁾, das aguerridas companhias de ordenanças, de milicias, de caval-

⁽⁴⁰⁾ “Independencia Americana”.

⁽⁴¹⁾ Carta de Felix José Machado de Mendonça, governador de Pernambuco, ao capitão-mór do rio S. Francisco.

⁽⁴²⁾ “Castrioto Lusitano”.

laria auxiliar, dos antigos passadores de gado, capazes de tudo, nada mais natural que ale-vantes e “razzias” á maneira de arabes, char-rúas e araucanos. Taes movimentos se alás-tram com a maior ligeireza, lembrando a “anarchia espontanea” de que fala Taine. Logo após a derrota dos republicanos, em 1824, a população mestiça do sertão amotinou-se dum momento para outro e, sob pretexto de prender e matar os “patriotas”, saqueou, violou e matou. Não foram poupados nem os padres ⁽⁴³⁾. Esse phenomeno recorda a re-volta que devastou, no reinado de Constan-tino, as provincias romanas da Africa, onde com propositos de lutas religiosas os campo-nios se agruparam em bandos de salteadores apellidados “circumcellions” ⁽⁴⁴⁾ e pilharam dezenas de cidades ⁽⁴⁵⁾. No sertão, assim se estatuiu o predominio dos mais fortes, dos mais audazes e dos mais valentes, que se apo-deram duma autoridade tanto maior quanto não é limitada por qualquer responsabilidade ou por uma outra. “Em todas as sociedades que chegam a esse ponto, os grandes dotes in-dividuaes vão perder-se no crime” ⁽⁴⁶⁾.

⁽⁴³⁾ “Memorias do professor Ximenes de Ara-gão”.

⁽⁴⁴⁾ Que rondam as cabanas.

⁽⁴⁵⁾ Augustin Thierry — “Histoire des Gaules”.

⁽⁴⁶⁾ Sarmiento — “Facundo”.

Na maioria dos casos, os rancores não consentem que a justiça decida litígios ou questões. Nenhum pae abençôa o filho que lhe chegar á casa desfeitoado sem ter tomado crua vingança. Tudo que pôde ofender ou prejudicar se repelle com a bôca do bacamarte, desde os raptos ás divergencias electoraes. Os atritos são terriveis, porque em torno de cada ofendido se agrupam parentes e famulos, estes quasi sempre cangaceiros de profissão ⁽⁴⁷⁾.

As lutas se alastram. O meio obriga o individuo a vingar-se. Stendhal conta que, em Bergamo, um fidalgo foi impellido a matar um esbirro, que o provocára, por estar sendo despresado pelos amigos. No sertão, quem se não vinga está moralmente morto.

Quasi impossivel determinar com segurança todos os productos decorrentes da mestiçagem no interior. Sobre o assumpto, Euclides da Cunha assim se exprime: “Abstraiamos de innumeradas causas perturbadoras e consideremos os tres elementos de nossa raça em si mesmos, intactas as capacidades que lhes são proprias. Vemos, de prompto, que, mesmo nesta hypothese, delles não resulta o pro-

(47) Coriolano de Medeiros — “Os sertões paraibanos”.

ducto unico, immanente ás combinações binarias, numa fusão immediata em que se juxtapoñham os seus caractéres unificados e convergentes num typo intermediario. Ao contrario, a combinação ternaria, inevitavel, determina, no caso mais simples, tres outras, binarias. Os elementos iniciaes não se resumem, nem se unificam; desdobram-se; originam numero igual de sub-formações — substituindo-se pelos derivados, sem redução alguma, em mestiçagem embaralhada onde se destacam como productos mais caracteristicos o *mulato*, o *mameluco* ou *curiboca* e o *cafuz*. As sédes iniciaes das indagações deslocam-se apenas mais perturbadas, graças a reacções que não exprimem uma redução, mas um desdobramento. E o estudo destas sub-categorias substitue o das raças elementares, agravando-o e dificultando-o, desde que se considere que aquellas comportam, por sua vez, innumerables modalidades consoantes ás dosagens variaveis de sangue” (48). Predominam nessa mistura ethnica o portuguez e o indio. Destes se originaram os curibocas ou mame-lucos, vulgarmente chamados caboclos. Do branco mesclado ao africano, que existiu alli em pequena quantidade, decorreu o mulato.

(48) “Os Sertões”.

Do negro e do indio veio o cafuz ou, melhor, o cabra. Agora, vá alguém destecer as mestiçagens complicadas que resultaram, nas gerações subsequentes, do mameluco com o mulato, deste com o cafuz, do mamleuco com o cafuz. Das tres raças iniciaes, saíram tres e assim a seguir, havendo de permeio, modificações dos componentes, regressões aos typos iniciaes pela agregação de sangue indio, negro ou branco puros.

Euclydes nos diz que o sertanejo forma já uma sub-raça e é este o sonho de Graça Aranha no “Chanaan”, desejando um typo mestiço que seja a expressão das qualidades médias dos que o formaram e elimine os extremos geradores. Não se póde ainda, acreditamos nós, determinar a existencia de tal sub-raça ou de tal typo. Jean Finot ⁽⁴⁹⁾ assegura que nas veias dos americanos do sul corre o sangue de todas as raças. Como ficou dito, nas veias do matuto correm sangues os mais diversos, luso e tapuia, mouro e cigano, africano e flamengo, uns em grande quantidade, outros em diminuta, embora. Acrescendo a difficuldade ou impossibilidade de fixação dos

(49) “Le préjugé des races”.

typos mestiços, após tres seculos (50) de caldeamento ainda nos parece cedo para qualquer afirmativa.

O prurido eterno da aventura veio para o sertanejo de tres gentes, do luso, do cigano e do indigena. O amor pela terra natal, que o faz remigrar contente, que o faz saudoso todas as vezes que parte ou por desejo de ver novas coisas ou por necessidade de fugir á fome, este porventura lhe deu o flamengo, que saía ao mar para pesca, pirataria ou conquista, mas não perdia a entranhada amizade ao pantano nativo conquistado ás aguas amargas, lentamente. E o sertanejo vai conquistando, vagaroso, o sertão á sêca.

O sangue indio contribuiu para a canga-ceiragem com a sua ferocidade nativa. A's vezes, o civilizado julga o bandoleiro com severidade e injustiça, porque não reflete que seus avós moravam nas cidades européas, com os primeiros rudimentos do progresso e o luxo do oriente que Veneza e depois Portugal carriavam nos seus galeões, enquanto os avós do curiboca e do cabra viviam na sel-

(50) O Brasil commemorou já o quarto centenario do descobrimento, porém a colonização portugueza no interior do nordeste demorou pelo menos um seculo. O Ceará, por exemplo, sómente foi explorado em 1603.

va, de arco e flexa, anthropophagos e miseráveis, ou andavam de azagaia nos plainos tostados d'Africa. Não desfiguremos o cangaço e apresentemo-lo ao publico com o espirito de seu meio. Pascal tinha esta opinião: "Não ha nada justo ou injusto que não mude de qualidade, mudando de clima". O criminoso matuto é digno de lastima e dos socorros da educação, não de odio ou desprezo. A gente do seu *habitat* não o odeia, embora os roubos de quando a quando. No fundo, o coração do povo está com elles ⁽⁵¹⁾.

O selvagem deu aos descendentes que enveredam pelo crime amor de liberdade absoluta, impulsos de vaguear e guerrilhar, fermentos de vingança, manhosidades necessárias ás tocaias e fugas. Um episodio mostra núamente o espirito vingativo do indigena: "Os indios *sucurús*, que occupavam os territorios dos municipios de São João, Monteiro e Teixeira dividiram-se pelo motivo de ter um moço indio raptado a filha dum chefe, que tinha sua taba no actual municipio de São João. O cacique reuniu os seus arcos e foi vingar a afronta. O combate travou-se bem proximo ao local onde agora está o açude Poços. Durou dois dias a refrega, sendo ven-

⁽⁵¹⁾ Veja-se Stendhal — "A Abbadessa de Castro".

cidos os indios do Teixeira. O chefe apode-rou-se do raptor e da raptada, e queimou-os alli mesmo, sobre uma grande lagea de granito, que ainda hoje mostra os vestigios do suplicio" (52). Identicos os episodios actuaes do banditismo, que infesta especialmente a referida zona do Teixeira. Em todos os tempos, as familias "brancas", ciosas da pureza de raça, combateram acompanhadas por bandos de mestiços acabocladados. A escolta dos Mourões eram os Capuxús; a dos Montes e Feitosas, os Cariús e Capixabas. Os que se consideravam verdadeiramente brancos timbravam em conservar o apellido portuguez, deixando aos mestiços os nomes indigenas: os Guabirabas se contrapunham aos Liberatos. Quando foi das revoluções patrioticas, os directores dos movimentos acrescentaram um nome indio aos seus cognomes, afim de mostrar amor ás coisas verdadeiramente brasileiras. Tristão Gonçalves de Alencar, tornou-se Tristão Gonçalves de Alencar Araripe. Foi, então, que surgiram Carapinimas, Mororós e Ibiapinas.

Outra inclinação do aborigene que ficou nos bandidos mestiços foi a do duello, afim

(52) Coriolano de Medeiros — "Os sertões parahybanos".

de dirimir uma questão pelo valor pessoal de dois contendores, mesmo diante das cabildas ou bandos prestes ao combate. Toda civilização incipiente tem essa paixão. Em frente dos exercitos de Roma e de Alba a Longa, bateram-se Horacios e Curiacios. Na presença dos dois partidos rivaes, os selvagens da Tasmania e da Nova Zelandia desafiavam-se para o duello cavalheiresco que dará a victoria a um com pouco derrame de sangue. No nordeste, são incontaveis os exemplos.

Em 1832, Francisco Pereira de Menezes, apellidado “Capitão”, mui valente e forte, apesar de maior de sessenta annos, cercado numa casa pelos Mourões, seus inimigos, propoz-lhes que mandassem embora os “cabras”, pois sairia só para bater-se com elles, seus iguaes, de espada ou faca. Os adversarios tiveram medo e recusaram ⁽⁵³⁾.

Repitamos: o typo mais commum, no sertão, é o provindo do portuguez e do tapuia, nascido “dum amplexo forçado e feroz de victoriosos e vencidos, creado numa sociedade revolta, aventureira e sonhadora” ⁽⁵⁴⁾. Todos os sonhos, volições e devaneios da aventureira alma lusitana com a nostalgia do indio es-

⁽⁵³⁾ “Memorias do professor Ximenes de Aragão”.

⁽⁵⁴⁾ Euclides da Cunha — “Os Sertões”.

curraçado dos campos de seus maiores deram ao sertanejo essa tristeza que se manifesta na lamentosa voz arrastada, na maneira bamba de se apresentar, no acurvamento dos hombros resignados, nas dansas, nas musicas e nos cantos. Entre os mestiços da Venezuela os cantos são como “vozes lamentosas do deserto !” ⁽⁵⁵⁾. O Gaucho pampeano chama a melopéa de seus cantadores *el triste* ⁽⁵⁶⁾. O matuto tem um toque de viola — o *chorado*. A propria tribu que habitou a região mais infestada pelo cangaceirismo, a tribu dos Carirys, devia ser uma gente melancolica, porque *cariry* na sua lingua quer dizer *tristonho*.

O homem do sertão pratica actos inesperados por todo o mundo e por elle proprio. Abatido, responde torvamente ás inquirições sobre os motivos do delicto: “Sei lá ! Foi uma coisa que me deu !”.

Despertaram na oportunidade imprevista, de chôfre, instinctos latentes. Forças psychicas ignoradas por elle mesmo fizeram-n’o agir. Arrepende-se e até se penitencia. Oferece-se igual ocasião. Pratica o mesmo acto. Não tem forças para resistir ao poder da tára ancestral. Dahí a fascinação de muitos pela vida

⁽⁵⁵⁾ General José Antonio Paez — “Memorias”.

⁽⁵⁶⁾ Sarmiento — “Facundo”.

do cangaço. Muita vez um chefe de bandoleiros narra façanhas, commetimentos e ardis, pavoneando-se. De subito, um dos ouvintes estende-lhe a mão e se oferece para *trabalhar* em sua companhia. As psychopathias hereditarias acordaram á determinante subita daquella conversa ⁽⁵⁷⁾. Foi um efeito repentino da emoção num terreno psychico preparado pelo meio. “Do mesmo modo que uma corda, vibrando, determina a vibração duma corda vizinha, podendo dar a mesma nota, assim corramos com a vergonha de outrem, sofremos a sua dôr ou nos exaltamos com o seu enthusiasmo. Deste modo, se propagam molestias nervosas, manias e monomanias ⁽⁵⁸⁾.”

Stendhal diz que certas paixões vêm lentamente, insensivelmente, e outras se declaram de modo brusco, fulminante.

Do negro veio a ignorancia, e o espirito selvagem, resistente, que animou os quilombos de escravos fugidos, homisiados em alfurjas inacessiveis nas serras mais desertas. Atraz do sertanejo ha toda uma ascendencia de lutas, escapulas e emboscadas.

Um fazendeiro ignorante deu-nos, uma feita, prova cabal da influencia mesologica

⁽⁵⁷⁾ G. Barroso — “Terra de Sol”.

⁽⁵⁸⁾ Letourneau — “Physiologia das Paixões”.

sobre o banditismo. Falando da protecção que as pessoas influentes do interior prestam aos cangaceiros, extranhámos que homens de bem empregassem criminosos nos serviços das fazendas, sonegando-os á acção da justiça. Apontamo-lo até como um dos protectores. Sorriu e respondeu-nos com a maior calma: “Não sei por que se espanta. Si viesse aqui, procederia da mesma forma, como eu e como os outros”.

Em certos individuos, os excessos de vitalidade geram energias descommuns. Numa sociedade organizada teriam derivativos, seriam aproveitados em manifestações uteis. Alli convergem para o crime.

Aos excessos de vida contrapõem-se os de ociosidade. O habitante do povoado é mais propenso ao banditismo que o vaqueiro ou o seareiro, mais quebrados pelo trabalho. Nas villas, reinam a madraçaria, a falta de limpeza, a inveja e a intriga.

Tempos ha que a vida do sertão se torna impossivel por causa da anarchia decorrente do desenvolvimento espantoso da cangaceiragem. Ha quatro annos passados, um jornal da Parahyba pintava assim esses horrores: “A insegurança por toda parte, as feiras desertas, os campos sem sementeira, os rebanhos des-

curados, as rendas publicas por arrecadar e em pé de guerra um pequeno exercito (59). !”

Jamais se apagam naquelle meio as intrigas entre familias poderosas, perpetuadas atravez dos seculos e celebradas pelos cantadores. A herança do crime e da guerrilha passa de geração a geração. As inimizades nascem das questões de terras, das recusas de casamento e raptos consequentes, dos ciúmes, das cercas que o gado alheio derrubou, da rez que o visinho maltratou porque roubava no seu roçado, e principalmente do desejo de influenciar, dominar politicamente um povoado ou uma ribeira. Couto de Magalhães diz que a maior praga no sertão é a luta por causa da indiscriminação dos limites das terras. Vezes, umas se alliam contra as outras. A maioria dessa gente possúe fortuna. Faltam-lhe estímulos que a desviem do cangaço, mostrando-lhe tentamens mais nobres e mais uteis. Sem necessidade do aparato e do luxo que a vida urbana exige, confinam-se num insulamento feudal que augmenta todas as inclinações para as agitações armadas.

O velho habito das sociedades primitivas de cada aldeia hostilizar á vizinha faz com que

(59) “A União”.

o fazendeiro só pense no visinho para despreza-lo. Tudo isso vem da desconfiança gerada na falta de convívio.

Essa existencia rememora a vida medieval com as guerras entre familias fidalgas e as mesnadas rompendo os olaiães á cata da hoste adversa. Os bandos de cangaceiros rompem os carrascaes em busca do inimigo com a mesma fereza e a mesma coragem. Ainda uma analogia guardada na lingua retardada do sertanejo: a hoste medieva tinha a benguarda ou dianteira, a batalha ou centro, as costaneiras ou alas e o coice ou reguarda. Os vaqueiros, quando tangem gados ou andam em grupos, chamam os que vão na frente “dianteiras”, os dos flancos “costaneiras” e os ultimos “vaqueiros do coice”. Um official de policia tomou em 1868, dum cangaceiro, em Missão Velha, uma enorme espada, de copo em cruz e concha, obra do seculo XVI !

Os barões solarengos residiam nos insulados castellos roqueiros, salteavam os bufarinheiros nas estradas e hostilizavam as comunas. Os potentados do sertão moram em fazendas afastadas e durante as “guerras,” como elles proprios chamam, fecham caminhos onde saqueiam quem passa, entopem cacimbas, rasgam paredes de açudes, incen-

dêam casas e atacam as povoações. O meio social não lhes permite os mesmos direitos que ao fidalgo antigo, porém quasi sempre têm tanto prestigio e força que os filhos herdam o poder dictatorial e a influencia incontestada. Nada maior que “a prepotencia exercida por esses homens chamados ricos no sertão” (60). E’ um feudalismo barbaro comparavel ao da Ethiopia, tão bem estudado por Abbadie, onde os principes escuros mantêm, como os chefes de familia poderosa do interior, acostados armados e subsidiam, para as guerrilhas e rapinas, os profissionaes do crime. No meiado do seculo desenove, um dos homens que melhor observaram as regiões de nordeste, escrevia o seguinte: “Ao meu pensamento apresentava-se a época em que o feudalismo imperava na Europa e não me podia impedir de compara-la com o estado actual do interior do Brasil. A autoridade dos grandes proprietarios não só sobre os escravos, mas sobre as pessoas livres das classes inferiores, o respeito que aquelles barões do novo mundo exigem dos moradores de suas terras, o auxilio que esperam de seus vassallos e rendeiros, no caso de ofensa da parte dum visi-

(60) “Memorias do professor Ximenes de Aragão”.

nho, seu igual, a dependencia dos camponios e o desejo que nutrem de ter a protecção dum proprietario rico que os possa abrigar da opressão e falar em seu favor ás autoridades, tudo isso tende a fazer notavel a semelhança" (61).

As questões sangrentas entre familias surgem e proliferam nas sociedades abaladas, corrompidas, retardadas ou decadentes. A Italia fragmentada da Renascença legou-nos centenas de exemplos como os Colonna, Orsini e Medicis, os Montecchi e Capuletti, os Cenci, os Branciforte e Campireale. A Argentina das dissensões riojanas teve dezenas de casos identicos aos Ocampos e Davilas. Não é de extranhar que o sertão tenha Montes e Feitosas, Cunhas e Patacas, Mourões e Moquecas, Viriotos e Calangros, Ricartes e Contendas.

A mulher sertaneja conserva os caracteristicos de honestidade e bravura das mulheres de antanho, companheiras dos exploradores e dos bandeirantes. Meninas e moças se encontram de clavinote em punho ao meio das refregas. Uma creança de quinze annos, filha do bandido Amancio, fuzilava os assaltantes da casa, com o pae agonizando sobre os joelhos.

(61) Henry Koster — "Viagens no Brasil" — Paris — 1845.

lhós. Num tiroteio, meteram uma bala na perna de Adolfo Meia Noite. A esposa carregou-o aos hombros, fugindo sob uma chuva de balas ! (62). Umás gastam o ultimo vintem para vingar o marido, o pae ou o irmão. Ricardina de Lavras, a cangaceira, mandou matar o padre Victor, vigario de Campo Grande, na Parahyba. Helena Maciel, irmã de Antonio Conselheiro, subsidiou o bandido Estacio José da Gama. Anna do Bomfim, mãe do cangaceiro João do Bomfim, matava á faca. Outras, como a negra Xica Barrosa, dão-se até á vida de cantadoras de desafio e, excepção rarissima, assombram o sertão como se fôram Saphos degeneradas e obscuras.

Os erros da colonização não deram ao sertanejo meios de progredir. A Monarchia deixou-o em abandono, porque a organização do trabalho, no seu tempo, unicamente se baseava no alicerce falso da escravidão. A Republica até hoje quasi nada fez para instrui-lo ou melhorar-lhe a sorte. Antes tem explorado o banditismo para fins politicos. O jagunço é, ás vezes, a *ultima ratio* do governo federal afim de dominar num Estado rebelde. Para a nação, são perniciosas as consequencias desse

(62) Coriolano de Medeiros — “Os sertões parahybanos”.

abusivo modo de agir como do descuido em impedir a formação de nucleos de bandidos, consequencias que difficilmente se apagam. Durante annos, um agrupamento de fanaticos rapina e mata. Pedem-se providencias. Os governos fazem-se surdos ou enviam soldados ás duzias. Os bandoleiros chacinam os pequenos destacamentos e ficam com as armas e munições. Essas victorias prestigiam o bando perante as populações locaes. Seu poder material augmenta com o armamento conquistado. Mais individuos se agregam ao arraial primitivo. O fanatismo os encoraja. Fazem-se entrincheiramentos. As coisas chegam ao ponto de serem precisos um exercito, artilheria, o sitio, a fome e a degola ! São muito recentes taes crimes na nossa historia. Quando os governos aproveitam os jagunços para quaesquer fins ou com elles transigem, fica pessima impressão entre o povo sertanejo, que toma esse modo de agir como prova de fraqueza, o que contribue ainda mais para o desprestigio das autoridades, já tão rebaixadas pela politicagem. Juizes, prefeitos, delegados são, na maioria, meros joguetes dos mandões de aldeia. Segundo as alternativas dos partidos e o resultado dos conchavos, são demitidos, renomeados e transferidos. Para auferirem alguns proveitos, sujeitam-se á

vontade dos poderosos. Prendem os criminosos desprotegidos ou adversarios e protegem os cangaceiros amigos. Já em tempos idos, quando os poderes centraes os prestigiavam, distinguíam-se por crueis e autoritarios. Perseguinto os republicanos vencidos, após a revolução de 1824, para “os que proclamaram e imprimiram, os que pegaram em armas contra o Imperador e os que mataram os soldados imperiaes”, juizes de direito e juizes de paz não cansavam de aplicar o chicote, o fuzil e a forca. Nesse tempo, um juiz da Uruburetama, Andrade, fusilava em pessoa os presos ! ⁽⁶³⁾. Para os quebra-kilos aprisionados, havia os colletes de couro molhado que se lhes cosiam, ficando os braços ao longo do corpo. Ao sol das caminhadas, o couro encolhia, engilhava, tolhia a respiração. Os homens caíam arroxeados, resfolegantes. Eram levantados a agulhão e a pau ! Koster ⁽⁶⁴⁾ relata que uma autoridade mandava buscar as cabeças dos individuos que devia prender. Isto em 1830 !

A falta de estabilidade dos representantes da lei torna instavel no espirito dos ro-

⁽⁶³⁾ “Memorias do professor Ximenes de Aragão”.

⁽⁶⁴⁾ “Viagens no Brasil”.

ceiros a crença na defesa que exerçam e criam os factos á convicção de que não repartem justiça. “Quando a autoridade anda dum lado para outro, custa muito a criar raizes” ⁽⁶⁵⁾.

O jury, que já na faixa civilisada do litoral vai em accelerada decadencia, de ha muito no sertão se roja aos pés dos potentados. Não mais infunde respeito; provoca remosques: uma cançoneta do vulgo conta dum tribunal de animaes em que o urso é juiz e o macaco escrivão... As mesmas estrophes ridiculizam outras autoridades: a preguiça é o collecter e o delegado, um cachorro terrível, governado pelo tigre-coronel e chefe politico !... Tão bem feitas as trovas e os sarcasmos que para elles só achamos comparação no celebre “Romance da Raposá”.

Os senhores da terra sempre utilizaram nas lutas os serviços dos “pagens” e “camaradas”. Faltando estes com a abolição da escravatura e a pouca sujeição dos cabras fôrrors, dispensam protecção aos delinquentes que se acolhem ás fazendas e aproveitam seus serviços para o que dér e vier. São exigencias do meio.

Vezez, o criminoso acolhido é forçado a duros trabalhos. Mais commummente, porém,

(65) Sarmiento — “Facundo”.

chega a ter voz altiva e exercer pressão. Velho costume dos cangaceiros. Ao tempo da guerra dos “patriotas”, os mestiços açulados por especuladores políticos que lhes contavam as matanças dos brancos em São Domingos, para que não tivessem piedade dos republicanos foragidos, escolhiam para os commandar homens de certa representação, aos quaes fingiam pedir ordens afim de justificar seus excessos e elles lh’as davam, ora por vontade e ora á força ⁽⁶⁶⁾. Um homem, que parára numa fazenda onde se achava um potentado e o seu cangaceiro de confiança, riu-se ao ver este cambalear de bebedor. O sequaz pôz-lhe o bacamarte aos peitos, perguntando com o dedo no gatilho: “De que ris, diabo?” O outro explicou que era duma pilheria do fazendeiro. Retirou a arma. Durante toda a scena, o amo não fez um movimento, mostrando a maior indifferença ⁽⁶⁷⁾. E’ que talvez sentisse ser impotente para conter o criminoso. Na sua mensagem á assembléa legislativa do Estado, em 1915, o presidente do Ceará, coronel Benjamin Barroso, tratando do banditismo, assim se expressa:

⁽⁶⁶⁾ “Memorias do professor Ximenes de Aragão”.

⁽⁶⁷⁾ “Memorias do professor Ximenes de Aragão”.

“Actualmente, homens de responsabilidade e familias importantes, fazendeiros, lavradores, creadores e doutores, por qualquer rixa com outras familias ou visinhos, organisam cangaço, grupo de individuos ferozes, mantendo-os armados, afim de intimidar ou exterminar os contendores, na primeira occasião. São mantidos desta sorte os valentões afaçados, perversos, malandros e perspicazes, que vivem longo tempo, sem trabalhar, á custa do fazendeiro, aterrorizando-o com boatos e intrigas que engendram para valorizar seus serviços. Em pouco tempo, os malfeitores sugestionam o patrão, fazendo-o sófrer incommodos, adquirir novos inimigos, creados pelos desatinos propositaes dos cangaceiros, até domina-lo completamente e elle deixar-se explorar por elles, que manhosamente estudam condescendencias e fingem obedecer-lhe em tudo”.

A 4 de outubro de 1911, reuniram-se na Camara Municipal da então villa do Joazeiro os chefes politicos de dezesete municipios do Cariry, entre os quaes havia padres e doutores ⁽⁶⁸⁾. Fizeram lavrar uma acta da reunião,

⁽⁶⁸⁾ Os padres Cicero Romão Baptista e Augusto Barbosa; o doutor Arnulfo Lins.

na qual apoiavam os sentimentos de tristeza do presidente do Estado pelas discordias reinantes naquella região. Confessavam-se tacitamente co-autores da anarchia, porque se propunham estabelecer a amizade e apaziguar os odios. Se nas suas mãos estava fazer cessar as lutas com um simples acordo, é que elles lhes davam origem. Denominaram a tal convenção “fé politica” e todos a assignaram ⁽⁶⁹⁾. Eis a summula dos artigos:

- 1.º — “Nenhum chefe politico protegerá criminosos no seu município nem acolherá os dos outros, mas auxiliará as capturas”.
- 2.º — “Os chefes não se hostilizarão mutuamente”.
- 3.º — “Nenhum chefe intervirá na deposição dos outros”.
- 4.º — “Essa intervenção só se dará, si o governo estadual ordenar (sic!)”.
- 5.º — “As desintelligencias entre os chefes serão resolvidas mediante acordos”.
- 6.º — “Sendo impossivel o acordo, ouvir-se-á o chefe supremo do partido”.
- 7.º — “A bem da ordem e da moral os chefes terminarão a protecção aos cangaceiros (sic!)”.
- 8.º — “Todos os chefes serão solidarios”.
- 9.º — “Serão solidarios com o chefe supremo do partido”.

⁽⁶⁹⁾ Publicada pela “Republica”, de Fortaleza, órgão official, a 8 de Novembro de 1911.

Ha objectos que encarnam uma epoca ou uma civilização. A acta do Joazeiro espelha o estado social do Cariry. Ella vale por uma confissão completa dos homens de responsabilidade daquella região e é uma resenha admiravel de motivos favorecedores do banditismo. Sobremaneira interessante aquella declaração de só se intervir na deposição dos chefes visinhos si o governo estadual ordenar! A “fé politica” é um resumo da historia da zona do cangaço. Nella se demonstra quanto os poderosos do sertão protegem o crime. “Cada chefe terminará a protecção a cangaceiros”. Só termina de fazer uma coisa quem a praticava. Como não acreditar no profundo atrazo social duma terra, onde os homens mais eminentes firmam publicamente um documento comprobatorio de que o meio, a raça, a administração e a politica, todos de mãos dadas concorrem para o banditismo? O governo que suggestionou a feitura desse convenio declarou, implicitamente, não ter forças para reagir e nunca ter cuidado de remediar o mal. Porque jamais poderia acreditar na palavra, embora escripta, daquelles que por necessidade, habito e interesse sómente podem fomentar o crime. Os resultados foram nullos.

Tudo nessa sociedade retardada impede e

desvia a acção da justiça e da policia. Poucos e falhos os meios de alcançar o crime, protegido pela natureza e pelos homens. Nos alcantis das serrotas agrestes, o cangaceiro tocaia, occulto no rebordo das grotas, atrás dos tronco e pedrouços, os perseguidores, que rompem a mataria, mal cuidando que em cada ribanceira, em cada moita um atirador emerito aperra a espingarda. Como os gaulezes davam batalhas cainpaes, os romanos apoderaram-se da Gallia na terça parte do tempo que gastaram em conquistar a Iberia, patria das guerrilhas. Nunca as tropas regulares puderam vencer as *montoneras* do pampa. Cem soldados, Brillhante fez recuar na “casa de pedra”. O bandido napolitano Parella teve a persegui-lo um esquadrão de dragões. Contra Sciarra e o duque do Monté Mariano, que commandavam dezenas de bandos armados, o papa mandou muitos milhares de soldados. Afim de perseguir Santos Perez, assassino do caudilho argentino Facundo Quiroga, fôram enviados 400 homens ⁽⁷⁰⁾, e maior numero teve Antonio Silvino atrás de si.

(70) Sarmiento — “Facundo”.

Demais, as tropas de policia são quasi sempre recrutadas na propria cangaceiragem. Depois que os fanaticos, em 1914, chegaram nas proximidades da capital cearense, o governo da intervenção federal, com elles constituiu um batalhão militar. Euclydes, descrevendo a investida do 5.º batalhão policial bahiano em Canudos, diz que se atirou o jagunço contra o jagunço. As forças estadoaes do nordeste constam de mestiços semi-barbaros do Pagehú, Teixeira e Cariry, cujas duas terças partes são de egressos do crime. Se o policial não veio do cangaço, foi apanhado na escória das povoações. O povilêu despreza-o, alcunha-o “macaco” e mata-cachorro”. Praticam mais crimes que os bandidos que perseguem e para elles desertam na vespera dos recontros, preferindo a vida solta do bandido á disciplina do soldado. Não é novo este phenomeno na historia. No anno de 186, um soldado das guarnições gaulezas, Maternus, coberto de crimes, condemnado á morte, fugio e fez-se salteador. Reuniu um bando numeroso de desertores, commeteu depredações, abriu cadeias soltando os presos que se lhe incorporavam, atacou cidades populosas e ricas. Perseguido, atravessava os Pyrineus e devastava a Hespanha. Apertavam-n’o lá, tornava á Gallia. Para bate-lo, foi preciso uma legião com-

mandada por Pescennius Niger, que narrou essa campanha, denominando-a a “guerra dos desertores” ⁽⁷¹⁾. O major reformado do exercito Nicanor de Moura Alves, commandante de forças parahybanas, que operaram contra os cangaceiros, diz numa carta ⁽⁷²⁾: “Só encontrei no interior 350 praças mal armadas, com pouca munição e sem uniformes... Outra difficuldade: os soldados desertavam aos 4 e aos 6, quasi diariamente, conduzindo para os bandidos armamento e munição, indo engrossar suas fileiras !” No tempo do imperio, iam contra os bandidos destacamentos do exercito. Até esses não escapavam á lei geral. Na Balaiada, os seus officiaes capitulavam peitados !

O numero dos bandos de cangaceiros assumem ás vezes proporções assombrosas, mui especialmente quando se destinam á tomada duma villa ou cidade. Centenas de criminosos apoderaram-se do Crato, no Ceará, e de Alagôa do Monteiro, na Parahyba. Duzentos homens atacaram Tamboril, no sertão cearense. Quinhentos bandidos, saquearam a cidade parahybana de Patos. Trezentos incendiaram a cidade cearense de Aurora. Quatrocentos der-

⁽⁷¹⁾ Augustin Thierry — “Histoire des Gaules”.

⁽⁷²⁾ Publicada no “Jornal do Commercio”, edição da tarde, de 21 - 1º - 1912.

rotaram a policia da Parahyba em Carrapateira, Amparo e Monteiro, ameaçando tocar fogo na villa do Teixeira, violar as mulheres e sangrar os homens. Da Immaculada, onde se aquartelavam, oitenta sequazes fôram, na mesma occasião, atirados sobre a povoação de Cabeceiras, que devastaram. Agostinho Thierry fala-nos dum certo Proculus, proclamado Cesar nas Gallias, filho e neto de salteadores, que reunira, abrindo ergastulos e recrutando facinoras, mais de mil bandidos. Contavam-se por centenas em cada bando os *cuereadores de la campaña*, que, ao tempo de Rosas, infestaram a Argentina.

Reduzidas as forças judiciaria e policial a armas fieis dos mandões, nada póde conter os transbordamentos das almas semi-barbaras impellidas ao crime pelo meio e pelo atavismo. Sentimentos provindos de factores climaticos ou ethnicos agem despeiadamente; máus instinctos movem-se sem receio; vinganças aproveitam oportunidades; intrigas e horrores da politicagem trabalham sem temor; rompem-se os freios moraes e anniquilam-se as forças sociaes. Muitas e muitas vezes, a can-gaceiragem, que era anormalidade perseguida, torna-se normalidade perseguidora. Dum momento para outro, em algumas zonas, vêm á tona todas as fézes. Em 1912, um jornal do

proprio nordeste pintava desta maneira a necessidade de pôr termo á anarchia horrivel e duradoura do sertão: “Desde 1897, o banditismo nomade ou fixo devasta o interior, zombando arrogantemente da acção repressiva das autoridades. Cumpre ao governo, a bem da propria moralidade, reagir, promptamente, na altura das circumstancias. Tropeçar em mal entendidos escrupulos é confessar a desmoralisação da força publica no seu principal objectivo, que é garantir a vida e propriedade dos cidadãos” (73).

A unica autoridade que fica de pé é a dos chefes de cangaceiros e ella mesmo mantida pelo terror. Ao menor aceno de revolta, o chefe reivindica o prestigio á bala ou á ponta de faca. Ai! delle, si o não fizer. José Pinheiro era um dos capitães do exercito de jagunços da revolução de 1914, no Ceará. Numa pequena cidade, os bandoleiros saqueavam os estabelecimentos commerciaes dos adversarios. Mas, embriagados de rapina, manança e alcool, alguns tentaram forçar as portas do armazem dum amigo politico. Os chefes politicos procuraram conte-los, nada conseguindo. José Pinheiro chegou e com uma ordem brusca afastou o grupo desobediente.

(73) “A União” — Parahyba.

Um cabra alto ficou só, teimando em arrombar a porta com o coice da arma. Pinheiro, sem pestanejar, derrubou-o com um tiro. Voltou-se, calmamente, para os circumstantes, e explicou: “Está ahí o que acontece a quem anda com a arma carregada. Bate com a coronha, ella dispara e mata !”.

No sertão, matar não é tão grande crime quanto na cidade. Isto que nos parece injusto e intoleravel, alli está de acordo com os preconceitos e o meio. O maior crime é o atentado contra a honra da mulher e, depois, o contra a propriedade. Havendo ocasião ou motivo, todos matam, raros furtam. As estatísticas criminaes affirmam grande desproporção entre os crimes contra a vida e os outros ⁽⁷⁴⁾. Matar para roubar é raro; matar por vingança, embriaguez ou crueldade, commum. Bertilon, na “Demographia figurada da França”, demonstra que os crimes contra a vida são communs entre os camponeses e os contra os bens entre a gente das cidades e das classes superiores. O sertanejo que assassinou, consoante a voz do povo, não cometeu crime — “fez uma desgraça”. O gaucho do pampa acha tambem que o assassinio

(74) G. Barreso — “Terra de Sol”.

foi *una desgracia*. “O homem do povo, em Napoles, diz friamente: No anno passado tive uma desgraça, o que significa — assassinei um homem” (75). O individuo mata e foge. Onde chega, o acolhe a compaixão ou o protege quem carece dum *homem* a seu serviço. Si a policia o persegue e escapole, recorrendo a manhas e ardis, ou resiste e vencê, logo sua fama enche os sertões, levada de poiso em poiso pelos cantadores ambulantes.

Morrer tambem não é a mesma coisa que para nós, sim breve momento de dôr pelo qual se passa, sem duvidas nem hesitações, desta vida para outra melhor. São mui arraigadas as superstições e mais ainda a convicção de que o arrependimento *in extremis* alimpa as almas de todos os pecados. As crenças desta natureza têm sido o segredo da bravura de muitos povos.

A moral religiosa foi abafada pelas mais absurdas crendices e abusões que corromperam o culto, pela ignorancia que conduz os espiritos a todos os fanatismos e fa-los descambar para os mais grosseiros fetichismos ou deixa-os a meio caminho dessa decadencia, no periodo da crença em fantasmas e genios. O povo persa, nesse mesmo estagio de religiosi-

(75) Stendhal — “Roma, Napoles e Florença”.

dade, creou as “peris” e o turco, os “djinnns”; o matuto, aproveitando lendas indianas, europeas e negras, vive cercado de “caiporas”, “lobishomens”, “burras de padre”, “almas”, “mães d’agua”, “gorjalias” e outros gigantes dum olho só, que lembram os olhapins ibéricos e os cyclopes antigos. A religião, corrompida de paes a filhos, continuadamente, como a lingua, mostra-se um reflexo moral do meio physico ⁽⁷⁶⁾. No Cariry, houve padres que benzeram os cacetes dos capangas antes das brigas. O padre Macario, vigario de Santa Maria, na Parahyba, era chefe de cangaceiros. Os padres italianos eram cúmplices dos bandidos que infestavam os Apenninos ⁽⁷⁷⁾. Muito bandoleiro mergulha o punhal na agua benta das pias. Os “romeiros” trazem nos chapéus pencas de medalhas entre as quaes uma que tem, no verso, a imagem de Nossa Senhora, no reverso, a figura do Padre Cicero. O napolitano e o calabrez, depois de um assassinio, pedem perdão “á madona” e acendem uma vela em intenção do defunto. Os vendeanos ajoelhavam diante duma cruz sob o vergasto da metralha. O cardeal Ruffo prometia o paraíso á gente que levantava contra os re-

⁽⁷⁶⁾ Letourneau — “Sociologia”.

⁽⁷⁷⁾ Stendhal — “Roma, Napoles e Florença”.

publicanos de Napoles. Os jagunços do Conselheiro e os paraguayos de Lopez criam na resurreição. Os “cabanos”, que infestavam o sul de Pernambuco, ouviam missa antes de combater.

Nas fazendas, cujo dono é mais ou menos instruido, a religião perde muitas abusões, mas torna-se patriarchal. O fazendeiro é o chefe da grei e o sacerdote. Tira a ladainha e pede a Deus e aos santos beneficios para a terra e paz para os homens: “Um padre-nosso e uma ave-maria para aquelles que andam sobre as ondas do mar ! Um padre-nosso e uma ave-maria para São José dar chuva ! Um padre-nosso e uma ave-maria a São Sebastião, para que nos livre de peste, guerra, fome e máu visinho, ponta de touro, espinho de favella e dente de cascavel !” E’ a mesma scena a que Sarmiento assistio em São Luiz, no âmago da Argentina: “Pedia a Deus chuvas para os campos, paz para a nação, segurança para os viajantes... Nunca vi scena mais religiosa. Julgava estar nos tempos de Abrahão... A voz daquelle velho, candida, innocente, fazia vibrar todas as minhas fibras e penetrava-me até a medula dos ossos” (78).

(78) “Facundo”.

Outrora, os municipios arrecadavam e distribuiam as rendas, pagando illuminação publica, sustentando escolas, mantendo estradas e guardas municipaes ou locaes. Os intendentes, quasi sempre chefes politicos ou testas de ferro destes, podiam atender a certas necessidades do partido, dar empregos, realizar melhoramentos, de maneira a favorecer alguns amigos. Havia a vantagem das energias se dispersarem noutros rumos, tendo outros meios de vingança ou victoria eleitoral, que não a luta armada. Os guardas, bandidos domesticados, irmãos dos miqueletes hespanhóes, dos bachibuzuks turcos, dos “guardias rurales” mexicanos, dos palikaros albanезes e dos evzones gregos, conheciam a esperteza e o valor dos comparsas que ficaram na gandaia e prestavam valioso auxilio na sua captura. Antonio Silvino foi guarda local em Canhotinho. Tambem defendiam o povoado. Os governos estadoaes, carecendo augmentar a receita orçamentaria, restringiram a autonomia municipal, cobrando seus impostos e abocanhando suas rendas. Si, sob outros aspectos, essa centralização foi um bem, sob este que estudamos foi um mal. As cidades e villas, reduzidas á penuria, sustaram obras, fecharam as escolas e dispensaram os guardas.

Os intendentes, sem o prestigio que lhes dava dispor dum orçamento, embora pobre, sem tribuna e sem imprensa, apellaram para os meios violentos nas lutas. Não faltavam armas, e os guardas, que tinham perdido os habitos de trabalho, ansiavam por serem sequezaes dum mandão politico.

Todas essas causas variam, concorrem para um producto determinado, marcham parallelamente ou convergem num ponto unico. Conforme a sua dynamica, resulta um typo especial de cangaceiro. Ferri dividiu os criminosos em cinco typos principaes: criminoso nato, louco, por habito adquirido, por paixão e por ocasião. A série variadissima de typos dos bandidos de nordeste póde ser reduzida a essa classificação.

Criminosos natos são aquelles, victimas da degenerescencia da raça e das anomalias morbidas, que o meio transformou em forças aggressivas e energias perigosas; mestiços de infimo cruzamento, com todos os caracteristicos lombrosianos de determinados e regressivos, com tics faciaes, desvios do nariz, falta de dentes, beijo de lebre, orelhas afastadas da caixa craneana, estrabismo, gagos ou de linguagem perra, prognathas, asymetricos, malformados, capazes das maiores torpezas, epilepticos ou syphiliticos, de olhar torvo e

riso bestial, ás vezes obscenos ou pervertidos sexualmente.

Mais raros os criminosos loucos, insulados, assassinos errantes, possuidos pela mania de-ambulatoria ou a paixão cynegetica, exercendo-a contra as creanças sobretudo. Têm ás vezes nevroses mysticas, fantasias quixotes-cas ou psychopathias sanguinarias. Praticam generosidades cavalheirescas e crueldades da-homeanas. Castram, sangram, torturam o inimigo. A grande maioria é de criminosos por habito adquirido, especies de *bravi*, de *condottieri*, de *bulli* ou homens que, na Italia, se alugavam para matar ⁽⁷⁹⁾, de espadachins ou “gauchos-malos”, que se integram em modalidades de bandidos. Provocam disturbios nas feiras, emborcam copos de aguardente, depois de cuspir por entre os dentes serrados em pontas como os do andaluz, e matam por dinheiro, raiva, crueldade ou ordem dos protectores. Saíram do meio com a educação que este lhes deu e as inclinações crapulosas, amoraes e ferozes. São a ralé, a massa, a arraia-miuda do cangaço. Não provocam grande odio, nem grande admiração, nem grande curiosidade. Usam o cacho ou trunfa tradicional dos valentões famanazes, desmancha-

(79) Roland — “Viagens”.

dores de sambas, salteadores de estrada. É grande o numero dos criminosos por paixão, não só daquelles que o espirito impregnado de rudes devaneios e amorosas inclinações leva ao crime, como, e estes em maior escala, dos nevrosamente irritaveis, vingadores da honra ofendida, doceis, pacificos, transformados dum momento para outro em verdadeiras feras. Muitos têm a paixão de fazer triumphar a justiça, desoprimindo os fracos e detendo o braço dos poderosos. Ha pundonorosos que se tornam bandidos por um impulso facil de despertar após o soffrimento de grande injustiça, cheios de desprezo pela sociedade, entendendo que esta é infame e mercenaria, porque os persegue quando nada mais fizeram do que se desafrontar. O criminoso por ocasião é commun. A sua moralidade incerta, insegura, não resistiu a uma oportunidade propicia ou a circumstancias de momento que o impelliram. Póde-se dizer que todo o sertanejo é capaz dos crimes de morte, si os exigirem as condições da ocasião.

Só os povos que não evoluem não têm modas. O chinéz, cuja civilisação estacionou, veste hoje como no tempo dos Ming. Os camponezes europeus conservam os trajes de cinco seculos passados. No sertão, as roupas do

roceiro são as mesmas de duzentos annos atrás. Desde a epoca colonial o vaqueiro usa o terno de coiro do mesmo feitio. O cangaço anda com o chapéu de coiro do vaqueiro, calças de riscado arregaçadas, mostrando as ceroulas, camisa ou blusa de algodão e alpercatas. Cobre o peito, onde lhe cáem do pescoço os bentos, orações, patuás, escapulários, crucifixos e medalhas, por baixo da blusa, com um lenço vermelho. Signal de valentia e fereza. A côr encarnada não poderia significar outra coisa. Muito viva, grava-se nas memorias rudimentares dos semi-bárbaros, em que o predomínio das acções reflexas pede sensações fortes. O vermelho é preferido pelas raças inferiores. Os selvagens têm a paixão dessa côr. Na Nova Zelandia todo o objecto pintado de rubro fica sagrado (*tabú*). Os juizes e carrascos, antigamente, se vestiam de encarnado afim de incutir *terrore* e *spavento* aos réus ⁽⁸⁰⁾. Vermelhas, as fardas dos soldados de Rosas. Vermelhas, as blusas dos garibaldinos, as tunicas dos “farrapos”, as capas dos chapéus dos romeiros do padre Cicero. Vermelhas, as bandeiras dos povos mais atrasados ⁽⁸¹⁾. Vermelho, sangue e barbarie.

⁽⁸⁰⁾ “Regulamento Regio da Republica de Genova”.

⁽⁸¹⁾ Sarmiento — “Facundo”.

Os balaaios queriam obrigar toda a gente a andar de camisa e ceroulas encarnadas ⁽⁸²⁾.

As armas do cangaceiro são o *riffle* Winchester, ás vezes uma “garrucha” ou uma pistola, e a inseparavel faca ou parnahyba de um e meio a dois palmos, que serve para tudo: castra bezerros, corta unhas, apara callos, arranca espinhos, parte o queijo, pica fumo, espeta o assado e ajuda a enrolar o cigarro de palha de milho.

Como todos os povos guerreiros antigos, os matutos que se cangaceirizam gostam dos apellidos sonoros e originâes. Ragnar, o pirata, era cognominado Lotbroc, o das calças pelludas. A Vendéa teve Gouge o Verdelhão, Canta-no-Inverno e Dansa-na-sombra. O sertão possúe Adolfo Meia Noite, Justino Salamandra, Orelha de Sóla, Cobra Verde, Xico Diabo, Zé Piranha, Come Fogo, Bello Amarello, Onça Tigre e Doze Mortes ! Os povos primitivos não deixavam morrer os apellidos paternos. Os semitas tinham a particula *ben*, para significar filho e reunir o nome deste ao do pai. Com o mesmo fim, os irlandezes tinham a expressão *ó*, os escoceses *mac*, os inglezes o final *son*, os normandos *fitz*, cor-

⁽⁸²⁾ “Memorias do professor Ximenes de Aragão”.

ruptela de *filis de*, e os slavos a terminação *witch*. No velho portuguez, a desinencia *es*, herdado o costume das tribus germanicas que sujeitaram a peninsula, designava filho de: Fagundes era filho de Facundo e Bermudes de Bermudo. O sertanejo dá o plural aos nomes proprios para determinar todo o bando: os Brilhantes, os Guabirabas, os Viriatos; e quem herda a chefia duma quadrilha herda o nome do chefe desaparecido: Manoel Baptista de Moraes recebe o governo dos bandidos de Silvino Ayres, que fôra preso, e passa a chamar-se — Antonio Silvino; Jesuino Alves de Mello Calado denomina-se Jesuino Brilhante, em memoria de seu tio, o cangaceiro José Brilhante.

Stendhal publicou estas palavras sobre os bandidos da Italia: “Conheço duas ou tres historias de salteadores que farão estremecer, si sómente se considerarem as crueldades horriveis das mesmas, mas que encherão de admiração quem tiver philosophia bastante para nellas vêr o genio dessa gente e seu sangue frio”. Se apreciarmos os quadrilheiros do sertão sómente quanto aos crimes e torturas que praticam, delles nos afastaremos com horror, porém si analysarmos as causas do seu viver e os motivos por que agiram, chegaremos á conclusão de que são mais dignos de admira-

ção que de outro qualquer sentimento. Veremos que as forças maravilhosas dessa sociedade, cruel e criminosamente abandonada, estão em energia de potencial e só se manifestam no crime, porque não têm onde nem como se manifestar de outra maneira. As suas volições, os seus anseios e desejos se perdem sopitados ou extravasam para o cangaceirismo.

Os cangaceiros sagazes e valentes, sobrios e destemerosos, evaporam-se nas lutas e negaceiam como fantasmas; mas, acuados no ultimo refugio, morrem e não se rendem, como o povo de Canudos, causando tão forte emoção em Euclydes da Cunha, que produziu o maior livro de nossa literatura. Porque assim são e, em outro meio, com outras directivas e impulsos, suas qualidades os fariam uteis, dedicados e grandes, os chamamos Heróis e Bandidos, certos de que muita vez são mais bandidos que heróis, porém quasi sempre mais heróis que bandidos.

II

OS TYPOS

*«The proper study of man is
mankind.»*

(POPE).

CUNHAS E PATACAS

«Paulo Orsini casa contra a vontade do Papa e morre, subitamente, depois duma refeição.»

*(De «Victoria Accoramboni»,
por STENDHAL).*

Os Cunhas do Boqueirão, na ribeira do Jaguaribe, eram das mais importantes famílias sertanejas do Ceará, no começo do século passado. Criadores e lavradores abastados, bruscos, valentes e generosos, jactavam-se de nobreza, e eram, com efeito, restos de fidalgos aventureiros, que, com Duarte de Menezes, tinham vindo para a capitania da Parahyba e, depois, se dispersado no valle do grande rio cearense. As condições do meio, as questões do momento, as pretensões de casta arrastaram-n'os para a luta e o crime. O sertão não lhes consentiu viver em paz. A estreiteza do ambiente social matou-lhes outras ambições e deu-lhes tendencias para o cangaço.

Viviam em calma e trabalho, quando em 1824, os pronunciamentos republicanos abalaram o interior. Marchando sobre a capital do Ceará, Tristão Gonçalves de Alencar, pousou na fazenda do Boqueirão e ordenou ao velho Manoel da Cunha, chefe da familia, que preparasse certo numero de sequazes bem armados e municiados, cavallos e viveres, para seu reforço, no caso de voltar de novo

ao sertão. A esquadra de *lord* Cochrane surgiu em Fortaleza e Tristão retornou ao interior. Já as forças imperiaes entravam pelo sudoeste da Provincia. O velho Cunha, partidario da legalidade e instigado pelo filho, José Leão, abandonou a fazenda e refugiou-se em outra parte, sem preparar o soccorro pedido. O caudilho republicano enfureceu-se e mandou devastar o Boqueirão. Moquearam-se as rezes, queimaram-se as pastagens e saqueou-se a morada. Isto pedia uma vingança. Os Cunhas iam entrar na luta. José Leão reúne milicianos e cangaceiros, escravos e moradores, parentes e acostados, partindo no encalço da retaguarda dos revoltosos. Nas varzeas de Santa Rosa, estas topam pela frente as forças legaes. Trava-se o combate. Ia sangrenta a peleja, quando os Cunhas cáem sobre o coice dos republicanos, que não puderam resistir ás duas pressões simultaneas. O panico dispersou-os. Tristão fugiu a cavallo. José Leão perseguiu-o com encarniçamento, indo derruba-lo, morto a tiros, numa catinga mais adiante. Deixou o cadaver insepulto com guardas á distancia, para que fôsse pasto de urubús e bichos do mato, cortou-lhe o pollegar e trouxe-o, espetado na ponta da espada, afim de mostra-lo ao commandante em chefe dos imperiaes. Estava satisfeito o seu amor

proprio cruel. Vingára a afronta e os prejuizos.

Elogiaram-lhe o feito. A impáfia cresceu. Dahi por diante o que lhe fizessem ou aos seus pagariam caro. A sua importancia e coragem tornaram-n'o chefe ostensivo da familia. Nada se fazia sem o consultar. Quando lhe não pediam conselho, zangava-se ou obrigava a aceita-lo á força. Uma parenta proxima, edosa e rica, quiz casar com um rapaz ainda aparentado, membro querido da familia Pataca, menos importante que os Cunhas, tratada como parentes pobres, a qual por isso os invejava e malqueria á socapa. A velha era viuva dum Cunha e não devia baixar a tal casamento. Tinha laços de parentesco impedindo-o. Possuia fortuna, que, em vez de tornar á familia, iria augmentar os cabedaes da outra. Todas essas razões obrigaram José Leão a opôr-se ao enlace. Mas a mulher tinha a teimosia das velhas apaixonadas. Arranjou bem paga dispensa do bispo de Pernambuco e casou contra a vontade de todos. Durante uma viagem, o marido hospedou-se numa fazenda e foi dormir, com os companheiros, em commodas rêdes, no alpendre. De manhã, estava morto. Não lhe manchava a camisa um pingo de sangue. Procuraram a causa da morte. Fôra uma longa

e fina agulha de aço, de coser saccos e surrões, que alguém, deslizando pela treva, ras-tejando até se aproximar do fiango ⁽⁸³⁾, cravára-lhe com rapidez e força no peito pelludo. Um dos presentes lembrava-se de ter ouvido a horas tantas um gemido fraco e longo.

Todas as vozes indicaram José Leão como mandante do crime. Seguiam instinctivamente o aphorismo: “procura o criminoso naquelle a quem o crime aproveita”. A familia Pataca jurou vingar-se. De então por deante, os Cunhas recebiam recados e desafios injuriosos. Os inimigos prometiam ir ao Boqueirão dar-lhes um “ensino”. Armavam-se e esperavam. Não vinham. Após algum tempo, não acreditaram mais que viessem e começaram a descuidar-se.

A alma precatada e vingativa dos Patacas não esquecêra o revide. Antes vivia pela imaginativa a prelibar o seu gôso. Num dia de sol ardente, chispando faúlhas nos granitos, fazendo rebrilhar a silica dos caminhos, surprehendeu a fazenda, onde sómente estavam José Leão, a mulher, algumas creanças, Firmino, seu filho, homem já, Sabino, filho natural, rapaz forte e destemido, e um mestiço que viera havia pouco avisa-lo da arremetida dos Patacas.

(83) Rêde.

Chegaram, disparando os bacamartes com um barbarizo selvagem. José Leão armou-se e escondeu-se, acuado como tigre na furna, num canto escuro da cavallariça, entre montes de capim e palha de milho. Firmino, Sabino e o mestiço, buscando as clavinas, entraram num aposento que era sala de armas e paiol de munições, todo de altas, lisas e bem feitas paredes até o tecto, com uma unica porta de taboas grossas de cedro, fechadura de brôca e visagras de ferro da terra, batidas na bigorna, impossivel de ser arrombada. Vendo-os alli, quando já a horda inimiga transpunha as entradas, a mulher de José Leão, cuidando salvar os tres naquella quasi fortaleza, deu volta á chave e atirou-a, atarantada, dentro dum pote d'agua.

A récuia entrou furente, aos berros de morte. Varejou a casa sem encontrar homens até que o primeiro sequaz chegou á porta da estrebaria. Ouviu-se um tiro. O bandido rolou, escabujando. Avançaram todos para aquella dependencia. Mal punham os pés além dos batentes, caíam mortos. Lá do canto, olhos em fogo, arma aperrada, o matador de Tristão Alencar espreitava. Cada tiro era uma quéda.

Outros assaltantes tentaram desesperados esforços para arrombar a porta do paiól. Os

de dentro pediam em altos brados que a abrissem, porque desejavam morrer ao ar livre, lutando. Cercada pelos Patacas, empurrada a coice de bacamarte, inquirida brutalmente pelo paradeiro do marido e pela chave da sala de armas, a esposa de José Leão, louca de pavor, com os filhos miúdos a se lhe agarrarem nas saias, puxava os cabellos em desespero, chorando convulsivamente.

Não conseguindo arrebentar a porta nem com um ariete improvisado com uma estaca do curral, resolveram os atacantes dar cabo fôsse como fôsse do chefe da familia. Mata-lo-iam e seriam satisfeitos. Pegaram a pobre mulher e os meninos. Fazendo delles escudos ás balas, penetraram na cavallariça. Saltaram de faca seis ou oito sobre o Cunha. A luta foi terrivel. Succumbindo ao numero, o valente calu crivado de facadas. Ainda vivia. Sangraram-n'o ao pescoço !

Um dos cangaceiros teve sinistra idéa: incendiar a casa, torrando os tres "cachorros" enfurnados no quarto. Rejubilando, sanhudentemente, a súcia desmanchou cercados, bebedouros e curraes, arrastou varas, estacas, carnaúbas, moirões e esteios, empilhou-os ás portas, sobretudo á do refugio dos inimigos, e ateou-lhes fogo. Montaram a cavallo e partiram em brusca arrancada, com alegre alga-

rido, furando os carrascaes, galopando pelos vargedos. A casa ficou a arder com altas labaredas beijando o madeiramento sêco, as vigas de aroeira, as cumieiras e terças de pau d'arco, os caibros de mororó. O fogo chegou ao meio do edificio. Já os rebócos aquecidos desligavam-se. Via-se o esqueleto das taipas. Ouviram-se gritos, uivos horriveis de medo louco, frenetico. As chammas lamberam o tecto do quarto das armas. Dentro choveram fagulhas e brazas. Os barris de polvora, as malas de cartuchame estouraram. Foi um estrondo pavoroso, que reboou ao longe, ecoando nos alcantis, espantando os gados somnolentos nas pastagens quietas e os lotes de potrancas nas varzeas caladas. Logo, as paredes ruíram, restos de telhados abateram, esvoaçaram fogachos e caíram distante, em arremeço potente, tições, tijolos, telhas, fragmentos de toda a sorte. A mulher do José Leão rondava o incendio de olhos esboga lhados, gritando, torcendo as mãos, com os filhos pequenos tremendo, enrodilhados às saias... ⁽⁸⁴⁾.

⁽⁸⁴⁾ No livro "Terra de Sol" narrámos este episodio com algumas minucias a menos. Delle sabemos por tradição de familia, pois que esses Cunhas ou Cunhas Pereira, do Jaguaribe, são nossos antepassados. João Brigido tratou d'elle na imprensa de Fortaleza.

OS CACUNDOS

«Il frappait l'un, il perçait l'autre, il abreuvait ses ennemis d'amertume.»

(Canção de Luiz III.)

Helena Maciel, irmã de Antonio Con-
lheiro, da raça valente e forte dos Macieis de
Quixeramobim, no Ceará, era uma mulher
terrível. As maçãs salientes do rosto pallido,
os olhos vivos, chammejantes, demonstravam,
á primeira vista, o calor do modo de sentir,
o afogamento das paixões e a susceptibili-
dade feroz do amor proprio.

Luciano Domingues de Araujo, bem apes-
soado, activo e moço, fazendeiro em Boa Via-
gem, fica noivo de uma sua sobrinha. Mais
tarde, por motivos que julgou suficientes, des-
manchou o noivado e prometeu casamento a
D. Joanna Barreira, filha de opulento criador
daquelles sertões.

O espirito altivo, o pundonor susceptivel
e rudo de Helena Maciel não puderam aceitar
o repudio da parenta. Vieram á tona os re-
siduos herdados da velha mestiçagem luso-
tapuia, emboscados durante gerações no fun-
do mysterioso da alma. As psychopathias an-

cestraes refloriram. Helena buscou quem a desafrontasse, decidida a pagar os assassinos de Luciano a peso de oiro. Era necessario que o sangue lavasse o insulto feito aos Macieis. E, si intimamente tratava do caso, a irmã do Conselheiro deixava sibilar entre dentes cerrados esta unica frase: “Si eu fosse homem!”

Luciano de Araujo ia casar com D. Joanna na fazenda do Tapuiará de Cima, onde os preparos da grande festa azafamavam a velha vivenda sertaneja. Os assados e dôces da terra chiavam nos fogões. Pelo pateo, a molecada preparava em grita o foguetorio. Dos páus brancos folhudos que circulavam a casa, brotavam esguias varas com galhardetes vermelhos e azúes. Os gados afastavam-se em espanto, mugindo vagarosamente. A’ sombra das arvores e telheiros, apinhavam-se os cavallos dos convidados, em jaezes de gala, mantas felpudas de pelle de bode, redeas argoladas e afiveladas de prata. Nos aposentos vastos, caiados e nús, premiam-se os convidados de toda a redondeza.

A noiva ainda se preparava no quarto. Mas já o padre, dando uma ultima demão ao altar singelo, armado a um canto da sala, vestira os paramentos de cerimonia. Sómente faltava o noivo...

Quando a sua demora começou a impressionar todos, o fazendeiro expediu gente a cavallo pelas estradas que vinham ter á fazenda. Horas depois, um dos bandos regressava vagaroso pelo caminho do Uruquê.

Quatro homens marchavam a pé e traziam, tristemente, o corpo molle de Luciano de Araújo. De longe bradaram á expectativa ansiosa da gente da fazenda: — “Não está morto, não !”.

Deitado, numa rêde, lavadas as feridas pela noiva infeliz, em prantos, Luciano pôde falar. Perto da fazenda do Uruquê, vinha veloz e contente estrada afóra. Dum cerrado de moitas partiram tiros. O cavallo estacara, tremulo. Sentira duas pancadas no peito. De mais nada se lembrava. Agora via-se alli, cercado de amor, amigos e carinhos. Sentia-se muito fraco. Subia-lhe um gosto de sangue á bôca. Estava certo que ia morrer. Duas balas lhe haviam atravessado o peito largo. E, com lagrimas aos cantos dos olhos, perguntou á chorosa e dolorida D. Joanna si queria assim mesmo casar com elle. Ella abraçou-o num impulso de dôr e, por entre os soluços, disse que sim.

Fez-se o casamento. O noivo, arfando dentro da rêde estrellejada de pingos de sangue, dava a mão fria e tremula á noiva ajoelhada, em chôro constante, ao seu lado. Os fo-

guetes não riscaram o ar. Não se ouvia um riso, um signal de festa. Toda a assistencia chorava. E entre mais chôros ainda, ao entardecer, finava-se o pobre noivo.

Era mais do que completa a vingança de Helena Maciel.

Puzeram-se parentes do noivo e da noiva, autoridades e até curiosos, que o sentimentalismo enthusiasmava, á cata do sanhudo matador do gentil sertanejo. E veio a precisar-se a accusação de que fôra autor do crime, mediante avultado pagamento, Estacio José da Gama, que, temendo já a perseguição e a vingança, refugiára-se no sertão de Maria Pereira. A falta completa de provas, apesar da voz geral que a condemnava, impediu qualquer acção judicial contra a irmã do Conselheiro, pois que Estacio, mesmo depois de preso e condemnado, nunca se determinou a confessar de quem recebera estipendio para o crime, tão forte juramento devera ter feito a Helena Maciel.

Nessa mesma epoca, deu-se um crime muito diferente do que narramos, em Quixeramobim, mas cujo autor veio a ser co-participante no epilogo da tragedia do Uruquê.

João Cacundo, soldado da Guarda Nacional mobilizada, estava destacado na então villa de Quixeramobim, onde vivia de latro-

cinios, não só porque nessas priscas eras mal pagavam os governos os soldados da tropa, como porque elle já tinha a bóssa do crime tão grande como a que lhe enfeitava o dorso e que lhe dera a alcunha de *cacundo*, corruptela popular de corcunda.

João Cacundo estava alta noite saqueando o armazem dum negociante, quando este, que presentira o roubo, acorda, corre á porta da rua que encontra arrombada e brada para o escuro da loja, ao ladrão, que está preso e não procure sair, começando a gritar por auxilio. Vendo-se em critica situação, o Cacundo, que estava fardado e sabia que, preso, iria morrer ás chibatadas no quadrado do batalhão, preferiu matar. Atirou-se á porta, transpassou o desgraçado negociante com a pontuda bayoneta triangular e desertou incontinente, levando a farda e a carabina do governo. O sertão ganhava mais um cangaceiro.

O soldado perseguido pelos sertões procurou acoutar-se junto aos de sua laia, a outros perseguidos, modo este levado a efeito por milhares de criminosos e que tem dado em resultado a reunião de bandos formidaveis de cangaceiros em certas regiões.

Cacundo homisia-se nas alfurjas de Estacio Gama e os dois começam a praticar crimes

pelo sertão pobre de Maria Pereira. Cresceu dia a dia sua fama e o povilheu dava aos associados o nome mais expressivo do primeiro ⁽⁸⁵⁾. Toda a gente temia os *Cacundos*.

Era juiz de paz ⁽⁸⁶⁾ do districto de Maria Pereira, hoje chrismado por Benjamin Constant, o destemido e poderoso fazendeiro Manoel Honorato, que alliava á maior coragem a calma mais completa.

Manoel Honorato procede a indagações seguras, manda vaqueiros campear rezes e espreitar os bandidos, arranja espiões, reconhece catingas e recantos de serrotas, até que descobre o esconderijo dos dois cangaceiros. Um dia, cortando a mata, pé ante pé, armas engatilhadas, acostados e escravos de Manoel Honorato cercaram o ninho dos bandidos. Encontraram as rêdes e a carabina ou granadeira do governo, que Cacundo esquecera a um canto da fumaça. Os passaros tinham voado, deixando-lhes pennas na mão. Haviam sido avisados em tempo por qualquer assecla do lugar.

⁽⁸⁵⁾. Pela mesma razão se chamavam os Viriatos, os Brilhantes, os Guabirabas, etc.

⁽⁸⁶⁾ J. Jucá, narrando estes factos, na "Revista do Instituto do Ceará", chama Manoel Honorato, subdelegado. João Brigido, contradizendo-o, afirma que ainda não fôra creado esse cargo e que Honorato devia ser juiz de paz.

Manoel Honorato voltou á fazenda, desçoçoado, e dispersou sua gente.

Dias depois, recebe, inesperadamente, um recado provocante dos Cacundos. Diziam-lhe que se preparasse, pois estavam no proposito de lhe fazerem uma visita em pagamento da delle. Queriam, porém, encontra-lo em casa e reconduzir a granadeira.

Repetiram-se recados identicos e a todos Manoel Honorato encolhia os hombros. Eram lá capazes de vir á sua casa. “Estrumar-lhes-ia” os cachorros em cima, mal ousassem apparecer no terreiro. Covardões, só matavam de traz dos páus. Tinham a valentia das tocaias... Viesses !

Luminosa e suave manhã de inverno. Bandos saltitantes de gallos de campina demoravam no terreiro limpo, catando grãos perdidos e sementes de gramineas. Viam-se de longe as cabecitas rubras movendo-se sobre o tapete verde do capim de burro. O sol doirava cumeadas de serras e sacudia fina poeira de luz nas nevoas perdidas que cobriam os vargedos. Demorava entre a terra e o céu um arrulho dorido de juritys. E o mugido farto dos gados, que pastavam nas capoeiras, subia no ar como notas de um psalmo vagaroso á fartura vegetal da terra.

Honorato estava com o vaqueiro, no curral, ao lado da casa de morada. Desleitavam as vacas. Seguravam os bezerros teimosos, amarravam-nos com fino piez de couro á perna trazeira da vaca. Depois, livres do seu importunar e estando o animal na dôce illusão de que é o filho quem a suga, apertam entre os dedos os peitos fartos, e recebem o leite branco, espumejante, na cuia asseada. Logo que está cheia atravessam o curral, vagarosamente, despejando-o no póte pequeno, suspenso do giráu, junto á larga porteira de entrada.

Ao tirar o leite de uma das vacas, acocorado e na maior despreoccupação, estava o Manoel Honorato; quando da porteira, pelas costas, lhe gritaram: — “Bom dia, capitão Honorato !” Antes que se voltasse, o vaqueiro que o defrontava, occupado em identica tarefa, atira ao estrume a cuia do leite, corre agachado por traz das vacas e bezerros, afasta duas estacas da cerca e embrenha-se na catinga espessa, que vinha morrer rente ao curral. Surpreso, o fazendeiro volta-se para onde o chamaram e avista, encostados, risinhosamente, ás varas da porteira, dois cangaçeiros de chapéu de couro, clavinotes, cartucheiras de pelle de onça pintada, longas facas enterçadas batendo na côxa. Só então comprehendeu a fuga sorrateira do vaqueiro. Não

lhes tremeram as mãos nem se lhes arripiaram os cabellos. Olhou o lado por onde escapulira o famulo, teve um imperceptível sorriso, e murmurou: “Covarde!”.

Era a visita dos Cacundos. Honorato virou-se um pouco e respondeu: — “Bom dia, moços. Deixem-me acabar de tirar este leite que lhes vou falar”.

Cheia a cuia, dirigiu-se ao póte do giráu, dizendo aos dois: — “Vão para a casa ahí pela frente”. Fingia ignorar quaes os visitantes e o fim da visita.

Isto os surpreendeu e lhes tolheu a acção do momento. Esperavam encontrar uma luta como prefacio ou assassina-lo de geito ao primeiro movimento de defesa. Topavam um homem sereno, sem desconfiança, que os mandava entrar em casa. Talvez fosse melhor lá dentro. Haveria certamente dinheiro ou outras coisas que levar. Entretanto, o fazendeiro, ao dirigir-se ao giráu, ouviu um dizer para o outro: — “Não atire no homem!”.

Entrou em casa pela porta da cozinha. Os malfeteiros esperavam-n’o na sala da frente. Caída de borco numa rêde, a mulher gemia. Além della só estavam em casa uma escrava e um molequinho. Pegou no braço da esposa e sacudiu-o com força:

— “Não dê signal de fraqueza, criatura!” Depois, disse á escrava que, ao primeiro chamado, corresse á sala.

Prazeiteiro, cumprimentou os dois miserraveis encostados aos humbraes do copiar e pediu-lhes que entrassem. A muito custo accederam, mas de armas aperradas. Apon-tou-lhes dois môchos em que se sentaram e perguntou-lhes com a maior calma e vagar o que desejavam e para que lhes poderia servir. Responderam, duramente, que eram os Cacundos e vinham buscar a carabina que lhes roubara do rancho. Honorato replicou que a não podia entregar, porque não lhe pertencia, como tambem não lhes pertencia. Era propriedade do governo. Já a enviara mesmo com o seu relatorio ás autoridades superiores, para Fortaleza. Entretanto — e adocicou a voz — dar-lhes-ia dois cavallos de sella, completamente arreitados, para se porem a salvo em outra ribeira e algum dinheiro para a viagem. Abriu uma gaveta e mostrou-lhes cedulas graúdas, moedas de ouro e prata.

Os assassinos sorriram e recusaram. Queriam a granadeira ou o couro d'elle e não davam por menos o trabalho da visita. Os rostos carregados, crispavam-se de raiva e os dedos trementes apertavam os gatilhos. Rouquejaram:

— “A granadeira ou o couro para espi-
char !”

Honorato chamou o molecote e pediu-lhe uma cuia com agua para lavar as mãos. Tra-la o negrinho e segura-a, dando as costas, inconsciente do plano do amo, aos dois criminosos. Mas Honorato de subito reclama que elle está entornando a agua, ralha, enfurece-se e dá-lhe uma bofetada, tão forte que o atira longe, para os pés dos bandidos. Estes riem do escravinho, meio surpresos com a scena, desviando os olhos do fazendeiro.

Manoel Honorato, veloz como uma sussuarana, dá um pontapé na bôca do estomago do desertor, arranca-lhe das mãos a espingarda e, enquanto elle se estorce de dôr no barro socado da sala, aponta a arma ao Estacio:

— “Rende-te, cabra !” e atira as armas no chão ! Durou momentos tudo. Estavam os cangaceiros á sua mercê.

— “Cruzem as mãos !”

Dito e feito. Bradou pela creada e ordenou-lhe que lhes amarrasse os braços com cordas de relho crú. Encostou a arma a um canto e prendeu-os pelos braços ajoujados a um forte armador de rêde. Fez uma caricia ao moleque choroso. Apanhou as facas e a outra espingarda abandonadas no chão. Pi-

cou fumo com a quicé na palma grossa da mão. Encheu o cachimbo. Sentou-se a um tamborete defronte dos dois prisioneiros rubros de odio, cenhos franzidos horripelmente, accendeu o cachimbo e poz-se a fumar, a olha-los e a sorrir...

Nisto o soldado gemeu:

— “*Seu capitão, lembre-se que fui eu que disse ao companheiro, na porteira do curral — não atire no homem*”.

Uma lagrima rolou devagar pela face generosa do fazendeiro.

É durante todo o tempo até o processo final e a condemnação dos réos, Manoel Honorato tratou com carinho o guarda-nacional, recalcando a toda hora e a todo instante, como elle mesmo confessava, a tentação de dar-lhe escapula.

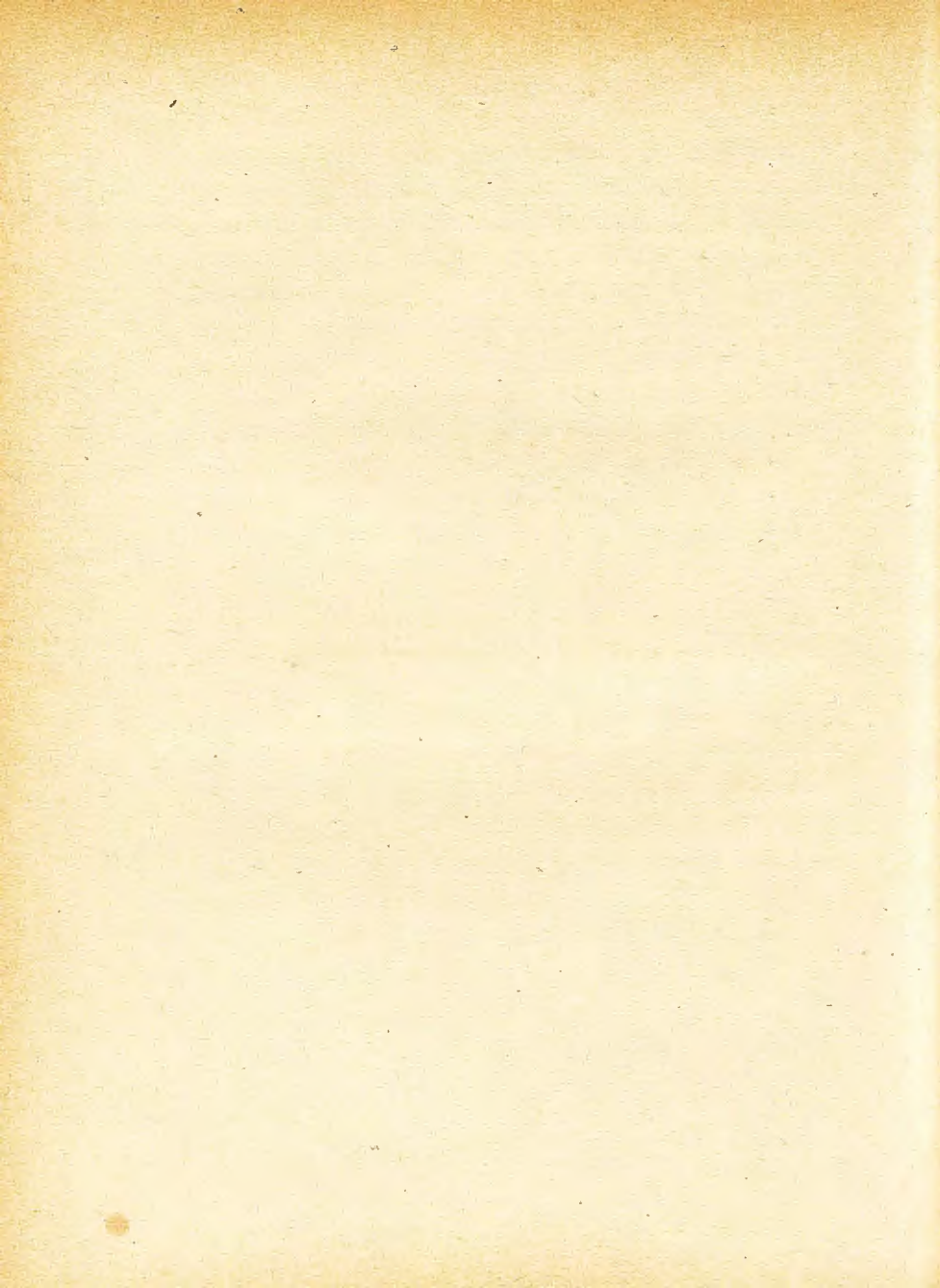
A entrada dos dois cangaceiros presos e escoltados na villa de Quixeramobim foi motivo de brodio e de prazer, sendo Manoel Honorato victoriado pela população inteira.

Naquelles tempos rudos havia mais severidade nos jurys. A 15 de Março do anno da graça de 1834, Estacio José da Gama foi fuzilado na villa de Quixeramobim, com as formalidades marcadas pelo codigo criminal da

epoca ⁽⁸⁷⁾, por um pelotão de doze homens do destacamento local, comparecimento dos magistrados, grande affluencia de matutos, depois de ter recebido os Santos Sacramentos. Morreu com coragem. João Cacundo finou-se em um casebre infecto de Fernando de Noronha, condemnado a galés perpetuas.

Mezes após a execução de Estacio da Gama, D. Pedro I enviava a Manoel Honorato o habito de Christo. E o fazendeiro, singelo e forte, recusava a mercê, porque mais valiam para elle a consideração e respeito de que o cercavam no sertão, o prestigio do seu nome, a consciencia do proprio valor, do que os penduracalhos imperiaes com as suas fitas de seda. Ademais, elle, Manoel Honorato, não queria ficar orgulhoso.

(87) Officio do tenente-coronel Ignacio Corrêa de Vasconcellos, presidente da provincia, e do juiz de direito de Quixeramobim, Antonio Duarte de Queiroz, de 21 de Junho de 1834, ao ministro da justiça.



MOURÕES E MOQUECAS

«Duas famílias iguaes em dignidade, em consequencia de velho odio, lutam e se ensanguentam...»

(W. SHAKESPEARE — «Romeu e Julieta» — Prologo).

Nos sertões de Ipu e Crateús, dominava, em 1830, a familia feudal e poderosa dos Mourões e Mello, cuja vida foi ininterrupta série de guerrilhas e assassinios, correrias e torturas. São muitas e embaralhadas as versões sobre a origem do seu cangaço e intriga, já com os Lopes, já com os Moreiras, denominados Moquecas. Alexandre Mourão narra nas suas "Memorias" (88) que a luta começou por ter o seu cunhado e primo co-irmão José de Barros Mello, o Cascavel, concertado com Vicente Lopes de Negreiros a morte dos Mourões. Precisemos os factos. José de Barros, casado com uma Mourão, vivia amasiado. A mulher communicou seus desgotos aos irmãos, que resolveram raptar a comborça e leva-la para longe. Fizeram-n'o, mas o pai delles mandou que a restituissem a José de Bar-

(88) Publicadas na "Republica", de Fortaleza, em 1903.

ros e pediu-lhe a filha em troca. O genro, então, desistiu de visitar mais a amante e as coisas se acomodaram; mas, na sua alma, vingativa e recheiada de falso pundonor, medrava a idéa da vingança. Uma feita, de surpresa, Barros e Negreiros atacam os Mourões, matando dois acostados e Manoel Mourão, chamado Manoel dos Ferros, o mais moço da família. Estava declarada a guerra. Todas as inclinações do meio a alimentariam.

Correm outras narrativas. Dizem que Vicente Lopes se opuzera ao casamento de sua irmã Francisca com Antonio Mourão, mandando convidar este, posteriormente e como pirraça, para o enlace da moça com Antonio Pinto de Mendonça. Entretanto, a afronta não foi suficiente para provocar o rompimento. Mais tarde, porém, Negreiros intervem numas pretensões amorosas do Mourão, o que ocasionou a briga. Afirmam também que tudo veio de ter Vicente Lopes tomado, para restituir ao pai, seu amigo, a filha do sargento-mór Leandro Bezerra, que Antonio Mourão rousára numa de suas “razzias”. Existem ainda outras versões menos importantes ⁽⁸⁹⁾.

⁽⁸⁹⁾ Coronel Thomaz Catunda — trabalho inedito sobre o assumpto.

Em todas, no emtanto, Vicente aparece sempre como bom e ordeiro, defensor dos fracos e protector daquelles que os Mourões tyrinizavam. Não era um assassino vulgar, um degenerado ou um psychopatha. Não se cangaceirizara por habito adquirido como os Mourões. Entrava na luta, que se lhe offerecia, com valentia nunca desmentida, tempera de aço, genio irascivel, força physica e agilidade espantosas. Vicente Lopes Vidal de Negreiros descendia de André Vidal de Negreiros, o da guerra hollandeza, tinha algum parentesco, por afinidade, com os Mourões, era bem apessoado e sympathico. Qualquer coisa da sua fortaleza de corpo e generosidade de batalhar lembrava José Pereira Filgueiras, caudilho do Cariry, na rebeldia republicana de 1824. Este baptisára os seus dois bacamartes com apellidos romanescos: “bôca da noite” e “estrella d'alva”. Vicente Lopes chamava o seu trabuco “canario” e a sua grana-deira pesada “negra velha”.

Os Mourões agrupavam em torno de si grande numero de bandoleiros, anarchizando a região nordeste da provincia do Ceará. Vicente Lopes, para resistir-lhes, tambem organisou o seu grupo, do qual faziam parte os matadores conhecidos por Severino, Xanana, Fama-leal, Caixinho, Jaramataia, Belchior e

o fiel Goiabeira. As lutas tinham raras intermitencias. Os ataques de fazendas, mortes, tiroteios eram a granel. Todas as actividades da sociedade rudimentar do certão paralizavam-se, abstrahidas pela guerrilha incessante.

Nessa guerra feroz de Mourões e Moquecas, os episodios são a repetição dos que têm acontecido em todas as questões entre familias sertanejas. Um, entretanto, merece registro, porque difficilmente se encontrarão no proprio interior da zona do banditismo outros equivalentes. O padre Ignacio, da família Mourão, natural de Crateús e influencia politica, era inimigo acerrimo de Joaquim Domingues Moreira, chefe dos Moquecas. Em certa epoca, a perseguição dos adversarios foi tão terrivel que o padre resolveu fugir e, acompanhado de pouca gente, demandou os sertões parahybanos. Moreira foi-lhe no piso. Sentindo-se seguido, o Mourão escondeu-se num cerrado de oiticicas frondosas, ao pé duma fazendola, a tres leguas da cidade de Souza. Na casa, habitava sómente uma pobre velha. Joaquim Moreira perguntou-lhe pelo padre. Ella jurou não o ter visto passar. Comprehendendo que o outro pedira segredo sobre o esconderijo, o Moqueca usou dum estratagemma. Disse ser amigo do sacerdote, vir preveni-lo duma emboscada e trazer-lhe re-

forço. A mulher indicou as oitícicas. A hor-
da sanguinaria dos perseguidores arrancou o
infeliz e amarrou-o num moirão da porteira
do curral. Castraram-n'o, cuidadosamente, e,
emquanto a súcia gargalhava derramada em
torno, Joaquim Moqueca, habilmente, com a
ponta afiada da parnahyba, cerceava o couro
da corôa do padre. Mostrou a rodela san-
guenta, segura dos dêdos, e gritou: — "O pa-
dre Ignacio vai commungar, minha gente!"
E obrigou a victima a engulir a pelle como si
fôra uma hostia !

Sómente na antiga barbaria dos pampas
argentinos vão se encontrar scenas semelhan-
tes a esta. Os asseclas de Rosas degolaram,
depois de lhes haverem despegado a pelle
das corôas e decepado as mãos, o padre Vil-
lafañe, de setenta e seis annos, os dois curas
Frias, um de sessenta e seis, outro de sessenta
e quatro, e o conego Cabrera, de sessenta! ⁽⁹⁰⁾

Chateaubriand conta na "Analyse raison-
née de l'histoire de France" que o cardeal de
Guise jurava não querer morrer emquanto
não tivesse feito na cabeça de Henrique III a
corôa de padre com a ponta do punhal.

A reacção contra os Mourões foi energica.
Uma combinação de forças, preparada em

(90) Sarmiento — "Facundo" — pag. 168.

1835, pelo presidente da provincia, Padre Martiniano de Alencar, acabou com a anarchia e dispersou os grupos de facinoras ⁽⁹¹⁾. O fim dos lutadores foi triste. Vicente Lopes morreu pobre, velho e só, com um cancro no rosto. Chico Vigario, cangaceiro dos Mourões, amalucou na cadeia, depois de estar preso 34 annos. Galdino e Pedro Ribeiro de Mello, primos dos Mourões, saíram velhos da prisão. José de Barros Mello morreu preso. Manoel e Antonio Mourão foram assassinados, como vimos. Ninguem sabe o fim de Alexandre Mourão ⁽⁹²⁾.

(91) Dr. Eusebio de Souza — “Chronica do Ipú”, publicada no “Rebate”, de Sobral.

(92) Id., op. cit.

LIBERATOS E GUABIRABAS

*«Os Guabirabas eram um grupo,
De tres irmãos e um cunhado,
Todos assassinos por indole,
Cada qual o mais malvado.
Aquelle sertão inculto
Tinha essas feras creado».*

(LEANDRO GOMES DE BAR-
ROS, cantor popular).

*«Cil Lothebroc e ses treiz fiz
Furent de tute gent haiz»*

(Chronica Anglo-Normanda).

O grupo de cangaceiros conhecido por Guabirabas compunha-se dos irmãos Cyrino, Jovino e João, e do seu cunhado Manoel Rodrigues. Eram mulatos os tres primeiros e rusalgar, afogueado, o ultimo. Naturaes da villa de Afogados de Ingazeira, ao pé da serra da Baixa-Verde, no sertão pernambucano, fizeram-se bandidos nas escolas de Pagehú de Flôres, onde praticaram tantos crimes que foram obrigados a fugir para o Teixeira, na Parahyba. Ahi se acolheram á sombra protectora do mandão mais famoso daquelles rincões no meio do seculo passado, indo morar na fazenda Jatobá e frequentando a villa nos dias de feira, armados da cabeça aos pés, provocando disturbios e procurando desmoralizar as autoridades.

O delegado de policia, Delfino Baptista, querendo evitar qualquer luta com tão perigosa gente, declarou-se enfermo e passou o exercicio ao primeiro suplente. Este era o

depois celebre Liberato Nobrega, filho dalli mesmo, costumeiro a presenciar crimes desde muito cêdo, homem alto, forte e claro, de olhar inquieto, queixo achatado, testa descoberta, sobrinho de Antonio Thomaz, cangaço de nomeada, morto á faca, numa incursão que fez ao interior do Ceará, pelos cabras de Quixeramobim, dos quaes mofára, mandando pôr, quando seguira viagem, no caminho, pendurada num galho a cerouladum de seus asseclas com os fundilhos voltados para a villa (93).

Cheio de rude pundonor e sentindo o perigo de serem os habitantes do Teixeira entregues quasi sem defesa á sanha dos Guabirabas, Liberato resolveu impedir as desordens. Mas os adversarios não se intimidaram. Antes ficaram satisfeitos de haver um motivo de briga. Um dia, Liberato recebeu, de accordo com o tradicional costume do cangaço igual ao velho desafio mediévo, um recado de Cyrino Guabiraba, prevenindo-o de que, no proximo sabado, viria á feira, sósinho, para ver si alguem tinha coragem de lhe fazer fôsse o que fôsse.

(93) J. Brígido — “O Ceará”. Vide em “Almas de lama e de aço” o capitulo “Os cabras do Quixeramobim”, no qual miudamente se descrevem esses successos.

A alma vibratil, barbaramente cavalheiresca e predisposta á luta armada pelos ensinamentos do meio e as volições da raça, do novo delegado não se pôde conter. Logo se externou em ameaças de morte ou prisão ao cangaceiro destemeroso e malvado. Emfim, chegou o annunciado sabado e a gente da feira reuniu-se medrosa. Sentia-se que ia começar, no sertão, mais uma dessas lutas épicas e crueis entre familias ou grupos, que só terminam com o esmagamento completo dos partidos. Cyrino surgiu no mercado e logo foram avisar Liberato.

O delegado preparou-se para ataca-lo com os seus homens, mas reflectindo nas consequências dum combate em lugar onde se reunia gente pacifica e ouvindo conselhos de amigos contrarios ao tiroteio dentro das ruas, resolveu pôr emboscada ao criminoso numa ladeira, que havia perto da villa, onde, a estreiteza da azinhaga, pedras enormes, moitas embastidas e touceiras de gravatá prestavam-se maravilhosamente para esperas e tocaias. Alli se alarpadaram e encolheram, dum lado e do outro da estrada, o Liberato e os companheiros: José do Carmo, de quem diz um troveiro matuto “cobra tinha medo delle, façam idéa elle quem era!”; Joaquim Cabôclo e Joaquim do Couto, um tal Moreira,

amigo intimo do chefe, o negro Benedicto Ludjero, João Luz e ainda dois homens escolhidos a dedo entre os mais valentes do povoado.

Regressando, aguardentado e enfurecido, o Guabiraba penetrou sem desconfiança naquelle trecho do caminho. Ouve-se um assobio. Um homem salta ao meio da estrada, trava da réda do cavallo e dá voz de prisão ao bandido, que esporeia o animal, já de armas na mão. Partem tiros do mato. O cavallo ensinado espinoteia, dá chaças e coice, volve presto em repellões e trancos. Ninguém lhe póde deitar as mãos. João Luz escabuja com uma bala da pistola de Cyrino na cabeça. A luta é homérica. Joaquim Cabôclo corre sobre o Guabiraba como uma fêra, mas abate com uma carga de bacamar-te que lhe esfarela um hombro. O negro Benedicto cái de borco com o sternum fracturado pelas patas do cavallo. Mas, apesar do heroismo da defesa, Cyrino está em situação critica. Num ultimo arranco dispara o trabuco sobre o Moreira. O sertanejo abaixa-se ligeiro qual um maracajá e puxa o gatilho do lacambeche á queima roupa do inimigo. As palanquetas cravam-se-lhe no ventre. Cái morto. O cavallo, riscado de facas e balas, dispara loucamente pela estrada afora, na di-

recção da fazenda do Jatobá, indo tombar morto á beira da alpendrada.

Liberato manda os feridos para a villa, atira o corpo do cangaceiro num barranco e fica com os seus na tocaia, porque os dois irmãos e o cunhado podiam vir contra o Teixeira. A noite passou sem novidade. Os Liberatos recolheram ás casas.

Os irmãos Guabirabas prepararam-se para vingar a morte de Cyrino, mas uma expedição com fins eleitoraes no interior do Ceará levou-os para longe. Na região do Cariry, juntaram-se aos bandos de salteadores conhecidos por Serenos e Xios, commettendo horriveis depredações ⁽⁹⁴⁾. Na volta, então, foram ao Teixeira. A villa fechou-se medrosamente á sua chegada. Ao defrontarem o primeiro quarteirão, viram, tomando fresco á porta de casa, um velho inoffensivo e doente, o Sr. Taveira ou Tavares. Sangraram-n'o e beberam-lhe o sangue "por brincadeira !". Interessante a analogia destes psychopathas com os caudilhos das hordas calabrezas e sicilianas, que seguiam a bandeira do cardeal Ruffo, na reconquista do reino de Napoles, gente que bebia lentamente o sangue dos republicanos na taça horrivel duma metade de craneo !

(94) Pedro Malazarte — "Os cangaceiros" — folheto popular na Parahyba.

E' commum o cangaceiro que vai disposto a uma luta assassinar alguém em caminho, como especie de aperitivo, modo de iniciar sem desfallecimento a matança. Em 1914, duas praças do segundo batalhão da policia cearense, jagunços do Joazeiro, saíram do quartel á noite, armados ás ocultas, com o fim de entrar num motim qualquer. No caminho, encontraram sentado á porta de sua casa, o Sr. Pedro Arthur de Vasconcellos, guarda-livros, homem pacifico e doente. Dispararam os *riffles* sobre elle, derrubando-o morto ⁽⁹⁵⁾.

Os Guabiraras entraram no Teiexira, disparando os clavinotes, berrando obscenidades, bradando ameaças terriveis. Recuaram diante da casa do Liberato, que se entrincheirára fortemente e os repelliu a tiros. Para se vingarem, atacaram a residencia de Delfino Baptista, o delegado medroso, que nada tinha com a morte de Cyrino, e o cortaram em postas. Depois de taes feitos, mudaram-se

(95) Quando se deu esse crime, o autor era Secretario do Interior no Ceará e foi quem primeiro delle teve noticia por um proprio filho da victima. O governo fez o que estava nas suas mãos afim de punir os homicidas, os quaes se acham presos em virtude de condemnação legal. Mas o facto pinta a selvageria de taes *homens*.

para o Pagehú de Flôres, onde continuaram a mesma vida de guerrilhas e assassinios. Jovino e Manoel morreram queimados, como os Cunhas, numa luta semelhante. João foi morto por soldados de policia de maneira tragica. Feito prisioneiro, cravou os dentes na garganta dum dos *mata-cachorros*. Apunhalaram-n'o. Morreu, mas ficou com as presas cerradas nas carnes da victima. Verdadeira fera !

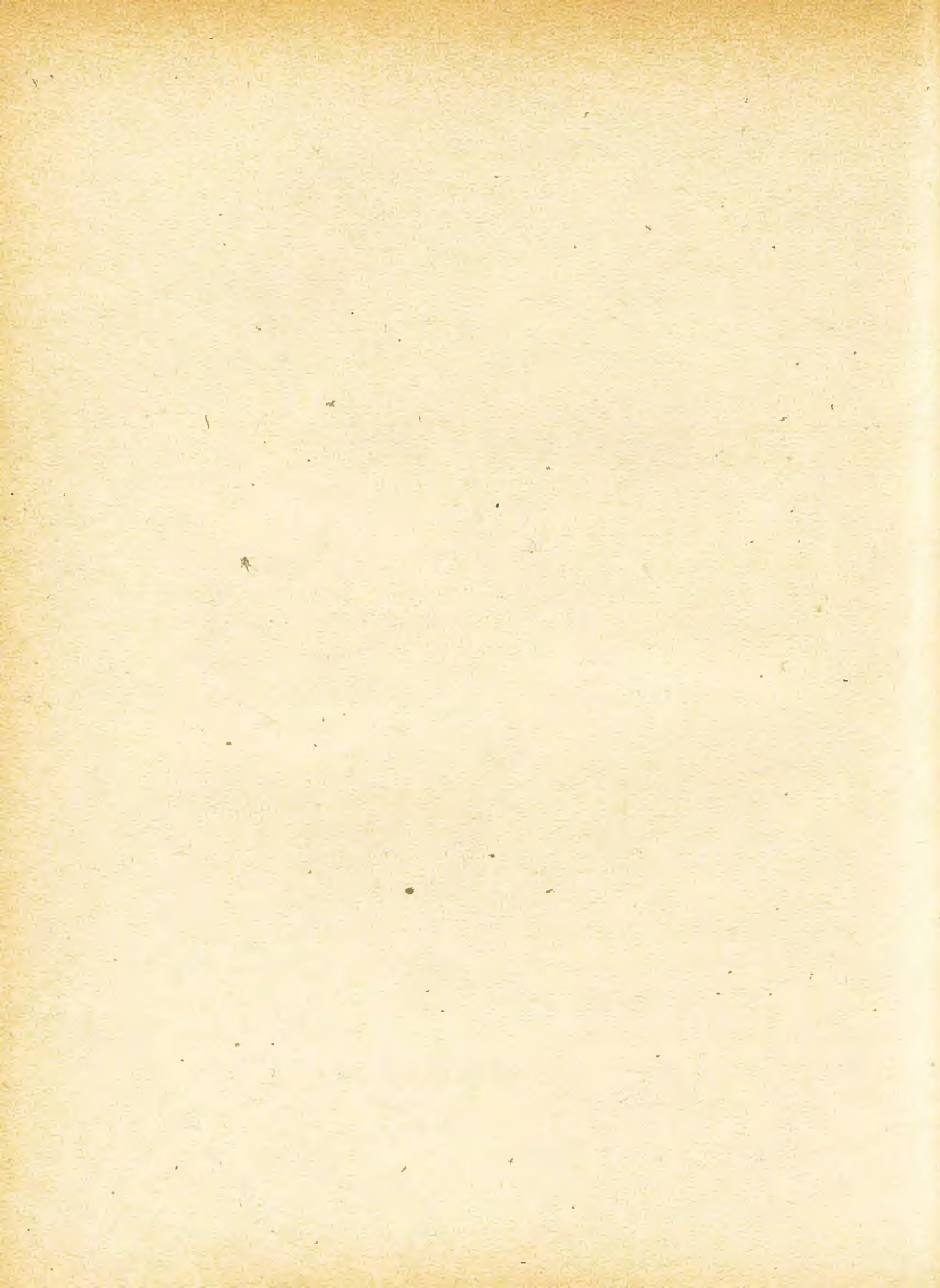
Essa questão trouxe para Liberato, que até antes de ser delegado vivêra em paz e trabalho, a necessidade de ser tambem cangaço. Perseguiram-n'o os protectores dos Guabirabas, os Dantas, querendo recrutar-lo para a guerra do Paraguay. As inclinações herdadas com o sangue predispunham-n'o ao vaguear indomito do bandoleiro matuto. O meio impelliu-o. No pôde resistir. Naquelle mar de duvidas e desorganizações sociaes, de táras e desrespeitos, em que se apegar ? Com 22 annos, o pudor de não deixar desprestigiarse a autoridade que lhe conferiam, o atirava num duro combater. Os politicões da ribeira, os protectores dos bandidos dominados, o faziam perseguir como assassino de Cyrino Guabiraba e do coronel Ildefonso Ayres, que fôra morto por João do Bomfim. Todos os pretextos serviam. Liberato viveu

vida errante e desassocegada, tendo morto, num cerco, o tenente José Dantas, que o buscava com mais de cem soldados. Por fim, foi preso e falleceu de variola, largando os pedaços, na cadeia da Parahyba.

O CABELLEIRA E O CUNDURÚ

*«Quot matronæ quot virgines.
Dei, et ingenua nobiliaque corpora
his belluis fuere ludibrio».*

*(S. JERONYMO — Epistola
XXII, ad Heliodorus).*



Insulados e ferozes, vagueando a matar sem motivo pelos sertões afóra, de quando em quando aparecem os criminosos da fêlpa do Cabelleira e do Cundurú. Surgem nas veredas e nas varzeas, a face careteando ao sol, roupas rasgadas pelos espinhos, de bacamarte ao hombro, espreitando uma victima qualquer.

Remergulham nas catingas e lá vão exercer contra os caxinguelês e os caitetús a mesma mania cynegetica que os traz contra os homens. Verdadeiros typos regressivos, allucinados, duendes humanos, andam, assim, annos seguidos. Um diâ, sobrevem um acontecimento que lhes perturba o funcionar dos instinctos pervertidos. O matador esconde-se perseguido de remorsos, vive em tormento, por fim acaba na asthenia ultima dos degenerados.

Pallido e escaveirado, percorria o afamado Cabelleira o interior de Pernambuco, de

escopeta em punho, matando quem encontrava. Não exercia vinganças. Não se defendia de peseguições. Não assassinava para roubar. Era o criminoso louco, alma doente que desde a infancia vinha exercendo a paixão de tirar a vida em todos os animaes da fazenda e do mato. Muitos dos seus contemporaneos lembravam-se de ve-lo, bem criança, ficar extasiado diante duma rez paciente que o vaqueiro sangrava e que se estorcía moribunda. A's vezes, dava uma gargalhada ! As nevroses que actuavam sobre a sua psyché enferma levavam-n'o aos delirios de concupiscencia, semelhantes aquelles praticados por Gilles de Laval, marechal de Rays, que o parlamento de Carlos VII, de França, condemnou á forca e á fogueira ⁽⁹⁶⁾. Segundo o depoimento dos seus criados, esse famoso fidalgo degenerado, o lendario "Barba-Azul", exercia os furores sensuaes contra as crianças, que perversamente trucidava depois de satisfazer-se ⁽⁹⁷⁾. As victimas do Cabelleira, para isso, eram as mulheres tomadas de surpresa ao passarem pelas estradas, ao irem lavar roupa nas ipueiras ou ao buscarem água

⁽⁹⁶⁾ "Cultos Indecentes e Costumes Obscenos", Autor Anonymo — Paris, 1875.

⁽⁹⁷⁾ "Procès Célèbres" — V. Lacroix.

nos poços distantes das casas. Após violenta-las, embebia-lhes a faca no seio e ficava olhando o seu estorcegar, sorridente e feliz como quem saboreia o mais gostoso prazer. Quando encontrava crianças, fazia-as subir nas arvores, bem alto, derrubando-as com um tiro. Remontando ás suas origens, cuidadosamente, tanto na nossa terra como além mar, si tal fôsse possível, encontrar-se-iam por certo aquelles de quem lhe vieram os deturpados instinctos de caçador e que já os deviam ter em gráu exagerado: dedicados veadores, falcoeiros apaixonados, encoiteiros maniacos. O terror acompanhava os passos do facinora. Muitos annos depois da sua morte e ainda hoje em dia, as mães sertanejas amedrontam os filhinhos, ninando-os, para que durmam depressa, com uma cantiga de rythmo moroso e lugubre:

“Fecha a porta, gente !
Cabelleira ahí vem,
Matando mulheres,
Meninos tambem !”

No Ceará, em meados do seculo ultimo, houve tambem um desses criminosos de nascença, quasi tão terrivel quanto o Cabelleira. Chamava-se Braga Cundurú, era branco, dum

alourado triste e feio, carnes um tanto abalôfadas e feições regulares, nas quaes sómente apurando o exame se descobririam os signaes do descalabro moral. Verdadeira féra, tornando de uma caçada, avistou tres crianças banhando-se numa lagôa. A' falta de marrecas, resolveu mata-las, para se divertir. Varou a mais proxima com uma bala. As outras duas nadaram, fugindo amedrontadas e mergulhando por precaução até lhes faltar o folego. A' primeira cabeça que saiu da agua afim de respirar, o monstro fez fogo. O menino afundou cadaver. A outra cabeça appareceu mais adiante. Outro tiro. A ultima victima estava morta ⁽⁹⁸⁾. Foi preso e condemnado á prisão no degredo de Fernando de Noronha. Entre os assassinios que o processo mencionava estavam o das tres crianças, o de um velho que crivára de balas por motivo futil e o de um pobre tropeiro que fizera, tal qual como o Cabelleira, trepar num pé de angico, derrubando-o com certo tiro.

No interessante museu particular do senhor Dias da Rocha, em Fortaleza, está o bacamar-

(98) Rodolpho Theophilo — O "Cundurú". O bacamate do Cundurú, que se encontrava no Museu Rocha, de Fortaleza, foi pelo Dr. Dias da Rocha, seu proprietario, doado, em 1929 ao autor deste livro, que o transferiu ao Museu Historico Nacional, de que era director.

te desse criminoso, pesado e curto, de pederneira e “bôca de sino”, como o trabuco andaluz. Na coronha, envernizada de preto, multiplicam-se pequenas cruces, feitas á ponta de punhal. Cada uma significa um homicidio, escripturação perversa, diario cruel do miseravel !

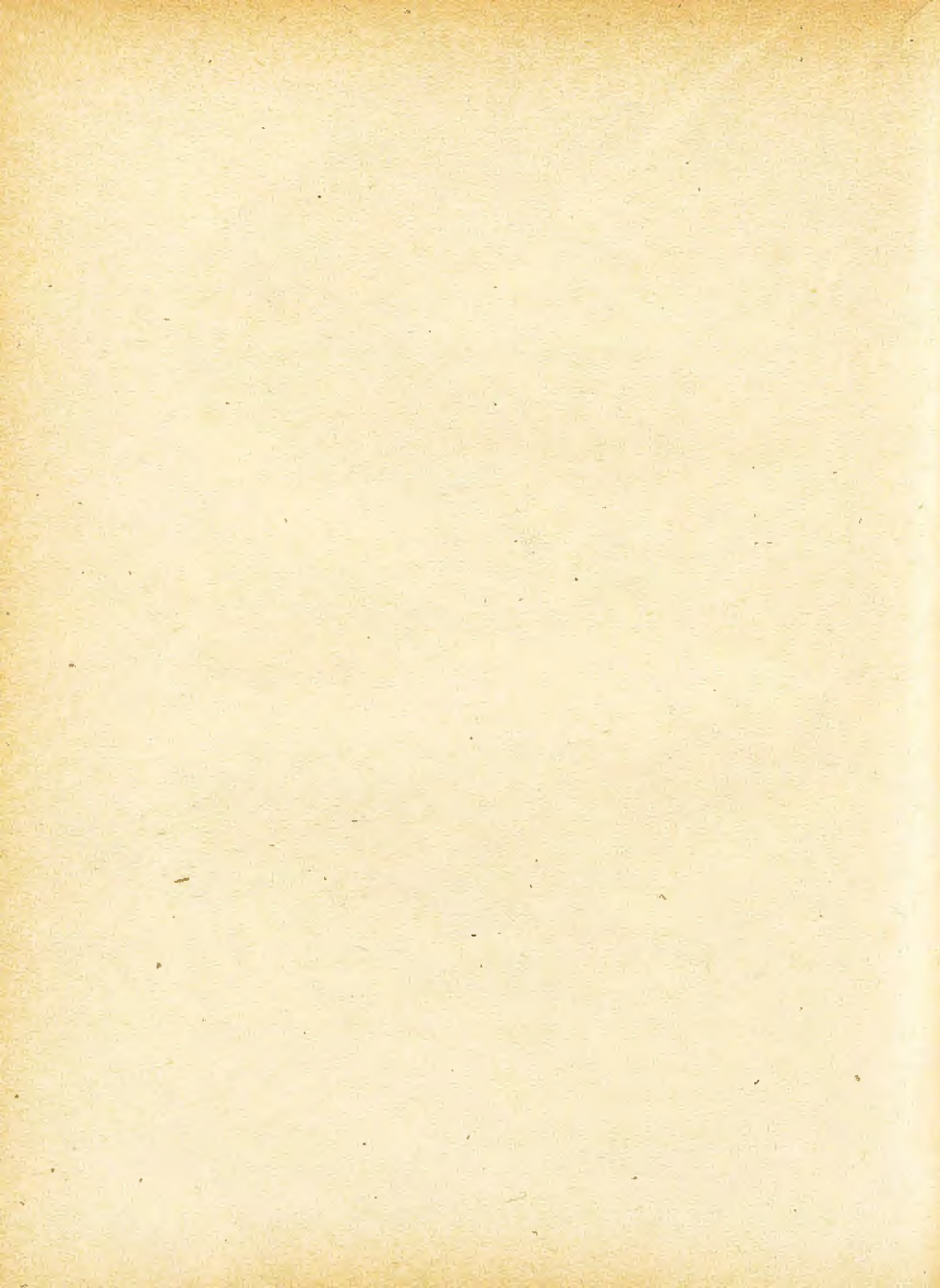
Cundurú fugio numa tosca jangada do presidio insular, em companhia de alguns degredados, que as privações da travessia victimaram. Elle resistiu, aportou ás praias do norte do Ceará, buscou a casa da familia e homiziou-se num remoto socavão de serra. A policia perseguiu-o e prendeu-o na propria morada, quando procurava esconder-se, envelhecido, minado de doenças e remorsos, quasi asthenico, mal pronunciando as palavras com os beiços moles.

RIO PRETO

*«En todos sus actos mostraba
se el hombre bestia... Incapaz de
hacer-se admirar ó estimar, gustaba
de ser temido...»*

(DOMINGO F. SARMIENTO

— *«Facundo», pag. 108).*



O Rio Preto era um negro alto e musculoso, de queixo ponteagudo e braços longos como os dos macacos, dedos nodosos, beijo inferior caído, tendo a testa saliente em demasia, característico o mais visível e expressivo de sua degenerescencia moral. Natural da serra dos Macacos, perto do Teixeira, na Parahyba, celebrizou-se pela malvadez, por nunca igualada agilidade e porque imitava perfeitamente o zurrar dos jumentos. Reunia a matúla de facinoras, que o acompanhava, com esse *rincho* ⁽⁹⁹⁾ barbaro. Abjecto e cruel, violentava mulheres de surpresa, nos caminhos, ou cercando-lhes as casas, quando os maridos se ausentavam. Nas feiras, para mostrar ao povilêu pasmado, a sua ligeireza de gato, saltava de costas por cima dum cavallo !

Uma feita, encontrou em lugar deserto pobre mocinha, que ia fazer compras na villa proxima. Quiz amedronta-la, para que o deixasse satisfazer desejos concupiscentes. Ella

(99) O sertanejo prefere dizer rincho a zurro.

resistiu. Amarrou-a e fez toda a horda dos sequazes cevar na infeliz os instinctos infames. Entupiu-lhe — bôca, narinas e ouvidos com areia bem socada, deixando-a, ainda palpitante, a morrer aos poucos. Alguns dias mais tarde, os parentes da victima acharam o corpo. Estava irreconhecivel, disforme, túmido, empastado de sangue, estriado de liquidos viscosos, com arrocheadas manchas e lentas filas de formigas pretas. Os urubús tinham começado a bica-lo ⁽¹⁰⁰⁾.

Corria o sertão a lenda de que tinha pacto com o diabo, de que era por mercê de tal convenio, “curado” de bala, faca, espinhos venenosos e dente de cobra. Na sua pelle lúidia as balas se achatavam esfriadas, os punhaes entortavam as pontas amolecidas. Juravam que estourava e desaparecia nas ocasiões de perigo. Um terror onde chegava ! Rio Preto cantava desafio á viola, nos sambas e depois das novenas, com tão invencivel jogralice, repentista verve e inesgotavel facundia que derrotava os troveiros mais afamados. Então, o povo murmurava que, na ocasião da contenda, o demonio em pessoa se encarnava nelle.

(100) G. Barroso — “Terra de Sol”.

O celebre Liberato, quando delegado de policia do Teixeira, perseguiu-o ferozmente. Eram dois adversarios dignos um do outro. Após terrivel luta, foi cercado dentro duma casa. Defendeu-se a tiros; mas a fecharia do clavinote desmantelou-se: ficou desarmado. A noite ia em meio. Esperou que amanhecesse. Ao primeiro vermelhejar da manhã, saltou no terreiro, de faca em punho. A súcia do delegado disparou as clavinhas. Uma bala fracturou-lhe a perna esquerda. Caiu, vociferando pragas. Amarraram-n'o e conduziram-n'o para a cadeia do Teixeira entre di-chotes e motejos.

As prisões das villas matutas são quasi todas localizadas no porão das camaras municipaes. Não têm entradas da parte da rua. No assoalho ha um alçapão. Abre-se e atira-se o preso lá em baixo. Quando se quer retirar qualquer dos detentos, enfia-se por aquelle buraco uma escada de mão. O homem sai. Fecha-se novamente o postigo. Rio Preto curou-se da perna quebrada na propria cadeia. Mezes depois, quando já perfeitamente sarado, desceram a escada para a saída dum companheiro. O bandido subiu tambem. Passou pelo alçapão e deu de cara com dois soldados. Deitou-se a um e arrancou-lhe o sabre das mãos. Estendeu o outro sobre as táboas com um pontão, galgou o peitoril da janella fron-

teira e pulou na rua. Foram inuteis todas as tentativas para captura-lo novamente.

Começaram a correr noticias dos homicidios, latrocinios e estupros que commetia. Uma tarde, na reunião costumeira da venda, Chico Leite, rico criador da Parahyba, referindo-se aos crimes do bandoleiro, berrou que com mulher de sua familia o negro não tinha coragem de bulir. Alguem foi contar a farronice ao Rio Preto. Voltando para casa, o Leite foi morto, numa encruzilhada, por um tiro de tocaia. A' noite, o bandido cercava-lhe a casa e violentava-lhe a viuva. O casal tinha dois filhos, rapazotes destemidos, que estavam fóra e juraram vingar a morte e deshonra dos pais.

Passaram-se mezes. Em suave tarde de inverno, o bando do Rio Preto, vindo do Rio Grande do Norté, cortava pelo espinhaço das serras, descia as abas penhascosas dos contrafortes alcantilados e apeava, já com estrellas no céu, numa fazendóla insulada no vasto plaino do sertão da Parahyba.

Noite alta, o cangaceiro acordou e, de chinellos, em ceroulas, chegou ao alpendre, encostando-se á parede para satisfazer uma necessidade. Das moitas defronte, onde dormiam porcos, vieram grunhidos de suinos despertos e estremunhados. Estalaram fôlhas

sêcas. Si se pudesse, apesar da escuridão, lo-
brigar alguma coisa sob a ramaria densa do
carcavão, ver-se-iam dois rapazes, cosidos com
o sólo, armas apontadas, com fiapos de algo-
dão nâs miras para sêrem vistas no escuro,
acommodando-se melhor, o que acordava os
porcos. Novo estalar de folhiços, novos gru-
nhidos. O Rio Preto correu o olhar em torno,
inquiriu a treva; depois, fitou o céu e rosnou:

— “O setéstrello está alto. Vai madrugan-
do. Porco a esta hora não grita. E’ coisa que
ha naquella moita”. Pensou um instante, riu
e falou alto com desprezo: — “Serão os me-
ninos do Leite ? Vão para casa, meninos !”

Na moita estalaram fecharias. Dois re-
lampagos clarearam os vultos negros das coi-
sas. O éco repetio ao longe, nas serras, o rui-
do das detonações. E o Rio Preto, que já pro-
curava a aldraba da porta, tacteando, caíu
de costas com duas balas no peito bronco.
Ouviu-se uma carreira; depois, um arrancar
de cavallo, varando o mato. O bando do mi-
seravel, hesitante, sem poder explicar a agres-
são, temendo o cerco duma força, barricava
as portas. O cadaver do negro avultava no
alpendre. Amanhecia. Cocoricavam os gal-
los ⁽¹⁰¹⁾.

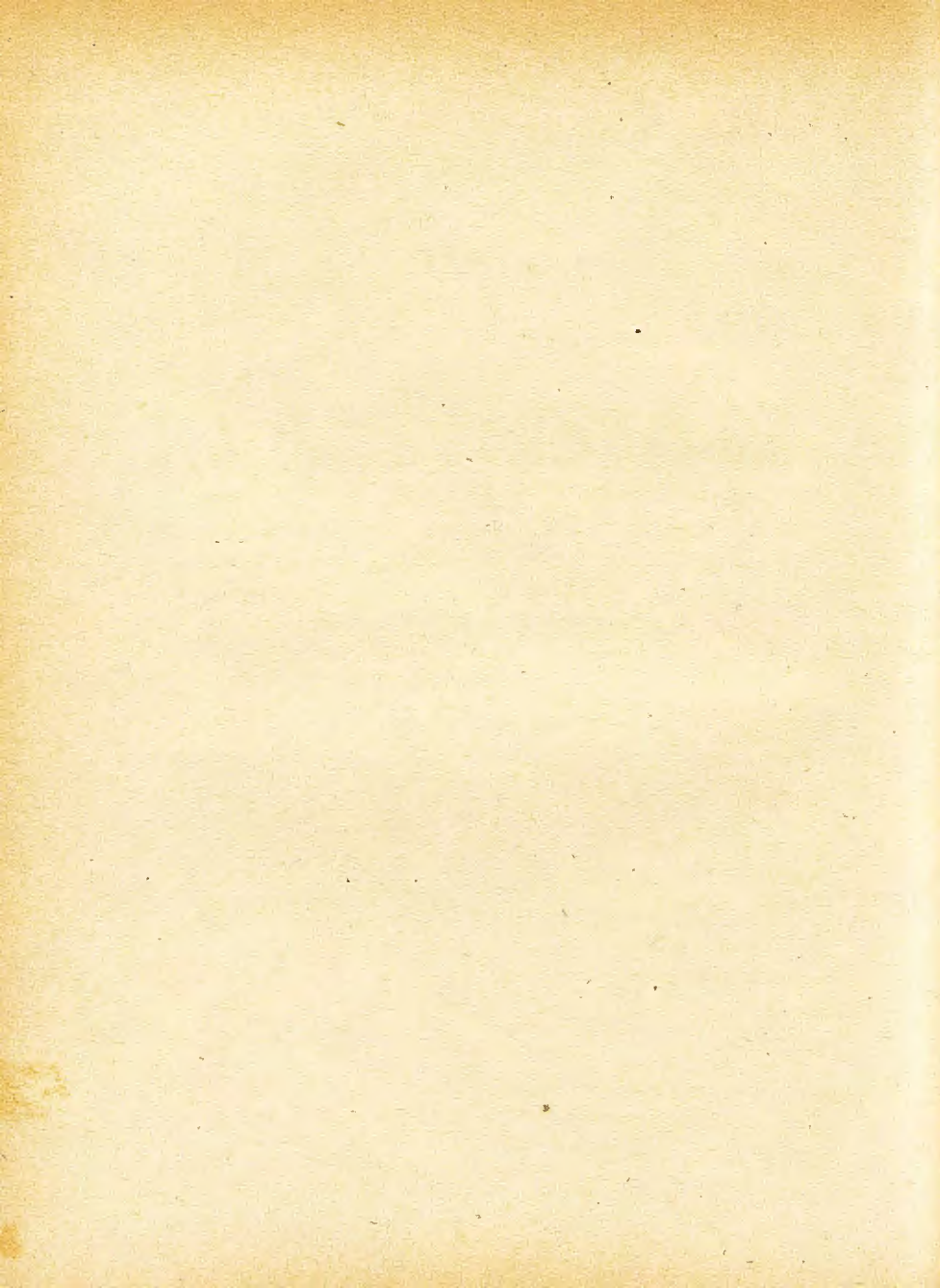
(101) G. Barroso — “Terra de Sol”.

BRILHANTES, LIMÕES E SUASSUNAS

— «*Kalîpatis*: — *Toda loucura
audaciosa acarreta desastres.*

— *Floros*: — *A audacia é a
mãe dos heróes.*

(*RANGABE* — «*A Vigília*»).



José Brilhante de Alencar e Souza, filho do bacharel Feitosa Bezerra de Menezes e de uma moça da família Alencar, nasceu em Pombal, na Parahyba, no anno de 1824. O pai já tomára parte nas jacqueries sertanejas. Fôra um dos valentes da revolução de 1831, no Ceará, que custou a vida a Pinto Madeira, preso e justicado.

Em 1837, morto já o pai, José Brilhante commete o primeiro crime. Tinha treze annos. Matou um sujeito e fugiu para os Inhamuns, no sertão cearense, onde casou com uma prima. Intervieram influencias politicas e de familia. O assassinado era pobre e desprotegido. Com o pretexto de que o matador era menor, não se fez processo.

Um anno mais tarde, a irmã mais velha casou com João Alves de Mello Calado e foi morar na fazenda Tuyuyú, no Rio Grande do Norte. José procurou o apoio do cunhado e situou uma fazendo perto da deste, no Cajuei-

ro. A actual villa do Patú estava em começo nessa época. Lá sómente se reuniam alguns feirantes.

O Brillhante constituirá familia e gozava de conceito, frequentando amiúde a pequena feira. Um dia, por simples questão de mercancia, teve um bate-bôca com um vendedor, rapaz pobre, porém de grande coragem e audacia, que o desafiou. O fazendeiro não ousou arrostar os percalços da luta e retirou-se, jurando vingança. O outro, amedrontado, refugiou-se na serra do Martins, voltando ao Patú para colher o resto das roças e vender algumas miunças, guardado por soldados. José Brillhante, que não pensava senão em esmagar aquelle que o injuriára diante de todo o mercado, não perdeu a ocasião. Armou-lhes uma emboscada e matou-os á faca.

As autoridades da ribeira perseguiram o criminoso, que reuniu alguns cangaceiros e enfrentou os que o procuravam. Mais tarde, augmentou o grupo e fez correrias. A sua fama encheu o sertão. O governo resolveu agir com energia e mandou contra elle uma grande força.

Palmilhando as covoadas da serra do Cajueiro, em cujo sopé ficava a fazenda, José Brillhante, premido pela aperura do momento, achou um ninho e uma fortaleza. Adiante

dum córrego, na primeira aba da montanha, erguiam-se entre os capões de mato, grandes rochedos dispersos, formando verdadeiro labyrintho de pequenas passagens, das quaes sómente uma ia ter ao refugio que o bandoleiro descobrira. Sobre um pequeno plató, accessivel sómente por ingreme trilha do lado de nascente, esta defendida pelas trincheiras dos pedrouços esparsos, impossivel de ser atingido por qualquer outro lado, dois grandes rochedos separados na base tocavam-se no alto, formando uma verdadeira casa. Aos lados, cresciam arvores seculares enleadas pelos cipós. As ribanceiras desciam a pique até o ribeiro. No recinto da furna, não penetrava a chuva, viesse de qualquer direcção, nem soprava o vento por mais forte que fosse. O sol tambem não conseguia entrar. Para o lado do sul, na encosta das rochas, um enorme jatobá nascia dentre as pedras, surgindo as raizes pelas fendas, retorcidas e luzidias como serpentes. Do meio dellas escorria tranquillamente um fio de agua limpida, fonte que nunca secou.

Aquelle castello natural foi denominado a “Casa de Pedra”. Alli se acoutavam os perseguidos, podendo impedir a aproximação de qualquer tropa. Dois atiradores deteriam a passagem de uma brigada. Contra tal genero de fortificação só a artilheria. Abrigado das

intemperies, tinham agua para beber, dar aos cavallos ou ás cabeças de gado que conduzissem para a alfurja, afim de se alimentarem com carne fresca. Junto ao olho d'agua, larga chanfradura no granito mostrava uma passagem aberta pelas antigas erosões, especie de cano com diametro sufficiente para o transito dum homem de gatinhas, que ia dar na catin-ga, do outro lado dos rochedos. Por ella podiam fugir os sitiados como por secreta passagem dum solar mediévo se escafediã os defensores, quando o inimigo o tomava de assalto.

Uma tropa, dirigida pelo chefe de policia do Rio Grande do Norte, Dr. Amazo Bezerra, investiu contra o José Brilhante acoutado na Casa de Pedra, sendo dizimada pelos bandidos entrincheirados atraz dos blócos ou trepados nas arvores annosas. Veiu a noite. A força levantou o cerco e, recolhendo mortos e feridos, acampou na fazenda do Cajueiro. Os atacados nada soffreram. Chegaram reforços do Patú. O animoso delegado José Philippe trouxe grande numero de paisanos armados. Fez-se um sitio melhor e convidou-se o canga-ceiro á rendição. Elle mandou cessar o fogo e pediu ao Dr. Amaro e ao Philippe que entrassem na Casa de Pedra, afim de assentarem as bases da capitulação. Feita esta, os bandidos

presos seguiram para Natal, onde se fez o processo. Mais tarde, o José veio responder a jury no Martins. Foi condemnado. O advogado apellou da sentença. Não esperou o resultado. Evadiu-se da cadeia com outros detentos, constituiu com elles uma quadrilha terrivel e recommçou a vida antiga.

Esta historia desde criança ouvia Jesuino Brillhante, o maior cangaceiro do sertão, no seculo desenove, como Antonio Silvino foi o maior no seculo vinte.

João Alves de Mello Calado vivia em paz, pouco se incommodando com os desatinos do cunhado. Tinha já seis filhos: uma menina, Jesuino, João, Joaquim, Lucio e Lucas. A cunhada solteira casára e morava na fazenda Boa Vista. Por causa da molestia de seu pai, já muito velho, buscando as melhoras dum novo clima, em 1845, João Alves com toda a familia, passou-se para Pombal, na Parahyba, deixando o Tuyuyú entregue a vaqueiros de confiança. Caiu sobre o interior uma sêca terrivel. Pulverisaram-se as pastagens. As matas reduziram-se a garrancheiras. Desapareceram as fontes. Morreram os gados. A fome e a peste devastaram a população. O pai e a mulher do fazendeiro foram victimas da calamidade. Resultado da miseria e da anarchia causadas pelo phenomeno climatico, os can-

gaceiros irromperam por toda a parte, especialmente na ribeira do Pajehú de Flôres, em correrias frenéticas, praticando crueldades de arripiar.

Os Calados, depois de grande luta contra a sêca, com enorme trabalho, faziam progredir as fazenudas e engenhos, vivendo cercados do melhor conceito. A cunhada de João Alves enviuvára e viera morar no Tuyuyú, onde este estava, tendo regressado de Pombal. O mexicano é commum no sertão. As más linguas assoalharam que o fazendeiro vivia de amores com a viuva. Por esse tempo, 1860 mais ou menos, José Brilhante surgiu com a sua gente no Patú. Chegaram-lhe aos ouvidos os boatos da barregania. Enfureceu-se e pediu explicações ao cunhado, que negou tudo. O cangaço não se deu por satisfeito com a negativa e exigiu o casamento como unica solução honrosa para a familia. Ambos eram viuvos. Nada mais facil que o realizar. Interessante e paradoxal, o unico bandido da grei, o que assassinára aos treze annos e que sangrára um homem por mesquinha vingança, dar-se o desplante de ser o zelador da honra familiar !

João Alves recusou o matrimonio. Não casava obrigado. O Brilhante cortou relações com elle, rosnando vingança. Armou os filhos e esperou a luta que se ia desenrolar sangren-

ta, quando amigos communs intervieram, serenando os animos. Houve uma reunião da familia e dos amigos sob a presidencia do vi-gario, na qual se discutiu o caso, resolvendo o Alves casar de bôa vontade.

O cangaceiro perambulou pelos sertões algum tempo, quasi sem ser perseguido, e morreu, em 1873, no Pão de Assucar, provincia de Alagôas, com as armas na mão, perseguindo uma quadrilha de ladrões de cavallo, cujo chefe occulto era o delegado de policia da localidade !!

Jesuino Alves de Mello Calado, nascido em 1844, filho mais velho de João Alves, teve a descuidada educação da gente mais arranjada do interior: rudimentos de leitura e escripta, e as quatro operações. Creou-se na vida patriarchal e rotineira da fazenda, armando arapucas ás juritys, caçando aves com o bodoque, montando os cavallos em pêlo, acordando ás cinco horas da manhã e dormindo, depois da réza, ás sete da noite. Com 25 annos era um rapaz docil, estimado, com qualquer coisa de energico no modo de ser. Diziam ser o retrato de José Brillhante. De estatura mediana, olhos agateados, barba rala, cabeça redonda, moldada em formas denunciadoras do espirito de mando, tinha, de quando a quando, no rosto de aspecto bondoso, ligeiras contracções

dos musculos faciaes. No glauco triste, estagnado dos olhos havia por vezes scintillações fugazes. Era a sua “expressão, alternativamente, de santo ou de malvado (102).

Eximio vaqueiro e activo comboieiro, o pai aproveitava-o para levar os productos dos engenhos e sitios a Mossoró, vende-los e trazer fazendas, ferramentas, mézinhas e calçados. Numa dessas viagens teve uma rusga com o delegado José Philippe, o que participára do ataque ao seu tio na Casa de Pedra. A tropa do Philippe enchia um rancho onde Jesuino queria pousar. O outro fez-lhe ver que ambos ficariam incommodados e era melhor buscar descanso mais adiante. O rapaz teimou em ficar, querendo bater-lhe com uma taboca. Philippe defendeu-se com a faca. Os circumstantes impediram a luta. E Jesuino teve de hospedar-se noutra parte.

Criado num ambiente feudal, onde o odio e a vingança não têm fim, ouvindo desde pequeno os feitos do tio valentão e cuidando ser a vontade dum dono de terras e escravos ordem para todos os villões, aquella primeira resistencia não castigada exasperou-o. Nunca mais riu. Voltou para casa triste, cabisbaixo, a

(102) Rodolpho Theophilo — “Os Brilhantes”.

ruminar a injúria, pois assim julgava uma resistencia ao seu desejo. Os animaes que delle fugiam ou o enfrentavam, touros, susuaranas e porcos do mato, eram dominados a laço, á mussica e á bala. Os homens deviam ser do mesmo modo. Curvar-se-iam diante do predomínio ou seriam esmagados. As táras iam lentamente despertando uma a uma no fundo do cerebro enfermo. No meio em que vivia nada poderia entrar o seu desenvolvimento. Era lançar-se no abysmo e rolar por elle.

Casou e veio morar perto da mansão paterna. Além duma varzea, vermelhejavam entre o arvoredó as casas de Joaquim Monteiro, enteado do velho João Alves e de Francisco Brasil, que por influencia dos Calados fôra nomeado inspector de quarteirão.

Passando a noite na fazenda, um sertanejo deixou no pateo uma cabra, que trazia, amarrando-a num esteio. De manhã, ella desaparecera. Não havia ladrões no Tuyuyú; entretanto, alguém levava o animal, pois o nó da corda fôra bem feito, não se desataria por si ou a um puxão da cabra, e o esteio ficara no mesmo lugar. Jesuino pôz em pratica as aptidões que o faziam distinguir como vaqueiro.

Rastreou o gatuno e a presa, indo dar á casa de Honorato Limão, no Camucá, uma

legua distante da fazenda. Voltou e communicou o caso ao inspector de quarteirão. Francisco Brasil, em companhia de Joaquim Monteiro, José Calado e Jesuino, deu busca na morada do Limão, que o recebeu com má criação, negando o furto. Nada se encontrava que o provasse e já os buscantes desanimavam, quando o faro de Jesuino descobriu a carne da cabra num pote sem agua. Honorato furioso puxou a faca e golpeou o inspector no braço esquerdo, porque este desviára o peito. Os outros desarmaram-n'o.

Iam surgindo factos naturaes da propria vida sertaneja a impellirem para o crime mais um homem. O roubo dessa cabra creou nos Limões odio feroz aos Calados. De tão pequena coisa decorreram grandes crimes e grandes lutas, grandes crueldades e grandes feitos. Impossiveis de prever as consequencias duma ninharia.

Honorato, mestiço, curiboca, tinha oito ou nove irmãos, nos quaes a raiva de vêrem o roubo descoberto casou-se ao odio de raça. Vingar-se-iam dos “amarellós” ! Na noite de Natal, havia grande festa no Patú e outras localidades, dansas, brodios, cantares e bebidas. Todos os sertanejos da redondeza concorreriam aos festejos. O velho Calado, temendo as ameaças dos cabras, por pruden-

cia não queria que os filhos fôsem. Mas o Lucas, cuja namorada prometera ir á missa do gallo no povoado da Conceição, não quiz faltar. Apesar dos conselhos, sellou o cavallo e partio. Tinha vinte annos, nunca tivera dadas nem tomadas com os curibocas, não os temia e, acima de tudo, amava.

Os Limões viram-n'ó num botequim e, como estava só e era moço, resolveram dar-lhe uma surra. Rodearam-n'ó á porta da bodega e insultaram-n'ó. O rapaz olhou-os. Eram seis. Avançou para um a sócos. Uma paulada por traz! Cambaleou. Outra caceitada estendeu-o no chão. Correram muitas pessoas, pondo-se entre elle e os cabras, que teimavam em levar a cabo a empresa e ameaçavam céus e terras. Houve uma confusão. Aproveitando o tumulto, o rapaz fugiu meio tonto, varando o mato. Ninguém o viu levantar-se nem partir.

Chegou ao Tuyuyú a noticia da rixa e desaparecimento do rapaz. O fazendeiro mandou prevenir Jesuino, no Patú, onde a matutada cansada das dansas e da bebedeira accommodava-se para dormir. Os que não tinham a casa dum parente ou amigo onde se hospedar dormiam ao pé do oitão da igreja. Honorato Limão era um destes. Antes de chegar o portador do velho Calado, soube da

surra na Conceição e começou a berrar que os irmãos tinham ensinado um dos inimigos e elle ensinaria os demais. Jesuino, da casa onde estava, defronte, ouviu o aranzél. Conheceu a voz do ladrão de bódes e ficou vexado a cuidar que tivessem matado o irmão. Chega nessa ocasião um sujeito da Conceição, que bate á porta e lhe conta a historia um pouco confusa, porque não assistira ao feito. Alli estavam tambem João Alves e Joaquim Monteiro, que aventam a idéa de se ir procurar o Lucas sem detença. Jesuino determina, porém, que se espere a opinião do Velho Alves, que prometera vir ao Patú.

Alta madrugada, aparece o escravo mandado pelo fazendeiro, communicando que este não viria mais e mandava chamar os filhos. Jesuino sai para falar com um amigo. Andava em busca de apoio e conselho, porque sentia já a vertigem da luta, a atracção do crime. Tinha tonteiras. Os olhos afusilavam. As mãos tremiam. Passando pela porta da venda fronteira á casa, ouve o Honorato blaterando contra os seus. Faz-se desentendido, mas ao chegar em casa a mulher lhe diz que quem suporta tanto desafôro deve ter perdido a vergonha. Ella estava tremula de raiva e indignação. Olhou-a, quasi cambaleando como bebedor, quiz falar e não pôde; rouquejou

asperamente. Armou-se e saíu acompanhado pelo irmão e o primo.

Na porta da venda ouviu o Limão gritar, convidando toda a gente para beber com elle “á saude do defunto”. Jesuino entrou e disse:

— “Não mande abrir a garrafa que ninguém bebe !”

Honorato avançou de faca em punho. Jesuino desviou-se, recuando até pular da calçada na rua. Joaquim Monteiro derrubou o curiboca com uma paulada na nuca. E Jesuino embebeu com prazer a faca varias vezes no corpo estirado do inimigo. Covardia feroz e cruel ! Insultado varias vezes, não se atreveu a repellir o famanaz; mas, vendo-o no chão, gozou em palita-lo com a faca. Inexplicaveis os contrastes da alma desse homem, que ora se elevava aos maiores actos de audacia, heroismo e generosidade, ora praticava outros do maior cobarde. Ha nelle qualquer coisa dum Lorenzaccio inculto.

Quizeram prende-lo. Aproveitou o receio dos que chegavam gritando — “pega o criminoso !” — e correu até a casa. Sellados os cavallos, os tres demandaram a fazenda, onde o velho os recebeu horrorizado e abatido, vendo naquelle primeiro passo com a sua longa experiencia sertaneja um futuro de cangaço,

luta e assassinios. Que fazer ? Seria o que Deus determinasse. Unico consolo, o fatalismo !

Saíram logo á procura do Lucas, que encontraram no meio do caminho, ensanguentado, as vestes rasgadas pelos espinhos.

Os Limões foram ao Brejo da Cruz pedir a protecção do senhor feudal Valentim Lobato, que tinha uma reserva de cangaceiros ferozes. Corria o anno de 1872. Jesuino, avisado que o tal mandão esporeava a vindicta dos cabras e déra aos Viriatos ordem para ajuda-los, temendo um ataque, combinou com o João e o Monteiro, á revelia do pae, irem ao Camucá e dar-lhes uma lição.

Apanharam-n'os de surpresa. Nunca julgaram os Calados capazes de tanta audacia. Francisco Limão pulou no terreiro, disparando a garrucha sobre Jesuino, que se abaixou com ligeireza e, dando um salto, sumiu-lhe a faca no peito. Outros tres Limões lutaram com João Alves e Joaquim, porém vendo morto o mais valente fugiram. Os Calados regressaram com ferimentos leves.

O velho não se conformou com tal luta. Resolveu evitar que os filhos se perdessem no crime por causa duns ladrões, sem eira nem beira. Para isso, iriam residir na fazenda Bôa Vista, que ficava longe, até se apaziguarem

os animos. Todos accederam. Estavam em preparativos de viagem, quando o Jesuino soube pelo seu espia, o Manoel Pagehú, mestiço valente, ex-cangaceiro do José Brilhante, que o Valentim Lobato enviára aos Limões o auxilio de tres Viriatos.

Na tarde da vespera da partida para Boa Vista, Limões e Viriatos cautelosamente se aproximaram da fazenda do Cajueiro, onde os Calados tinham ido despedir-se dos moradores. Estavam á beira do alpendre, conversando, quando a descarga partiu do mato e derrubou morto José Calado, primo de Jesuino. Este e o Pagehú correram agachados até mais perto dos capões e dispararam as armas, derrubando, gravemente feridos, um Limão e um Viriato. Os cabras atiraram, sem causar maior damno que esfuracar a parede da casa. Como não tinham tempo de carregar as armas, fugiram perseguidos pelos dois valentes.

Apezar de se mudarem no outro dia, Jesuino jurou vingar a morte de José Calado.

Na Boa Vista, o tempo passou depressa, todos entretidos com as moagens e farinha-das. Nem se lembravam mais de brigas, quando o delegado de Pombal recebeu uma precatoria do Rio Grande do Norte, arranjada por Valentim Lobato, mandando prender os

Calados. Prevenidos, saíram em viagem para o Rio do Peixe, vagueando de fazenda em fazenda, de pôvoa em pôvoa durante algum tempo. Um dia separaram-se. Jesuino ficou na fazenda de Antonio Martins, o Allivio, mandando prevenir o pai do seu paradeiro, e da familia recebendo noticias constantemente. João Alves e Joaquim Monteiro trabalhavam noutras fazendas, vivendo como ganhadores. Os Limões e os Viriatos começaram a frequentar o Pombal. Temendo que desfeitassem o pai, fê-lo mudar-se para o Rio do Peixe.

Uma feita, os Alves tiveram certa discussão com o Antonio Martins, dono do Allivio, que, para vingar-se, denunciou-o ao Valentin Lobato. — Cançado de andar por Séca e Méca, o velho disse aos filhos que si haviam de ser perseguidos aqui e alli, melhor seria ficarem na sua fazenda e entregar o seu destino a Deus. Abandonaram o Allivio. No dia seguinte, o delegado de Pombal cercava a casa guiado por Antonio Martins. Descoroçoados e despeitados, os sitiados, voltando a Pombal, devastaram a fazenda da Boa Vista.

Cmeçou no Tuyuyú, para os Alves, vida desasosegada e selvagem. A sua fortuna com a inconstancia do trabalho, as mudanças e depredações, ia de aguas abaixo. Lucas e Joaquim Alves ficaram com o velho. Eram os

unicos que não tinham participado da luta. Os outros se dispersaram pelas moradas do sitio. Passaram dois annos calmos e abundantes, quando as autoridades receberam ordem de recrutamento. Os potentados sertanejos iam aproveitar a oportunidade afim de exercer vinganças. Lucio Alves foi recrutado e seguiu para a capital da provincia. O velho deu trezentos mil réis ao Joaquim e mandou-o a Natal comprar a praça do Lucas. O preconceito da epoca não permitia que uma familia de certa ordem tivesse um filho soldado. Gente houve que o mutilava para livralo da deshonra de vestir farda. Um mez depois, regressaram os dois e foi grande o contentamento da familia. Mas o Joaquim estava se sentindo mal dum copo de agua fria que, em viagem, bebêra suado. Alguns dias depois morria.

O anno de 1877 trouxe para os sertões uma das sêcas mais terriveis que a sua historia regista. Começando a escassear os generos alimenticios, Jesuino e Joaquim Monteiro foram a Mossoró compra-los, João Alves seguiu para Bôa Vista afim de saber como ia a fazenda. Esta separação foi providencial. Salvou-os. Valentim Lobato pedira ao governo uma força, porque se aproximavam as eleições. Nella veio como soldado José Limão, o Preto, ac-

cusado de duas mortes, irmão de Honorato e dos outros, sequaz do Valentim. Augmentada com alguns cangaceiros, a tropa cercou o Tuyuyú. De dentro do mato, sem motivo algum, deu uma descarga que prostou morto o Lucio Alves, occupado em alimpar o terreiro da casa. A mulher que correu desalinhada e caiu chorando sobre o corpo foi maltratada a coice de arma. Ouvindo os tiros e avistando a força, o velho Calado mandou o Pagehú e o Manoel de Ló, acostados de Jesuino, se escondêrem na serra, ficando com o Lucas para receber os soldados. Estes invadiram a casa ferozmente, estragaram os moveis, roubaram o que puderam e levaram-n'os presos ao Valentim Lobato, que os remeteu com um pretexto qualquer para a cadeia de Pombal. Tambem maltrataram a mulher de Jesuino e saquearam-lhe a casa.

Um escravo, que tudo assistira, correu a pé a noite inteira, indo encontrar Jesuino de manhã, descansando num rancho. Contou-lhe tudo. O sertanejo ouviu-o em silencio. Sómente os tics do rosto se accentuavam aos exageros da narração.

Chegando ao Tuyuyú, escondeu toda a familia na Casa de Pedra, abandonada desde o tempo do José Brilhante, armazenando alli grande quantidade de cereaes. Accommodou

num socavão da serra vacas e cabras. Preparou um bebedouro no olho dagua e dispôz-se a batalhar.

Vindo da feira do Patú, o Pagehú disse-lhe que no Gravatá de Cima, em casa dos Agapitos, estava acampada uma força. Dois dias depois, de madrugada, os Alves atacavam os soldados, que correram, abandonando as armas. Os Agapitos, porém, resistiram corajosamente. Ao raiar o dia, também fugiram, deixando tres cadaveres sobre o chão resequido e nú. Os vencedores apanharam armas e munições, recolhendo á Casa de Pedra.

Em memoria de seu tio Silvino Ayres, Manoel Baptista de Moraes passou a chamar-se Antonio Silvino; por causa de seu tio materno José Brilhante, Jesuino Alves de Mello Calado começou a se apellidar Jesuino Brilhante

Quasi um mez depois da prisão do velho, os Brilhantes souberam o seu destino. Um sujeito amarello e baixo, de cabello afogueado, olhar fugitivo, barba rala e falar humilde, appareceu no Tuyuyú pedindo trabalho e disse ao Jesuino que estava em Pombal, quando um velho e um rapaz chegaram presos a mandado do capitão Lobato, que tinha grande con-

fiança na cadeia da villa, guardada por tropa numerosa. Esse homem chamava-se Manoel Piry e ficou sendo acostado dos cangaceiros.

Passados mais dois dias, os Brilhantes em numero de oito, chefiados por Jesuino, partiram ao cair da noite, a cavallo, da Casa de Pedra. Tomaram posições em derredor da villa de Pombal, dando gritos e despejando os bacamartes com rapidez a mudar de logar constantemente, simulando grande numero de atacantes. Muitos soldados não se atreveram a sair das casas onde moravam. A povoação foi tomada de medo. Os cangaceiros chegaram ás primeiras ruas e continuaram o mesmo systema de ataque. Poucos policiaes responderam ao tiroteio. De manhã fugiram, deixando dois mortos numa esquina. Jesuino apoderou-se da cadeia soltou o pai, o irmão e todos os presos, que se dispersaram pelas caatingas. Depois, voltou á serra do Cajueiro.

Chegava o fim do anno e a sêca era impiedosa. Jesuino perambulava com o seu grupo. Nunca mais disse a ninguem de onde vinha nem para onde ia. Acompanhavam-n'õ sempre Joaquim Monteiro, Manoel de Ló, Pagehú, Piry e João Delgado, todos montados em cavallos escolhidos e bem armados. Em Outubro, buscaram o Rio do Peixe. Ao chegarem ao terreiro do Allivio, Antonio Martins, o de-

nunciante, sentado num banco, reconheceu-os e não teve coragem de se levantar.

Jesuino apeou-se e exprobrou-lhe o procedimento de outr'ora. Que rezasse e se preparasse para morrer ! As mulheres da familia caíram de joelhos, pedindo o seu perdão. Afastou-as friamente. Os cangaceiros erguiam os punhaes. Martins pediu que o não matassem á arma branca.

— “Então vá alli para o meio do terreiro !”

Tres tiros se ouviram. O homem caiu de borco.

A sêca cada vez mais feroz ! O céu uma abobada de aço aquecido ! A terra se estirava desnuda, concentrada, tôrva, duma côr que era mescla de dôr e aridez. Ossadas branqueavam de passo a passo. Multiplicavam-se os bandos de salteadores.

Olhando as scenas dolorosas da fome e da sêde, aquelle mixto de santo e de malvado commoveu-se. Jesuino não dormia a cuidar duma maneira de diminuir tanto sofrimento. Nas varzeas desertas, atacava os comboios dos negociantes mais abastados ou dos inimigos, tomava-os, chamava os retirantes famintos e com elles distribuia a farinha e os cereaes. Do proprio bolso fazia as larguezas que podia. Até dos comboios de auxilios enviados pelo governo se apoderava, fazendo a

mais equitativa distribuição. Dizia-se a “comissão ambulante de soccorros”. Perseguiu os bandidos que infestavam o sertão. Defendia os fracos das perseguições que lhes moviam. Nunca roubou nem jamais consentiu que os seus companheiros furtassem.

Noutra ausencia do filho, foi novamente preso o velho Alves e metido na cadeia da Serra do Martins. No fim de tres mezes, como sua innocencia era indiscutivel, o processo que lhe moviam foi annullado e o puzeram em liberdade. Jesuino não procurára soltar o pai, porque o destemido Moreira do Páu dos Ferros, rabula activo e lutador terrivel, lhe garantia a sua soltura, si a não complicasse com novo assalto á cadeia.

Entrou o anno de 1878 e a sêca proseguia. Os Brilhantes continuavam errantes e audazes, distribuindo com os famintos os viveres de que se apossavam e caçando os inimigos. Sempre as questões, as aventuras, os combates, as fugas, a vida vagabunda e livre!

Passando na varzea do Antonio, Jesuino encommendou uma sella ao velho Ignacio selleiro, ficando de vir busca-la em dia marcado. Chegou uma força de policia a Caraúbas e o selleiro, manhosamente, de accordo com um filho, resolveu fazer prender o cangaceiro, de-

morando a entrega da sella até que os soldados chegassem. No dia determinado, Jesuino desconfiou da demora do velho em acabar de collocar os lóros e do seu olhar assustado. Ficou de orelha em pé. O seu sentido auditivo apuradissimo avisou-o de que vinha gente pela estrada e depressa. Saltou do cavallo, embebeu a faca no peito do traidor e entrincheirou-se na casa. Quando a tropa surgiu, correndo pelo caminho, derrubou um soldado com certa pontaria. Os outros deram uma descarga. O Brilhante entrincheirado continuou a mata-los um a um, ora atirando da frente da casa, ora de traz, o que lhes fazia supor que havia mais de um inimigo. Retiraram. O cangaceiro ganhou o mato e foi ter á sua furna.

Um dia saiu a cavallo sem destino, melancolico e nostalgico. Parou na fazenda de Manoel Pimenta, apeou-se, pediu-lhe dinheiro, um cavallo e uma vacca. O velho recusou, dizendo, que, si elle quizesse tomar, tomasse, mas com as suas mãos não dava. O Brilhante montou e respondeu com orgulho que não era ladrão. E foi embora.

Com receio dos Brilhantes, os negociantes faziam guardar os comboios por destacamentos de policia, o que não os impedia de cair ás mãos da quadrilha, cujo dominio nas es-

tradas foi tão grande que chegou a cobrar direito de passagem, um tanto por carga de farinha ou cereaes.

No fim desse anno, falleceu o velho João Alves de Mello Calado.

Da Parahyba partiram, afim de caçar os Brillhantes, cem soldados commandados por dois officiaes, aos quaes se agregaram muitos cangaceiros do Brejo da Cruz. Um bandido chamado Antonio Simplicio que se acolheu ao arraial de Jesuino informou-o disto.

A tropa cercou a Casa de Pedra. Estalaram as fecharias das armas. Clarões subitos illuminaram a noite. As detonações ecoavam repetidas nas quebradas das rochas. Os abysmos, como grandes bôcas de treva repetiam-n'as. As balas achatavam-se na face rugosa dos granitos, esfarrapavam as ramas, enterravam-se na casca das arvores. Da fortaleza, os cangaceiros respondiam, berrando injurias, quando paravam o fogo para carregar os bacamartes. Ao romper do dia, os officiaes verificando ser inexpugnavel a alfurja deram ordem de retirada, indo aquartelar no Martins.

Jesuino quiz tomar desforra dessa visita. No começo de 1879, em noite muito escura, reconheceu sósinho o interior do povoado, mas nada se atreveu a fazer. Quando o des-

lamente seguiu para Campina Grande, emboscou-se no caminho e fê-lo recuar debaixo do tiroteio com algumas mortes.

Do mesmo modo que autoridades e pessoas da melhor categoria recebiam e bebiam ou jogavam com Antonio Silvino, a gente melhor do sertão visitava, quando surgia numa villa, o Jesuino Brillhante. Uma dessas vezes, estava no Martins, quando o delegado e outros individuos resolveram prende-lo. Tiraram alguns sentenciados da prisão, entre elles o Preto Limão e cercaram a casa.

Os cangaceiros trancaram portas e janelas e atiraram pelas frinchas das taipas. A's dez horas da noite, Jesuino tentou romper o cerco, sendo obrigado a retroceder. Então, ordenou a dois companheiros fazerem grande barulho com latas velhas, enquanto elle com um cavador furava a parede que dava para a casa vizinha, na ocasião fechada e vasia. Passaram assim para o outro lado e fugiram depois um a um, transpondo os quintaes da vizinhança e os telhados. Jesuino foi o ultimo que fugiu; ficou de bacamarte em punho guardando a escapula dos outros. Reuniram-se depois todos nas quebradas da serra.

Quando estava entrincheirado á espreita de quem perseguisse o bando, atirou por en-

gano em João Alves que se desviára do caminho, ferindo-o.

A audacia de Jesuino subiu de ponto. Foi a Mossoró comprar um comboio de viveres. O destacamento local atacou-o. Resistiu á bala e escapou illeso.

Os Brilhantes indispuzeram-se com os Suasunas, que moravam nas immediações do Patú e que fugiram medrosos, enquanto os outros ocupavam a sua fazenda como se fossem donos. Oitenta soldados a cercaram um dia, mas não prenderam os bandoleiros, porque se tinham retirado apressadamente meia hora antes.

A mesma tropa pousou na villa, tomando todas as medidas defensivas possiveis. Muito tarde, ouviu tiros nas cercanias, mas não se mexeu. Ao nascer do dia, um homem desarmado batia á porta de Raymundo Basilio, pessoa de qualidade do lugarejo, transmitindo-lhe um recado de Jesuino para o official do destacamento. Ordenava-lhe abandonar immediatamente o povoado sob pena de ser atacado, aprisionado e sangrado, pois o seu plano e os recursos com que contava autorizavam-n'o a ter certeza da victoria. O commandante, desconfiando duma traição dos moradores, não ousou arrostar o combate. Deu a ordem de retirada sem o menor exame dos

arredores, onde na vespera tinham disparado tantos tiros. Mais adiante sentiu falta dum soldado. Tinha sido morto por uma descarga dos bandidos quando fôra buscar agua ao correjo, de noite. Os Brilhantes ocuparam a povoação, victoriosos e aureolados por grande prestigio. O povilêu não raciocinava sobre os factos e sómente via que, a um simples recado do criminoso, os soldados deixavam o caminho livre.

Durante todo o anno de 1879, os cangaieiros combateram contra os Suassunas e a policia. O bando foi se reduzindo. O jogo de Jesuino era pesado. Não consentia em roubos e depredações. Os sequazes cançavam-se da tyrannia. Antonio Simplicio desobedeceu-lhe. Matou-o. Dizem que tambem matára o escravo José, um dos melhores companheiros, porque era de inclinações sensuaes e quizera violentar uma mulher. O certo é que o negro desapareceu, numa arrancada ao sertão de Pagehú de Flôres. Manoel de Lô foi assassinado numa luta.

Nos ultimos dias de dezembro, uma força guiada pelo Preto Limão conseguiu separa-lo da Casa de Pedra. Emboscou-se, disposto a vender caro a vida e talvez mesmo a acabar com ella, fatigado de tanta luta, no lugar Santo Antonio, entre Caraúbas e Campo Grande.

Ao se aproximarem os soldados, os velhos companheiros, Manoel Piry, Pagehú e João Delgado recusaram-lhe obediência, repelliram-n'o, resolvendo dispersar-se. Jesuino Brilhante, cheio de amargo desgosto, foi ao encontro dos inimigos e morreu, morte digna do vaqueiro exímio, do cangaceiro heroico que era. Avançou a cavallo disparando o bacamarte. Respondeu-lhe uma descarga. Solto as redeas do animal ardente e passarinho que montava, deu um grito de furor, cravou-lhe as esporas nos flancos. O garanhão encabritou-se, atirando-se aos galões para a cattinga, como outr'ora o fazia no piso dos bois que "espirravam" ou perseguindo os barbatões que desafiavam a vaqueirama da ribeira.

Desembestou pelo mato adentro como doído. O cangaceiro semi louco, deitado sobre o pescoço, seguro das crinas, o esporeava aos berros ! Era um Mazeppa livre e voluntario ! Os galhos espinhentos das juremas chicoteavam-lhe a face. Ramos de jatobás e pereiros raspavam-lhe o dorso e as ancas ensanguentadas do animal, que corria de cabeça baixa, coberto de espuma, cego á dôr cruciante das esporas enterradas no ventre com a força do desespero e da ultima resolução dum homem de energia. Arbustos quebrados estralejavam.

A garrancheira da mataria desfolhada curva-va-se ao açoite da corrida, sussurrando como ao passar do vento. O cavallo diminuiu o passo, parou tremulo e caiu de lado com um longo gemido, deitando sangue pelas narinas e pela bôca. O cavalleiro, estendido sob o seu peso, não fez um movimento, não deu um suspiro. Estava morto.

VIRIATOS

«A mocidade de Sparta exercitava-se a roubar, não para adquirir vergonhosas riquezas ou atender ás despesas de sua libertinagem, mas para se acostumar aos ardis da guerra. Pensava-se que a destreza e actividade necessarias ao roubador desenvolviam e fortificavam o espirito dos moços, ensinando-lhes a armar emboscadas, a vigiar com paciencia e a aproveitar com rapidez o momento do ataque.»

(AULO-GELLO — «Noites Atticas», livro XI, § XVIII.)

Costume sertanejo pluralizar o nome dum chefe de bandidos para com elle apellidar toda a quadrilha. O troço de asseclas que acompanhava Jesuino Brilhante eram os Brilhantes; a cáfila matadora do Viriato, os Viriatos. Essa manalha de salteadores terriveis fazia correrias pelos sertões de Parahyba, Pernambuco e Ceará, fugindo dum para outro ao sabor das perseguições. Salteadores de estrada e guerreiros, pondo, no combate, em pratica os ardis de ladrão e, nas ladroeiras, as manhas de guerra, roubavam fazendas e tropas e, da mesma sorte que o nobre roubador do feudalismo cobrava á força o direito de alcávola dos bufarinheiros de Genova, elles obrigavam os comboieiros a pagar um tributo de barreira, pedagio ou passagem. Durante annos fizeram guerra terrivel aos Calangros, seus inimigos figadaes.

Para que repetir o historico das vidas desgraçadas e sangrentas dos bandidos do cen-

tro-norte? Os episodios dirão melhor delles do que o nosso commentario. A scena que vamos narrar pinta de modo completo a alma do Viriato.

Manhã de inverno toda dourada de sol, com trinados de passaros nas moitas. Pela chapada do Araripe, levantando o pó da larga estrada, trotava um comboio de mulas e cavallos com cargas. Voltava de Pesqueira, onde fôra levar rapaduras; e os caixotes vãos batiam com um som ôco na madeira das cangalhas. Lá uma ou outra carga de malas de coiro alvadio, cheias de fazenda, pesava no costado lusidio de mula faceira, de pescoço erecto e orelhas tesas. Não tiniam os chocalhos, o que era de estranhar, porque é luxo sertanejo andarem os comboios ao argentino som das sinetas, sómente se entupindo essas, á noite, ao entrarem em lugarejos, por via de posturas municipaes protectoras do pesado somno da gente do norte. O freteiro, mestiço escaveirado e alto, a cavallo, gibão de coiro deitado sobre o hombro, meio curvado para a lua da sella, fumava cachimbo. A pé, gar-ruchas e facas no cinto, os tropeiros tocavam os animaes, estralejando os largos chicotes de relho, calças arregaçadas com respingos de lama, o guarda peito de couro branco de poeira.

Numa curva do caminho, de subito, o comboio estacou. Os homens, firmes, deixavam pender as mãos em desalento. Surgiam do matagal os Viriatos. Vinte bacamartes visaram os comboeiros. O chefe berrou uma ordem: — “Ninguém se mexa !”. Mais rigidos os outros ficaram. Fez um aceno a uns cabras e mandou dar busca nas malas. Depois, chamou o freteiro, que se aproximou cabisbaixo, chapéo na mão.

— “Que traz nesse comboio ?”

— “O que Vossa Senhoria está vendo: fazendas, miudezas, uns presentes...”

— “Não quero saber dessas porcarias ! Traz dinheiro ?”

— “Trago, aqui no bolso, uns oitenta mil réis...”

— “Dê cá !”

O pobre homem entregou-os. Guardou na algibeira e, ouvindo dos cabras que nas malas não havia dinheiro, ordenou busca mais minuciosa. Accendeu um cigarro grosso, de palha, apeou-se e esperou. Os cangaceiros remexeram os suadouros das sellas e os forros das cangalhas, as roupas dos homens e as peças de fazenda. Alguns nickeis, pequenas moedas de cobre foi tudo o que encontraram. Não tinham dinheiro. Podiam ir. Os com-

boieiros afivelaram as cilhas, endiretaram as cargas e tangeram o comboio.

De cócoras, o Viriato riscava o chão com a ponta da faca, pensativo. Ao mover-se o comboio, deu um salto e bradou: “Pára!” Aproximou-se e inquirio do freteiro, casquinando, por que os chocalhos iam entupidos, e commentou que não era noite nem entrada de villa. Os comboieiros empallideceram. O freteiro ficou branco, rilhando os dentes. E o Viriato, montando a cavallo, deu a ordem: — “Desentupam os chocalhos!” Cumpriram-n’a. Estavam tapados com cedulas. Então, elle alçou o bacamarte e deu ao gatilho. Um relampago e um estampido! O freteiro levou as mãos á cabeça e cafu de lado, ensanguentando os arreios e o chão ⁽¹⁰³⁾.

O typo mais interessante da quadrilha do Viriato era o curiboca Verissimo, homem forte, de barbuna rala, prognathismo accentuado e quasi macrocephalo. Foi o heróe dos ataques dos Viriatos ao celebre padre Custodio, que sempre se defendeu como um leão.

Verissimo era irmão dum dos mais conhecidos e afamados cantadores do sertão, o Romano do Teixeira. Depois de ter praticado muitas tropelias e assassinios, foi preso e con-

(103) G. Barroso — “Terra de Sol”.

demnado a sete annos de prisão, que cumpriu na cadeia da sua villa natal. Ahi conseguiu arranjar uma viola e passava as noites, improvisando trovas bufas ou impregnadas de rude lyrismo, espancando a tristeza e a nostalgia dolorosa do cangaço, com tanta inspiração quanto aquella celebrada Monja Alferes, cujas memorias Heredia traduziu, dizendo que ella se alegrava em recordar as rixas, as fugas, os combates, a fortuna aventureira, e a vida errante e livre. Uma tarde, o irmão veio visital-o. Abraçaram-se e, immediatamente, lembrando que havia muito não cantavam juntos, desafiaram-se para uma “peleja”. O commandante da guarda, sertanejo como os outros, consentiu no desafio. Vieram Verissimo e Romano para o corpo da guarda, sentaram-se nas tarimbas e começaram a cantar:

— “Sou Romano da Mãe d’Agua
Mato com *porva* soturna;
Para vencer eleição
Não meto chapa na urna:
Salto da ponta da pedra
E tomo a bôca da furna !”

— “Sou Verissimo do Teixeira
Fura-páu, fura-tijolo,
Si mando a mão, vejo a quêda

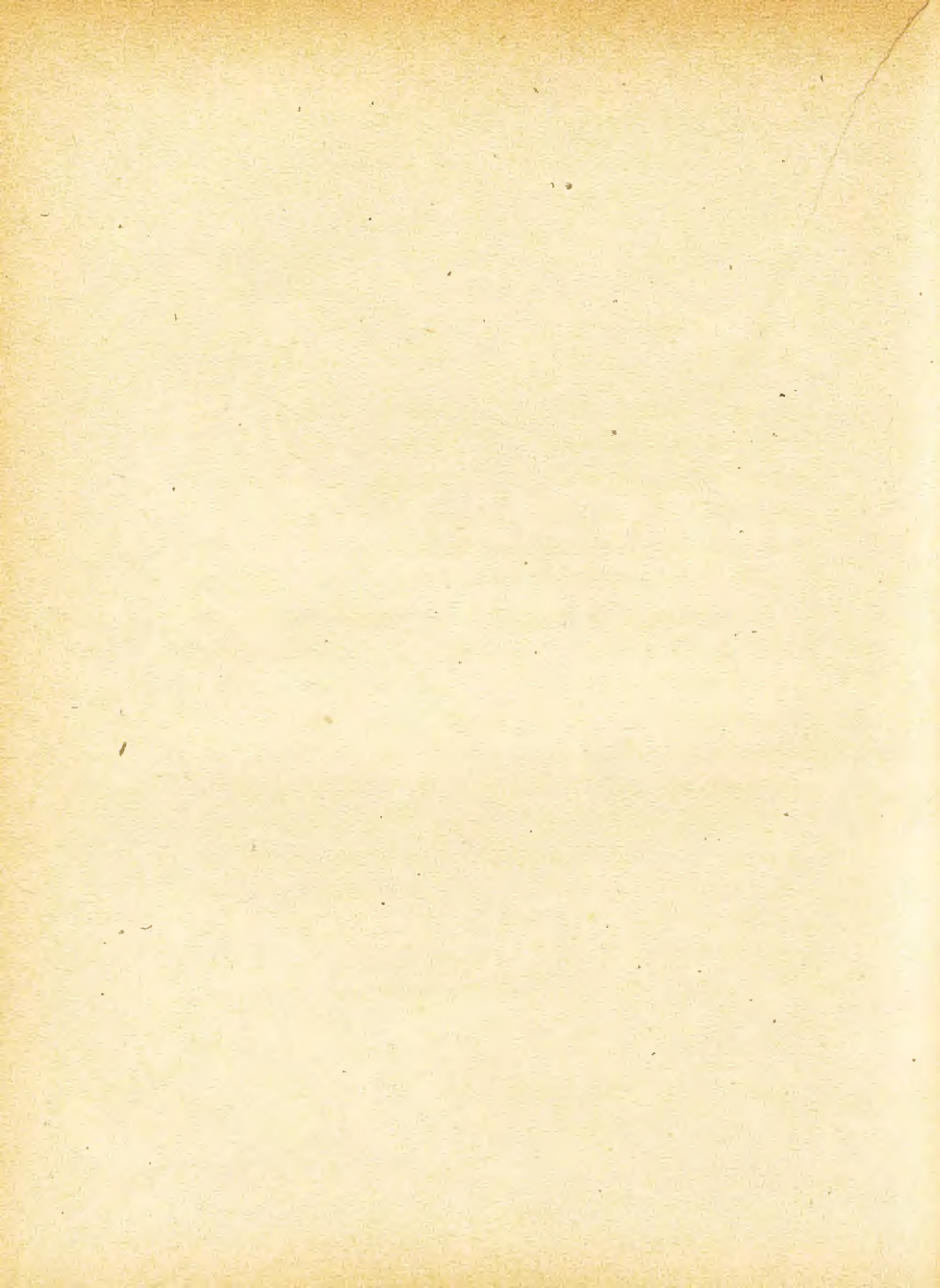
Si mando o pé, vejo o rolo
Na ponta da lingua trago
Noventa mil desafôro !”

Em torno, os presos se acocoravam silenciosos, o olhar vago, perdido no espaço, a alma em scisma, toda envolvida na saudade de viver livre a vida aventureira do cangaço. Os soldados fumavam, estirados sobre as tarimbas forradas com os capotes ou encostados nas paredes. O sargento, escanchado num tamborete, enrolava o cigarro infundável. Fóra, á claridade das estrellas, tremia, por vezes, um fio de luz na baioneta da sentinella.

ADOLFO MEIA NOITE

*«Quem ofende a outrem não
póde gozar de segurança».*

(LEONARDO DA VINCI —
«Pensamentos»).



Adolfo Meia Noite foi uma victima do meio em que nasceu. A prepotencia e a pretensão dum poderoso fazendeiro, o pundonor exagerado da familia fizeram-n'o cangaceiro. A sua historia é quasi a repetição da de Julio Branciforte e de seu amor por Helena de Campireali, a que foi abbadessa de Castro ⁽¹⁰⁴⁾. Nunca se chafurdou nas baixeiras dos salteadores matutos. Em toda a vida manteve certa linha. Era natural de Afogados de Ingazeira, sertão do Págehú de Flôres. Os tios tinham sido cangaceiros. Esse exemplo dava-lhe desejos de lutas desde menino, quando se enthusiasmava ouvindo contar os feitos dos parentes aventureiros. Rapaz, apaixonou-se por uma prima, filha do chefe politico da terra, ricaço pretencioso e cruel, que julgou uma ofensa aquelle sobrinho pobretão

(104) Veja-se Stendhal — "A Abbadessa de Castro".

e desclassificado erguer os olhos para tão elevada pessoa. Mandou agarra-lo pelos acostados, metê-lo num velho tronco colonial que a fazenda possuia e açoita-lo. Adolpho voltou para casa com a alma mais torturada que o corpo. Pelo seu espirito passavam as lembranças das façanhas dos ascendentes e mordida-lhe, remordia-lhe o coração o desejo de vingar-se. Ao entrar em casa, o velho pai, homem brioso e de severos principios, declarou que o não abençoaria emquanto não realizasse a vingança. A um filho desfeitoado só se dá a benção, quando lava a injuria bem lavada.

Tudo conspirava contra o moço sertanejo: o meio physico e moral, a ascendencia, a crueldade e injustiça do inimigo, a honra da familia. O sertão queria fabricar mais um bandoleiro. Tempos depois, noite alta, Adolfo penetra em casa do tio prepotente e malvado, e mata-o com alegria. Dahi e do costume de só andar á noite, o seu apellido. Fugiu, acoitou-se no valle do Pinharas. Começaram a persegui-lo, para o prender. Viveu muito tempo, perambulando, a lutar, a escapulir, a matar, pelas ribeiras parahybanas e pernambucanas; ora, escoltado pelos seus dois irmãos, que se fizeram cangaceiros para o ajudar, Manoel e Sinobilino; ora, escapando dos assé-

dios ferido, carregado ás costas pela sua heroica mulher, que, nova Chimena, abandonara a familia pelo amante, embora o crime de permeio; ora, atacando com assombrosa coragem os inimigos dentro dos mais seguros refugios.

Um simples facto é sufficiente para traçar-lhe as linhas de maior relevo do character:

Havia no Teixeira um negro que sómente se occupava em conduzir o dinheiro do amo para transacções commerciaes. Era muito conhecido e tinha a alcunha de Perequito. Um dia, o preto encontrou-se numa varzea com o bando do Meia Noite. Os cangaceiros entreolharam-se e murmuraram, com reticencias significativas, que o escravo bem lhes podia “dar” os cobres que certamente trazia. Adolfo ouviu e disse-lhes com azedume: — “Vocês nada têm que ver si elle conduz ou não dinheiro, mesmo porque elle não conduz dinheiro d'elle e sim dos outros”. Voltando-se para o Perequito, perguntou: — “Levas dinheiro, Luiz?”

— “Levo, sim, senhor, quinhentos mil réis do senhor Paulo Barbosa.”

Os bandidos apalpam os cabos das facas, olhos faúlhando de cupidez. Adolfo respondeu:

— “Vai embora! Si eu precisar de alguma quantia, irei tomar ao teu senhor. Não tomarei de ti que não és o dono. Vai embora!”

Encarou com superioridade os da quadrilha, a mão calmamente pousada no punho de prata do punhal. Os companheiros baixaram a vista e nada disseram.

Adolfo Meia Noite morreu baleado num cerco que lhe puzeram policias e paisanos ao pé da villa do Teixeira.

OS DOIS JOSE-ANTONIOS

*«Au milieu des épouvantables
cruautés de la jacquerie, Guillaume
Caillet, Guillaume Lalouette et le
valet de ferme de celui-ci, le Grand
Ferré, furent pourtant des héros.*

(CHATEAUBRIAND — *«Histoire de France»*).

Evoquemos as sombras de dois homens bons e leaes, que os preconceitos da educação e a influencia do meio tornaram criminosos ao nosso ver, rebellados e justos no julgamento da opinião sertaneja. José Antonio do Saco e José Antonio do Fechado, duas almas heroicas, caractéres que se elevaram até á vingança e até o justicamento pelas proprias mãos, em dois corpos de bronze, typos lendarios de lutadores, que o matuto jamais esquece e cuja tradição durará seculos !

A fazenda do Saco dos Bois fica no municipio de Afogados de Ingazeira, pleno sertão pernambucano. Nella morava o capitão José Antonio, homem bom e prestimoso, grande chefe politico, devotado ao seu partido e inimigo figadal das fraudes eleitoraes. Numa eleição, fazendo esforços para evita-las, viu-se envolvido em grande conflicto de que resultaram algumas mortes e muitos ferimentos. O partido adverso, que estava no poder,

aproveitou a oportunidade. Moveu-lhe tenaz perseguição, inculcando-o de tudo quanto acontecera. Elle nunca se pôde conformar em entregar-se á justiça, porque o seu modo de pensar e sentir a apontava como perseguidora dos fracos e famula dos poderosos; porque achava que, na luta da eleição, não fizera mais que o seu dever, defendendo a urna a tiros de pistola, a vida á ponta de faca; porque julgava decair de prestigio e dignidade dar as mãos ás algemas dos adversarios. Defendendo-se das primeiras perseguições, commeteu mais algumas mortes. Augmentaram a força que o buscava. Rodeou-se de cangaçeiros. A luta durou muitos annos. Cançado e envelhecido, o capitão José Antonio embarcou um dia para o Rio de Janeiro, onde veio pedir o indulto de seus crimes ao Imperador, em pessoa. Dom Pedro II perdoou-o.

A fazenda do Fechado fica no municipio de Canindé, no Ceará. José Antonio, seu proprietario, honesto, hospitaleiro e generoso, entendia a justiça a seu modo. Achava que castigar o individuo que o injuriasse não era delicto passivel de pena, sim acto meritorio. Assim, commeteu um primeiro crime. Quizeram prende-lo. Revoltou-se. Pensava ter praticado coisa louvavel e que a lei não o devia punir. A prisão era, no seu rustico racio-

cinio, injustiça e vergonha insuportáveis. Sujeitar-se seria vileza. Resistiu.

Durante muitos annos a policia deu caça ao José Antonio do Fechado. Cercava-o na fazenda entrincheirada. Trocava-se o tiro-teio. A pontaria certa dos sertanejos emboscados derrubava os soldados a granel e, um a um, os commandantes da tropa, até que esta, desnorteada, abandonava o cerco. O povo dizia, para pintar o numero de sequazes que lhe guardavam a morada: “Cada estaca da cerca é um homem armado !”

O commandante da policia do Ceará, moço destemido, resolveu uma feita acabar com o José Antonio. Mandou a força, numerosa e aguerrida, acampar num povoado proximo da fazenda celebre e foi, disfarçadamente, á paisana, explorar a cavallo os arredores do Fechado. Encontrou na estrada um homem de meia idade, musculoso e sympathico, de voz suave e lhana, maneiroso e afavel, montado em um bello alazão. Travaram palestra e o official, cautelosamente, procurou colher informes sobre o cangaceiro.

O desconhecido contou-lhe da fortaleza da casa, da valentia dos acostados, das boas acções do José Antonio e das razões que lhe assistiam para se não submeter á justiça. Assim, conversando confiados já um no ou-

tro, deram com uma encruzilhada e despediram-se: cada qual ia seguir rumo oposto. O commandante declinou, sorridente, seu nome e sua qualidade, fazendo oferecimentos cortezes. O outro sorriu, tirou o chapéo, apertou-lhe a mão e disse:

— “A minha casa é alli adiante, no desembocar do caminho. Estamos lá ás ordens. E’ a fazenda do Fechado e eu sou ^{3o} o José Antonio (105).

(105) G. Barroso — “Terra de Sol”.

ATHAYDE

Do meu amigo Aurelio de Lacerda

*«Com effeito, viu-se alguma vez
audacia mais impudente?»*

(CICERO — «Carta a Atticus»).

Athayde, filho de gente pacata e honesta do sertão piauihyense, nas scintillações bruscas do olhar, num raro tremer dos musculos da face, denunciava-se um nevrosado, prestes a se tornar criminoso á menor determinante. Até os trinta annos de idade, não se lhe depa-rou uma ocasião de agir, impulsivamente, pela força dos desequilibrios herdados. Em mil e oitocentos e oitenta e tantos, o partido liberal aproveitou os seus serviços. Foi nomeado sub-delegado da villa onde nascera. Encheu-se de pretensões descabidas e começou a abusar da autoridade. Porque um pobre rapaz fôra preferido por uma moça, que cortejava com insistencia, entrou na casa commercial em que o outro trabalhava, esbofeteou-o, mandou arrasta-lo pelos soldados do destacamento até á cadeia, e açoita-lo a panno de sabre diante da casa da namorada.

Na tarde desse dia, chegou á villa um negociante de nome Francisco Alberto, sertane-

jo membrudo e barbado, calmo e forte como annoso tronco de aroeira. Soube do espancamento e verberou aquella prepotencia. Não sympathizava muito com o lugarejo. De ora em diante ficava gostando menos. Não podia suportar que um homem fôsse preso e maltratado sem motivo, e o criminoso ficasse impune. Athayde ouviu-o e respondeu-lhe com um insulto pesado. Francisco Alberto levantou-se do tamborete em que se sentára e disse:

— “Onde ha facas e espadas, razões e palavras são escusadas !” Ao terminar a frase, travava o pescoço do sub-delegado com a mão esquerda. Na direita, luzia a faca de arrasto. Rosnou:

— “Puxe a sua, meu bem, para não dizer que estava desarmado !”

Athayde empallideceu, acovardou-se e falou, recuando:

— “Não discuto com doidos !”

A covardia do criminoso degenerado e bestial, torvo e cruel, deante da coragem verdadeira, é tão commum quanto a generosidade quasi inconsciente do bandoleiro que estende a mão ao inimigo no ardor do combate, porque elle brigou como um valente. Os exemplos pullulam. O Antonio da Jacyntha,

criminoso feroz, entrára uma tarde em pobre povoado sertanejo, cujos moradores tranca-ram e barricaram portas e janellas ao avis-ta-lo. Saqueou algumas vendas. Encheu-se de caxaça, “caximbo” ou “meladinha”. Depois, começou a dizer desafôros, a apregoar fanfar-ronices, desafiando Deus e o mundo, no meio da rua. Vinha do campo um vaqueiro paci-fico e bom, que não sabia do “estrupicio”. Subio-lhe o sangue á face diante das injurias do desordeiro. Arrancou da faca e avançou para elle. O Antonio da Jacyntha enfiou, re-cusou-se e abalou covardemente ⁽¹⁰⁶⁾.

Com o Athayde deu-se o mesmo pheno-meno.

Alguns tempos depois, um tal Lopes, advo-gado em Picos, desejoso de vingar-se de seus inimigos, utilisou os serviços do valentão, tra-zendo-o para a propria casa. Athayde com-meteu os maiores desatinos contra os adver-sarios de Lopes. Era capaz de todas as tor-pezas. Uma feita, o advogado, tornando de longa viagem, encontrou a casa vazia e sobre a mesa este bilhete assignado pelo infame: “Lopes. Estou cansado de amor escondido. Vou embora e levo a Xiquinha, tua mulher.

(106) G. Barroso — “Terra de Sol”.

E' bôa rapariga. Trata-la-ei bem. Vai na minha garupa e dormirá na minha rêde, esquentando o meu corpo. Si você quizer dizer adeus a nós dois, encontrar-nos-á na lombada da serra, a duas leguas da villa, onde vamos descansar".

JOÃO DO BOMFIM

*«Morramos corajosamente em vez
de cair vivos ás mãos dos inimigos!»*

(XENOPHONTE — «Anabase», livro III).

A velha mestiça luso-tapuia Anna do Bomfim vivia numa choupana aninhada no socavão da serra do Teixeira, no sertão da Parahyba. Diziam que fazia magacías e feitiços. Era celebre pela quantidade de pragas que rogava ao menor motivo e porque, filha de antigos matadores, também já assassinára. João do Bomfim, seu filho, mameluco alto, magro, musculoso, de cabellos corredios, rosto largo e olhos pequenos, vivos, apertados, quasi obliquos como os da raça amarella, andava muito devagar, comia vagarosamente e, nas raras vezes que abria a bôca, falava mais devagar ainda.

O coronel Ildefonso Ayres, chefe politico e senhor feudal, desconfiando que elle e os dois companheiros Manoel Camello e Chico de Coito andavam a roubar rôças e rebanhos, perseguiu-os com uma tropa, que receberam á bala. Travou-se a luta e afinal foram os tres presos, estando o Chico baleado numa

perna. Na cadeia, este, antes de fazer os curativos, retirou da ferida fragmentos de músculos e de ossos, guardando-os cuidadosamente num saquinho de panno.

Pouco tempo depois de serem postos em liberdade, mataram em uma emboscada o coronel Ildefonso. Ao tombar este moribundo no barro da estrada, João do Bomfim avançou e disse:

— “Prove agora, coronel, que sou ladrão !”

Ayres respondeu: — “Tanto és que me roubas a vida !” (107).

Quando se encontrou o cadaver do coronel Ildefonso, achou-se dentro da hôca um saquitel de chita com fiapos de musculos e estilhaços de ossos !...

O tenente Vicente Ayres, Pedro Rufino Baptista de Almeida, alcunhado o “Baptistão”, pai de Antonio Silvino, Silvino Ayres, filho do coronel assassinado, Antonio e Francisco Gadelha, pai e tio do celebre matador Antão Godê, comparsa de Antonio Silvino, cercaram João do Bomfim, depois de o perseguirem dez annos, no lugar Ipueiras, entre as villas de Patos e Teixeira. O bandido re-

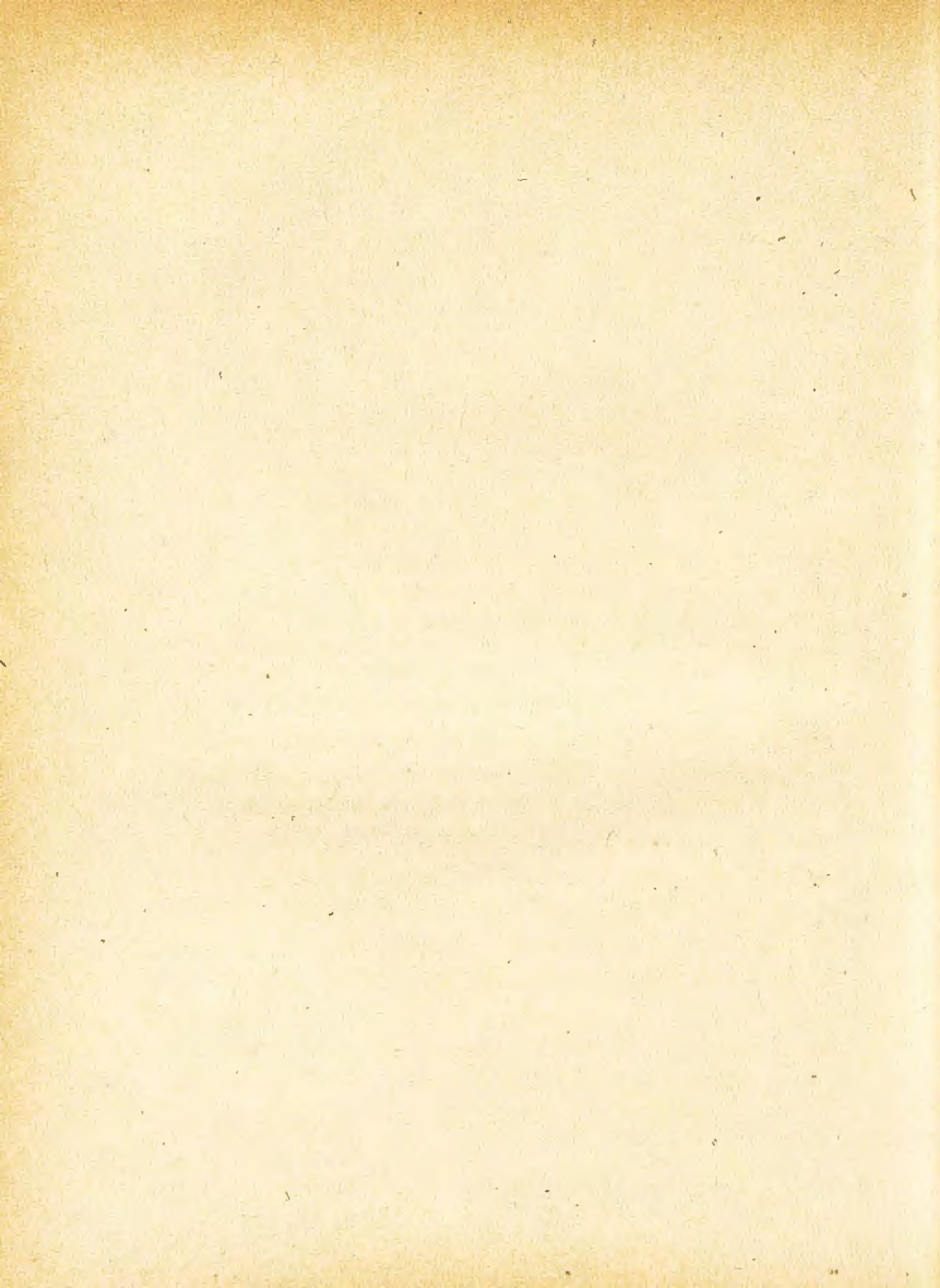
(107) Ha quem conte tambem que este facto se passou com Liberato Nobrega e o referido coronel Ayres.

sistiu uma noite inteira, em companhia dum filho, respondendo furiosamente ao tiroteio dos inimigos emboscados, como elle, na sombra, e mudando constantemente de lugar, afim do clarão dos tiros não denunciar pela repetição no mesmo ponto o pouso do atirador. De madrugada, João do Bomfim cessou de atirar. Logo após, o menino escapolia na carreira, debaixo duma chuva de balas, deixando um rastilho de sangue. Amanheceu. Os outros esperaram ainda algum tempo. Do esconderijo do cangaceiro não saía o menor ruido. Escutaram atentamente. Farejaram até. Nada. Fôram-se aproximando com muita cautela. Encostado a uma trincheira, João do Bomfim estava morto, de pé, pregueado de balas, as mãos crispadas no bacamarte, em cuja coronha sessenta cruzeiras feitas na camada de verniz preto á ponta de faca diziam que matára sessenta pessoas !

ANTONIO SILVINO

*«Ode uma banda do céu,
Séca uma parte do mar,
O purgatorio resfria,
Vê-se o inferno abalar,
As almas deixam o degredo,
Corre o diabo com medo,
O céu Deus manda trancar,
.....
Admira todo o mundo
Quando eu passo em um lugar !»*

(FRANCISCO DAS CHAGAS
BAPTISTA, poeta popular
da Parahyba, «O silencio de
Antonio Silvino»).



Jámais igualado na sinistra fama, nunca excedido no criminoso mister, Antonio Silvino é o maior vulto de criminoso dos sertões de nordeste e a sua historia domina a historia de uma região inteira.

Elle proprio tinha tanta certeza do tamanho e valor de sua fama sangrenta, que um dia, quando o sertão parahybano andava convulsionado pelo Bacharel Santa Cruz e pelo doutor Franklin Dantas, disse num povoado matuto, com ironia, em conversa animada com alguns parceiros: — “De uns quatro annos para cá não goso mais celebridade: só se quer saber de cangaceiro — doutor...”

Antonio Silvino nunca tomou parte em conluios politicos do sertão. Sempre se eximiu de grupos numerosos. Vivia só com o resumido bando, vagueando em liberdade. Uma feita, quando foi da invasão da Parahyba, em 1912, pela liga de Santa Cruz, Dantas, Saldanha e Neco Janucio, fingiu adherir ao



movimento, mas em realidade estava afastado.

Na sua vida de matar e saquear, sempre se manteve nas quadras de gaudio ou de abertura, á maneira de Jesuino Brilhante: cinco ou seis companheiros, boas armas, toda a pradaria hispida dos sertões, plena liberdade, a cumplicidade do habitante, ou por medo, ou por admiração, e os combates e os sambas, e as noites frescas dormidas ao relento, sob a luz pallida da lua, no silencio dos campos.

Nascido em Pernambuco, no districto de Afogados de Ingazeira, em 1875, baptizado por Manoel Baptista de Moraes, alcunhado Nezinho, em lembrança do chefe sob cujas ordens se fez, o denodado Silvino Ayres.

Andava de continuo com seis ou oito bandidos. Poucas vezes teve mais. Vivia com uma farda de major de policia ou coronel da guarda nacional, galões dourados no punho. Seus bandidos usavam velhas fardas de soldados, botões areados, luzindo. Todos tinham divisas como si fossem officiaes inferiores.

Desse pequeno bando, fizeram parte matadores conhecidos nos sertões: Godê, Balisa, João de B^{da}nga, Rio Preto, Cocada, Dois Arroz, Tempestade, Ventania, Nevoeiro, Barra Nova e Relampago.

Largo tempo, Cocada foi o seu tenente de confiança.

Antonio Silvino é filho de Balbina de Moraes, descendente dos Feitosas, dos Moraes e dos Brilhantes, e de Pedro Baptista de Almeida, o Baptistão, lutador terrível, assassinado ahí por 1896, em janeiro, pelo sub-delegado local e por José Ramos da Silva, que foi processado e preso. O delegado, porém não teve a menor punição, contentando-se o governo simplesmente em demiti-lo, nomeando para seu lugar um famanaz do sertão pernambucano, Francisco Braz.

Indignado com a injustiça que lhe faziam, inclinado ao crime pelas tendencias herdadas e augmentadas pela influencia do meio, Silvino, talvez com uns vinte e um ou vinte e dois annos, esperou algum tempo a vingança, para não alarmar e prevenir os inimigos; depois, cingiu a cartucheira, poz o riffle ao hombro e dentro de poucos dias commetia o primeiro crime.

Encontrou numa vereda Manoel Ramos Cabaceira, sobrinho do assassino de seu pai, que vinha em companhia de um tal João Rosa. Com dois tiros certos derrubou ambos. Explicava: matára o primeiro, porque o xingára no caminho e porque era membro da familia inimiga, para ferir o adversario, o matador de

seu pai; matára o segundo, para o primeiro não morrer sósinho.

A policia perseguio-o. Deitou-se á catinga. Assim pela “vendetta” matuta, os carrascos de nordeste se assemelham ao “maquis” da Corsega, á “macchia” italiana.

Moveu-lhe perseguição formidavel o sub-delegado Francisco Braz, homem mui valente e protector da familia Ramos. Antonio Silvino resolveu mata-lo. Planejava desta sorte pisar o segundo degráu do crime. Topou um dia, á beira de uma varzea triste, o delegado. Ambos vinham sós. Lutaram ferozmente. Foi um desses duellos sertanejos, travados á faca num recanto do mato, tendo por unicas testemunhas os gaviões sobranceiros, alcançados nos galhos secos das gamelleiras altas, luta medonha em que ao ruido do pugilato não se junta nem um gemido dos contendores, embora o vencido fique esfaqueado, caído sobre o panasco, abandonado no deserto da campina. Antonio Silvino matou-o nesse dia e durante algum tempo andou foragido por distantes sertões. Depois, tornou á querencia antiga, á malhada costumeira, ao Surrão, contraforte da serra do Fagundes, que domina a estrada de Campina a Itabayana, de onde, acompanhado pelo irmão Zeferino Baptista, Silvino Ayres, Pilão Deitado e os Gatos, saía

em correrias, saqueando os povoados da redondeza.

Por essa época, José Ramos, talvez com a cumplicidade das autoridades policiaes, fúgira da cadeia e se escondera na fazenda da Immaculada, perto do Teixeira, na Parahyba, acolhido benevolamente pelo celebre Delmiro Dantas, senhor feudal daquellas paragens.

Silvino Ayres convidou Manoel Baptista de Moraes para ir á villa do Teixeira, onde o mesmo desejava vingar-se dum inimigo. Os dois, com pequeno bando de asseclas destemidos, cercaram a casa do delegado do Teixeira, mas levantaram o cerco sem proveito, por saberem que os Dantas da Immaculada vinham com muita gente em sua perseguição. Retiraram-se para Pagehú de Flôres e lá ficaram residindo calmamente. Mas a policia não descontinuava de persegui-los, até que um dia prendeu Silvino Ayres. Foi, então, que Manoel Baptista de Moraes passou a chamar-se Antonio Silvino.

De acordo, os Governos de Pernambuco e Parahyba continuaram a perseguição ao cangaceiro, que já se celebrizava nas versalhadas dos tropeiros, sendo factor sem mesmo o saber de todo um cyclo de canções guerreiras, especie de canções de gestas, que correm os sertões, impressas ou na memoria do povo cren-

deiro. Duas vezes cercado, nesse tempo, em Matinha e Fagundes, pelo Capitão José Augusto, Silvino escapou do cerco, baleando a réles soldadesca de policia.

Em 1899, entrou no Estado de Pernambuco e foi sitiar a usina do major Santos Dias, na Escada, vindo de Canhotinho, onde o dr. Tavares de Mello dera aos cangaceiros o lugar de guardas municipaes ! Queria tomar uma mulher casada que fugira do marido, que a maltratava, para casa de seu pai, o usineiro. Nada conseguiu. Avisado em tempo, o major Dias ocultou bem a filha e resistiu á bala.

No combate pereceu uma innocente — a irmã da fugitiva, que uma bala perdida apanhou. Fôra o proprio marido que empreitára com Silvino o assalto.

Como se aproximavam socorros da usina, fugiu, sendo sitiado adeante, em Gravatá de Bezerros, pela sub-delegado João Gonçalves. Rompendo os duros e espinhentos carrascaes do sertão pernambucano, escapou com um braço baleado, refugiando-se na Parahyba, no sitio Catharina, do tio Ildefonso Ayres, e deixando no capinzal e nos folhiços, deitados para sempre, dois companheiros.

No mez de Abril de 1900, no engenho Cabças, o já falado capitão José Augusto cer-

cou-o com trinta e tantas praças bem armadas. Antonio Silvino e os seus resistiram e escaparam. O tiroteio durou seis horas. Entrando no engenho deserto, os soldados furiosos açoitaram uma sexagenaria, mãe do dono da casa, que não tinha a menor culpa e tremera toda a noite com medo dos tiros! Perseguido de perto, varados os matos onde se acolhia, perquiridas as casas dos seus amigos mais sinceros, palitadas as moitas á baioneta, o bandido teve de augmentar o bando vagabundo e feroz. Em Junho do mesmo anno, tinha nos entrincheiramentos do Surrão uns cincoenta homens audazes, entre os quaes os Gatos e os Guedes, e o celebre Joaquim Francisco da Serra Redonda. A policia parahybana andava-lhe no encalço e a de Pernambuco fechava-lhe as fronteiras da terra natal.

A's 8 horas do dia, os cangaceiros comiam o seu almoço de carne com pirão na casa de José Gato, nas cercanias do Surrão, quando foram assediados por 120 soldados das policias de Parahyba e Pernambuco, commandados pelo capitão Angelim e o alferes Paulino Pinto. Os bandidos largaram a colher de estanho e o prato, pegaram as clavinhas e meteram-se nas tocaias. Num curioso raconto do combaté, tempos depois, referindo-se á violencia do tiroteio, para caracterizar o es-

talido sêco das detonações das carabinas “Mauser”, um tropeiro na sua linguagem pinturesca disse que parecia um tabocal pegando fogo!

Silvino, baldo de munições, conseguiu romper o cerco e de fóra feriu mortalmente com certo tiro o alferes Paulino Pinto, da policia da Parahyba. Então, o desbarato dos cincoenta homens foi completo com a fuga do chefe audaz. A tropa pegou nove cangaceiros. E, para vingar o alferes quasi morto, o sargento José Lopes mandou sangra-los no pescoço. Um não deu um gemido: o bandido de máus bofes Antonio Francisco. Joaquim Francisco da Serra Redonda, com habil movimento, desviou a faca, na ocasião da sangria, ficando somente com a pelle da garganta cortada, fez-se de morto, foi recolhido pelos amigos e curou-se, vindo a morrer de variola tres annos mais tarde!

Nessa fuga, Antonio Silvino foi parar nos arredores de S. José do Egypto, onde matou, num encontro, o seu inimigo Sebastião Correia.

Desappareceu algum tempo.

Depois, surgiu no Rio Grande do Norte, onde o tenente Tolentino o cercou em Caicós, na fazenda Pedreiras. Foi forte a luta. Mor-

reram muitos soldados e alguns bandidos, entre os quaes um menino de 14 annos, assiduo companheiro de Silvino, de quem este dizia fôra o homem de mais coragem que já vira. Esse menino, celebre por sua pontaria, chamava-se Severino Vieira, e era um tarado hereditariamente. Seu pai fôra um valentão terrivel, que matava gente ás machadadas! Escapo do aperto de Pedreiras, Silvino escafedeu-se para o Ceará, onde repousou oculto alguns mezes.

Mais algum tempo e souberam-se as noticias dos crimes que praticára após sua volta do Ceará. No Ingá, assassinára um homem; em Pinhões, outro; em Figueira, o sub-delegado Francisco Antonio Cabral. Em Nazareth, pleno sertão pernambucano, fugira de outro cerco da policia. E a lista das mortes que continuava a praticar assombrosamente crescia: em Aroeiras matára Severino, habil rastejador e vaquejador, que servia de esculca á policia; em Mogeiro, tirára a vida de um ex-sargento, um tal Manoel da Paz.

1904 registou no mez de Outubro uma interessante façanha do cangaceiro. Antonio Silvino entrou na villa do Pilar, na Parahyba, fardado de capitão de policia, penetrou no quartel do destacamento, onde só estavam na occasião um soldado e o carcereiro, tomou-

lhes as chaves da cadeia e soltou os presos. Com o auxilio destes, prendeu todos os soldados do destacamento, inclusive o commandante. Depois, exigiu resgate do delegado de policia. Recebeu-o e poz-se no mundo. Saqueando a villa, abriu o cofre dum negociante, Pio Napoleão. Dentro havia cincoenta contos. Silvino disse: — “Si eu fôsse ladrão, levaria todo este dinheiro. Não sou. Preciso agora sómente de duzentos mil réis. Dê-m’os com suas proprias mãos”. O homem deu e elle saiu calmamente.

A mania deambulatoria, os desejos de luta e sangue, levaram-n’o até os Carirys Novos e até o Ceará, de onde, perseguido, regressou de novo a Pernambuco. Nessa torna-viagem, hospedado em uma casa, no Piancó, foi cercado por uma força. Não pôde resistir. Uma bala no inicio do tiroteio, quebrou-lhe nas mãos a coronha do “riffle”. Deu ás de villa Diogo.

Em 1905, a pedido de um amigo, surrou um sobrinho de José Gouveia, sertanejo rico e influente. Este enfureceu-se, tomando a desfeita como um escarneo á familia, celebre em muitas lutas, e ao seu barbaro poderio. Foi á capital da Parahyba e conseguiu do governo a sua nomeação de capitão volante de policia e uma força segura. Foi tambem

ao Recife e lá arranjou um forte destacamento, além de armas para os populares que se quizessem devotar á captura do terror dos sertões nortistas, os quaes ascenderam a vinte e se alcunharam “Azulões”.

Antonio Silvino, avisado de sua volta, ia espera-lo em uma bem feita tocaia perto de Caruarú. Mas, um acontecimento imprevisto salvou José Gouveia. Precisando munições, o bandido foi á feira animada do Trapiá. Deixou os apaniguados fóra da villa e penetrou no mercado sósinho. Dentro da feira, ao esmorecerem ruidos de pregões e o borborinho da multidão, um homem perguntou-lhe frente a frente si era Antonio Silvino. Respondeu, sobranceiro, que sim. O sujeito descarregou-lhe a garrucha á queima-roupa. Do alto de uma calçada, um negro mandou-lhe por tráz um tiro de “riffle”. Silvino, não atingido, sacou do punhal e varias vezes o enfiou no peito do agressor, o conhecido Antonio Nicasio, autoridade policial do Trapiá. O negro atirou-lhe á cabeça a coronha do “riffle” e correu amedrontado. O cangaceiro cambaleou coberto de sangue, mas não perdeu os sentidos. Nisto, atrahidos pelas detonações e a gritaria do povaréu, os cabras entraram pelo mercado, doidos de furor, aos herros. A feira foi varrida á bala. Toda a villa se fe-

chou medrosa. Ficaram no chão alguns cadáveres: Antonio Nicacio, apunhalado, um homem do povo com uma bala no peito, uma criança com os miolos vasando do craneo e um pobre cavallo magro, abatido, sob o peso dos cassuás cheios de gerimum, por um projectil nos intestinos.

Após ter morto em Campina da Parahyba o seu adversario Manoel Rodrigues Torres, a 26 de janeiro de 1906, no logar Tatús, Silvino deu combate ao capitão José Gouveia. Mais ou menos depois de uma hora de cerrado tiroteio em que morreram algumas praças e alguns sequazes, o chefe do cangaço poz-se no breo, illeso e mais sedento de sangueira do que nunca!

Dessa data em diante pegou-lhe o veso de atocaiar os pobres correios sertanejos, tomar-lhes as malas e queimar toda a correspondencia, isto, dizia elle, com receio de nella andarem denuncias dos seus pagos ou ordens do governo para sua perseguição ou captura. Não podia lêr a correspondencia, sendo analphabeto. Dahi não poder escolher a que lhe seria nociva. Queimava tudo. Apesar de analphabeto, por fanfarronice e armar ao efeito, afirmava ás populações matutas ser espirita e conversar na calada da noite com as almas

do outro mundo. A sua caterva dizia que elle andava sempre falando só.

E do constante escapulir ás mais tenazes perseguições, e das façanhas narradas nas trovas dos rudes menestreis, pelas noites de folgança, no terreiro das vendas, e das bravatas, dos crimes, das historias terriveis contadas á socapa, creou-se-lhe em torno uma aureola de lenda.

Durante algum tempo, foi o maior empecilho aos trabalhos de prolongamento da “Great Western Railway”, no sertão de Pernambuco, peor que pirambeiras a pique, desfiladeiros pedregosos, rampas abruptas, socalcos seculares de granitos e gneiss, alagados, varzeas apauladas. Inventou que certos terrenos que os trilhos da companhia atravessavam, no Mogeiro, eram propriedade sua.

Durante todo anno de 1906, perseguiu turmas e engenheiros, impediu trabalhos, cortou fios telegraphicos, pôz gente a resgate, obstruiu as linhas já construidas, fazendo parar trens e cobrando direitos de passagem aos aterrorisados passageiros. Por um senhor, Francisco de Sá, empreiteiro da construcção da via, mandou dizer aos *inguilezes* que aquella terra era sua e exigia pela travessia dos comboios por ella a indemnização de 30 contos de réis.

Reconhecendo a impotencia dos poderes estaduaes contra o selvatico *condottieri*, a companhia ingleza dirigiu reclamações ao governo federal. Partiram para a zona do Mogeiro mais de cem homens do exercito, do 27.º de infantaria e do 2.º da mesma arma, commandados pelo capitão Formel. Temendo a referida força, Silvino eclipsou-se.

Reappareceu dahi por diante, sempre de imprevisto, pelas povoações matutas, arrotando a empafia de *procurador do governo*, saqueando collectorias, mesas de rendas, agencias postaes, cobrando em Esperança, Caruarú, Soledade, Alagoinha, Alagôa Nova, Taquaratinga, Salgadinho e Barra de S. Miguel, impostos dos negociantes e criadores, arrecadando dizimos.

Em Alagôa Nova, surprehendendo o destacamento, tomou até o fardamento dos soldados, que distribuiu com a sua gente, chegando o seu desplante e o seu descaro a telegraphar ao governador do Estado, communicando tudo quanto fizera..

Em Serra Verde, perto de Umbuzeiro, matou dois soldados; na villa do Pilar, desarmou e prendeu o destacamento, soltando cinco presos, tomando de D. Ignez Napoleão alguns contos de réis; raspou os cofres da collectoria e da municipalidade! Tudo isto no espaço de

dois mezes, e a força federal nada fez para o impedir!

Em abril de 1906, saqueou Cabaceiras e Cachoeira de Caruarú, matando os irmãos Pedro e Antonio Ferreira, na povoação de Mandacaia.

Por essa epoca, perseguia-o á frente de cem praças do exercito o capitão Rego Barros, de quem fugia sempre, pois nunca teimou em resistir ás forças federaes. Na pôvoa de Queimados prendeu todas as autoridades, saqueou a fazenda de Demetrio Coutinho, e, dias depois, incendiava um comboio de fazendas no lugar Rio Grande, comboio esse do seu inimigo Lucas Donato.

Perseguido logo após pelo alferes José Caetano, por Casemiro Honório, homem rico e valente, aparentado ao Donato, mandou sua familia mudar-se de Afogados, onde residia, para evitar perseguições, e refugiou-se no Ceará, apesar de andar tentado a enfrentar os perseguidores, por quanto entre elles estava Desiderio Ramos, filho do assassino de seu pai, sobre o qual reza assim uma trova sertaneja

“Si não me mandarem logo
De presente ao cemiterio,
Ou Desiderio me mata,
Ou eu mato Desiderio.”

Retornando do Ceará, proseguiu sua vida de saques, surras e assassinios, fazendo sofrer vexames aos moradores da Muribeca, de Grossos, Gameleira, Ingá, Machados, Pinhões, São José dos Cordeiros, Lagôa do Remigio, Canafistula, Cebola, Malhadinha, Araçá, Pocinhos, Barra de Santa Rosa, S. Miguel de Traipú, Juá, Periquito, Taperoá e Bôa Vista.

Uma versalhada que corre mundo no interior, da autoria de Francisco das Chagas Baptista, cantador que não empana a verdade dos factos, que narra as menores minucias e que tem, no seu genero, grande propriedade e inspiração, sendo o Gerardo de Viena sertanejo, assim descreve os companheiros sanguinarios do bandido celebre:

O primeiro desses cabras
E' o compadre Tempestade,
A hyena não iguala
A sua ferocidade!

A bala do *rifle* delle
E' tão ferina e certa,
Que tem matado veados
Na mais activa carreira.
Seu punhal já tem varado
Miolo de aroeira!

Este cabra é carrancudo;
Nunca deu uma risada!
No dia em que está damnado
Uma panthéra assanhada
E' mais mansa do que elle
E muito menos malvada!...

Bebe fogo e não se queima
Pega corisco com a mão!!
Vidro ralado é p'ra elle
Um excellente pirão!
Mata qualquer innocente,
Sem raiva, sem precisão!

O segundo é um negro
Que acode por Serrote,
Este é uma onça na furna
E' uma oficina de morte!
Seu *rifle* não perde tiro,
Seu facão não falha o corte!

Este negro, estando calmo,
Não dá um só tiro errado;
Muitas vezes uma linha
Com um tiro elle tem cortado,
Já o vi fazer proezas
De que fico admirado!

No dia em que elle se zanga
Come pedra e não se enta!
Fuma polvora com pimenta!
Por bolacha come bala!...
Atira até na mãe delle
Si em sua frente encontra-la!

O terceiro é um mulato
Que acode por Moita Brava,
Este cabra é mais valente
Do que um touro na cava;
Muitas vezes o pai delle
Ao ve-lo se assombrava!

Este só se alimenta
Do que vê na sua frente,
Quando tem sede, por agua
Só bebe sangue de gente!
O seu tiro é mais certo
Do que o bote da serpente.

Para este não existe
Nem afago e nem carinho..
Diz que chumbo derretido
P'ra elle é melhor que vinho;
Mata cobra com os dentes
E dá murro em porco espinho!

O quarto é um cabôclo
Que acode por Violento,
Este quando está brigando
E' ligeiro como o vento
A carne do cururú
E' o seu unico alimento...

Este cabôclo é tão máu
E tem a cara tão feia,
Que o duro que olhar p'ra elle
Ou corre ou fracateia!
Já matou mais de cincoenta
Sómente de nó de peia!...

O quinto é um mestiço
Que acode por Gato Brabo;
Este cabra tem pegado
Muita onça pelo rabo;
E já tem dado de peia
Até no proprio diabo!

Este cabra quando briga
Faz coisas de admirar;
Dá saltos de oitenta braças
Não deixa bala o pegar!
Cem tiros em um minuto
Está cansado de dar!

O sexto é um cabra fulo,
Que acode por Azulão;
Este, pegando um soldado
Arranca-lhe o coração,
Assa-o na ponta do dedo
P'ra comel-o com pirão !

Este cabra Azulão
E' tão perverso e valente
Que só dá uma risada
Quando mata um innocente,
Come cabeça de cobra
E bebe sangue de gente!

Curioso especimen do cancionero epico do sertão!

A perseguição ao bandido formidavel não lhe dava treguas tambem.

Soldados commetiam a pretexto della tanta barbaridade quanto os bandidos, fusilando pobres vaqueiros, açoitando gente pacifica, ao menor pretexto, matando as mulheres que não acceitavam para amantes os commandantes de patrulha ! Antonio Silvino começou a evitar as lutas: ou fugia ou se emboscava. Uma feita, em Pedra Lavrada, num apertado de serra, tocaiou o destacamento do afferes Joaquim Henrique e o desbaratou. O pobre official, baleado, escapou com vida, mais fi-

cou aleijado para toda ella ! Contam que num cerco que lhe puzeram soldados de policia, um tal alferes Mauricio até lhe atirará uma bomba de dinamite, a qual não explodiu.

Escusado é dizer que todos esses factos, augmentados pela versão popular, mais glorificavam o salteador e mais o aureolavam de incontestavel prestigio.

Esse alferes morreu numa pugna com os cangaceiros, heroicamente. Tanto odio lhe votava o Silvino, que esmigalhou com uma pedra a cabeça do cadaver e ordenou aos sequazes que enterrassem as facas de arrasto no pobre corpo do valente official ! E chegou a ousadia do quadrilheiro ao ponto de, por vezes, mandar avisar a policia do lugar onde estava...

Antonio Silvino não montava a cavallo. Andava systematicamente a pé, fazendo 18 leguas em 24 horas. Incapaz de faltar ao respeito a uma mulher, pois tinha o culto pundo-noroso da honra das familias, não acceitava pousada, preferindo dormir ao relento. E' seu este brocardo: — “Ainda não nasceu homem em que eu confiasse”. Atirava com pontaria certeirissima, cortando fios do telegrapho com um tiro, metendo uma palanqueta no gargalo duma garrafa e oito balas seguidas num alvo só !

Tinha dois fracos, duas manias pelas quaes era capaz de sacrificar tudo: brilhantes e perfumarias. Untava os cabellos com brilhantina cheirosa, borrifava-se de extractos, molhava-se em patchuli, lavava-se com agua de Colonia. Os dedos eram encaroçados de brilhantes cravados em grossos anneis de oiro. Calculava-se arrecadar de 6 a 8 contos, mensalmente. Gastava tudo. Distribuia a maior parte do botim com a pobreza. Dahi grande popularidade entre as classes infimas do sertão. Passava dinheiro falso a rodo. Nunca se pôde saber onde o ia buscar. Sempre pareceu que fosse associado a negociantes ricos das regiões onde perambulava.

As suas armas eram um *rifle* Winchester, de quatorze tiros, um punhal enterçado de prata, com doze pollegadas de comprimento, uma pistola Browing e cartucheiras duplas, bem atestadas sempre. Outr'ora, aceitava pagamentos para matar gente. Depois, começou a recusar as propostas nesse sentido.

Apazer de tudo, de sua propria popularidade entre a massa geral da população, para o sertão agreste Antonio Silvino era um pesadelo. Quando se acoutava em qualquer parte, desaparecia por algum tempo, o sertão respirava desafogado. Então, surgiam as canções que o celebrizaram. Logo, voltava a sa-

quear, rapinar e matar. Até o estro dos trovistas se apagava, se ocultava com temor. Nas lendas em verso, aparece com bravatas terríveis a Roldão e a Ferrabraz de Alexandria, trombeteantes como o oliphante de Roncesvalles. E ao derredor dessa celebridade sertaneja, desse magno expoente do crime, dessa potencia do mais completo e caracterizado banditismo, foi se adensando um halo de mysterio e de lenda. A figura mestra do bandoleiro dominava o scenario e em torno o tropeiro bordava, com o heroico fanfarrear das bravatas, o commentario ironico á matutice das autoridades bisonhas ou corruptas, ou mesmo criticas mais fortes, mais mordazes e mais ferinas.

Em uma longa poesia sertaneja aparece um padre a conversar com Antonio Silvino, prégando-lhe o arrependimento dos crimes praticados, procurando engana-lo para reaver dinheiros alheios. O povo, no seu bom senso de quem muito sofre e bem pouco frue, tem sempre a se traduzir em tudo, um ar de enfado, de troça, de ironia e de birra, que Fialho de Almeida muito bem pintou nos *Gatos*. Antonio Silvino, apesar de chefe temido de sicarios, serve, vezes muitas, ao cantor popular de conducto por onde se despeja a bile acumulada nas injustiças sofridas,

nas pretensões abortadas e nas invejas pequeninas.

Em outubro de 1912, o chefe politico de S. Miguel do Jucurutú, no Rio Grande do Norte, e o Juiz de Direito de Acary, para fins eleitoraes, tiveram longa conferencia com Antonio Silvino, tomando cerveja de parceria. Desta sorte, como não proliferar no Norte o banditismo?

Em Caicós, no mesmo Estado, uma feita Antonio Silvino fez uma conferencia, á qual compareceu toda a população e nella o famanaz prérgou ideias eleitoraes, recommendou candidaturas e assentou cobranças de dizimos para si e para a sua horda. Em Conceição do Azevedo, o mandão local recebeu-o um dia com musica e foguetes. O promotor de Serra Negra arranjou um bilhar para jogar com elle. Dahi se vê bem como autoridades e chefes locaes protegem cangaceiros, que vivem de pilhar o commercio e os cofres das collectorias, auxiliando talvez os collectores a encobrir desfalques.

Eis um bello episodio do sentimento cavallheiroso que o sertanejo herdou do bandeirante juntamente com a ferocidade do tapuia, para, no decorrer de dois seculos e meio, não perder nem um nem outro, antes os possuir em mais refinada dose:

Alfredo Chianca, valente fazendeiro, sósi-nho, dentro de casa, resistiu a Antonio Silvino e seu bando. Disparou mais de vinte tiros pelas frestas abertas nas taipas das paredes. Terminada a munição, esperou-o á faca. Antonio Silvino arrombou a porta e penetrou na habitação. Dirigiu-se a Chianca e estendeu-lhe a mão. O outro deixou cair a page-hú. Abraçaram-se diante da matúla sangui-sedenta e admirada do impulso generoso do chefe, que murmurou commovido: — “Tu és um homem!” Dahi por diante ficaram amigos.

Em 1907, Silvino depredou em Caruarú o sitio do coronel Manoel Emygdio, sub-prefeito municipal, que estava ausente, matando cavallos e bois a tiros, incendiando os depositos de algodão, quebrando as mobílias. Foi a Salga-dinho e Barra de S. Miguel arrecadar impostos, surrando os fiscaes da administração e deixando o destacamento policial em ceroulas. Mais uma vez penetrou na villa do Pilar, soltando os presos e pondo a população a resgate. Entre o producto do saque, havia uma barrica de nicéis. Mandou derama-la no meio da rua, para os pobres.

Mais ou menos duzentas praças do exercito guardavam uma região relativamente pequena e os bandidos esgueiravam-se por entre

as patrulhas, rompiam os matos e serrotas, surgindo aqui e alli, quando menos esperados! Em Cabaceiras, um fazendeiro dava-lhe seis contos, para salvar a vida. Em Bodocongó, atacava de surpresa um pelotão guiado por José de Coito, seu inimigo fidagal, cangaceiro que desertára para a policia como os policias desertavam ás vezes para os cangaceiros. Na feira de Queimados, ao pé do boqueirão do Bodopitá, o sub-delegado Muniz era humilhado e um negociante roubado em quinhentos mil réis!

Vem o anno de 1908 e o chefe de policia de Pernambuco arma um plano contra a cangaceiragem. Faz capitão de policia o sertanejo Zacarias Neves, que recruta a sua tropa entre os valentões do Pagehú de Flôres. Zacarias encontra Silvino na fazenda Arára. Lutam. Uma bala corta a correia da cartucheira que o cangaceiro trazia a tiracollo. Mas elle foge sem um arranhão. Em junho, ataca a fazenda Muribéca, do coronel Campos, no municipio de Campina Grande. Em julho, nos Grossos, concede uma entrevista ao representante do "Diario de Pernambuco"! Dias depois, toma Cachoeira e saqueia Natuba. Finda o anno com novos saques e depredações. Duma argucia terrivel nos ardis, fazia com facilidade os perseguidores perde-

rem-lhe a pista. Depois de escapulir seis dias seguidos á perseguição de José de Coito, Zaccarias e dos “Azulões”, desnor-teou-os velhacamente. Passando numa casa, disse ao morador: “Quando aqui chegar o José de Coito, conte-lhe que vou a Cabaças, na Parahyba, dar uma tunda no pai delle.. Si quer salvar o velho, ande depressa!” Recebendo tal recado, José de Coito abandona o piso de Silvino e corre pressuroso para a fazenda do pai. O bandoleiro dirige-se á serra das Espinháras, onde se acolhe sem ser molestado.

Houve a tentativa sem resultado do padre José Paulino junto delle, para que deixasse o cangaço, e junto do governo para perdoá-lo, afim de que não continuasse a ser perseguido e cessasse o sanguentado vagabunedar. Depois disso, os seus sentimentos crueis augmentaram: cuidava na sua ignorancia pre-tenciosa que o governo o trahira rejeitando seus propositos de regeneração; espancou homens e mulheres e fusilou criaturas inermes. Sumiu-se algum tempo, até que surgiu na Esperança em procura do padre Almeida, para que este fôsse arranjar com o governo o seu indulto. Queria descansar. Nada obteve. En-colerizou-se com tantas recusas. Multiplicou saques, roubos e homicídios.

Os annos fôram-se passando e enchia de terror os sertões; hoje cortava os fios do telegrapho, amanhã impedia a passagem dum trem; depois, cobrava os impostos aqui e alli! Tiroteiava com os destacamentos de Joaquim Henrique e João Facundo, destruia o engenho de Manoel Bello, no valor de cem contos de réis, queimava os cadaveres de suas victimas com a madeira dos moveis espatifados, dava surras, com correntes de armar rêde, em pobres senhoras, vendia individuos que se não podiam resgatar aos seus inimigos, até que veio fortificar com o seu prestigio o alevante de cangaceiros da Parahyba, feito com fins politicos por Franklin Dantas e Santa Cruz. Percorreu, então, o centro do Rio Grande do Norte e da Parahyba, saqueando desassombadamente sitios, mercados e fazendas.

Realiza-se em 1912 o acordo entre os governos cearense, riograndense, parahybano e pernambucano, para dar caça aos criminosos. Esse pacto foi assignado no Recife, em dezembro de 1912, por Henrique Castriçiano, delegado do governo de Natal, José Getulio da Frota Pessoa, do de Fortaleza, J. Rodrigues de Carvalho, do de Parahyba, e Estevam de Lacerda, do de Recife. Foram escassos os resultados do apregoado accordo. A perseguição aos bandidos encontrava a empece-la as forças derivadas do meio po-

litico e social, do qual se propunha extirpar o banditismo, producto da sua ethnographia, da sua ignorancia, das suas tendencias historicas, da sua falta de educação e de progresso. Seria preciso fomentar estes ultimos e combater aquelles, para conseguir melhoras apreciaveis, que a prisão de meia duzia de facinorosos não produzem. A fabrica desses individuos é poderosa. A destruição de alguns dos seus productos nada adeanta. Adeantaria a destruição della ou a sua modificação, afim de dar typos outros que não cangaceiros. O governo Franco Rabello, um dos que mais apregoaram a excellencia do convenio, emquanto prendia nos burgos sertanejos uma dezena de bandidos, assoprava os fogachos da desordem na capital do Estado; metia nas cadeias do interior alguns saqueadores e incendiarios de fazendas e pôvoas nos confins do sertão, mas consentia que hordas de vagabundos e desordeiros saqueassem e incendiassem fabricas e palacetes nas ruas duma capital maritima!

Antonio Silvino encolheu-se a esperar os resultados do tratado interestadual. Vendo que nada valiam, mais audacioso se tornou. Mandou buscar dois contos de réis na fazenda de Christiano Lauritzen, que estava guarne-cida por cem soldados! Entre tropas, desta-

camentos, pelotões e patrulhas, passava e repassava sorrateiro e mysterioso como um fantasma. Expulsava seus desafectos das moradas, banindo-os para outras ribeiras. De Coité telephonou para as autoridades policiaes de Guarabira, fazendo caçadas. Duma estação ferroviaria passava ao governador do Estado da Parahyba este telegramma, obrigando os telegraphistas á manipulação, de punhal em punho:

“Dr. Castro Pinto, governador bandido. Não precisava reunir quatro Estados para perseguir-me, pois garanto-lhe não saio de dois, fazendo perseguição ao seu governo. Doutor Massa ⁽¹⁰⁸⁾, toda perseguição que me fizer eu me vingo em sua familia. Doutor José Rodrigues ⁽¹⁰⁹⁾, pise milho, cesse *massa* e dê a esse *pinto* para comer, que o mal d'elle é fome (assignado) *Antonio Silvino de Moraes* ⁽¹¹⁰⁾.”

O capitão Augusto de Lima e o alferes Irineu Rangel perseguiram-n'o tenazmente. Escapulia-se dos cercos e tiroteios como uma enguia por entre os dedos do pescador. Em Araruna, o povo, chefiado pelo padre José Paulino, prende dois de seus cabras, Relampago e Co-

⁽¹⁰⁸⁾ Chefe de Policia.

⁽¹⁰⁹⁾ de Carvalho, secretario do governo.

⁽¹¹⁰⁾ “Pacotilha” — 30-1-1913.

bra Verde, que exigiam dinheiro numa casa commercial. Levados para a capital, por falta de testemunhas e de processo, não se lhes pôde achar grandes crimes. Foram remetidos para o interior e entregues ao commandante da força policial perseguidora de Antonio Silvino, que os fusilou numa clara madrugada á beira de deserto caminho! Nove dias depois dessa execução summaria, o capitão Augusto de Lima era morto pelo cangaço Manoel Sobral, que lhe pusera tocaia.

Silvino visitára a sepultura dos dois companheiros fusilados e dizem que nella batera com a coronha do *rifle*, garantindo que os vingaria. Não pôde cumprir a palavra, porque Sobral se antecipára, talvez a mandado dos Dantas, seus protectores, que o capitão perseguira.

Sobre esses fusilamentos houve discussões na imprensa parahybana. A "Imprensa" atacou o governo. A "União" defendeu-o. Aliñhando estes factos, não nos podemos esquivar aos commentarios. Embora sejam taes execuções contra as leis que nos regem e contra as leis da humanidade na frase piegas dos homens sem inclinações praticas e que se deixam levar mais pelos dogmas das philosophias do que pelos ensinamentos verdadeiros dos acontecimentos, não trepidamos

em afirmar que são actos necessarios e justos, unicos applicaveis contra o bandoleiro aprisionado que o meio e as suas proprias táras não permitem regenerar nem manter fóra do convívio social.

O sertão parahybano, como todas as regiões depois de grandes lutas, estava entregue á anarchia. Bandos de “Sobraes”, “Inos” e “Jaçanãs” o percorriam em continuas tropelias. Davam-lhes caça grupos tão ferozes quanto elles: *cachimbos* improvisados na escoria das villas, “macacos” ou policiaes barbaros, “Azulões” e “Neves”. No meio desse mar revolto de perseguições e rixas, Antonio Silvino passava com elegante desassombro.

1914 viu-o tirotear com os soldados de Joaquim Henriques, ao pé de Cachoeira de Cebolas, de onde passou para o Rio Grande do Norte, demorando lá o anno inteiro. Da Baroneza de Serra Branca leva quinhentos mil réis e do juiz de direito desse lugar um conto e quinhentos. Prosegue as visitas e saques. Era o Judeu Errante do cangaço.

Nesse mesmo anno, a 28 de novembro, numa tarde serena, Silvino e quatro ou cinco companheiros jogavam, debaixo dum joazeiro, dentro de um cercado, na Lagôa do Lage. O alferes Theophanes Torres, da policia per-

nambucana, que o procurava, teve noticias do seu paradeiro. Saiu-lhe ao encalço com oito soldados. Avistou o bando dentro das cercas. Aproximouse cautelosamente e mandou fazer fogo. Os bandidos ganharam umas abas de serrotas de onde responderam aos tiros. Silvino ficou atirando de frente, no lugar onde estava. Uma bala extraviada dos que faziam fogo das serrotas feriu-o pelas costas, atravessando-lhe o tronco. Outro cangaceiro tombou tambem baleado. E os soldados, depois de baterem o matagal, recuaram ⁽¹¹¹⁾. Joaquim Moura, o ferido, suicidou-se com um tiro no ouvido, para não cair vivo ás mãos dos "macacos". Antonio Silvino arrastou-se até uma casa proxima, a de Manoel Mendes, e mandou propor ao commandante da tropa sua rendição. Este, temendo uma emboscada, demorou tres dias para ir á tal casa, o que fez pondo á frente dos soldados o mensageiro, que, em caso de traição, seria fusilado. Assim, foi preso o maior cangaceiro do Nordeste.

Depois de preso, transportaram-n'o para a cadeia de Taquaretinga, de onde o conduzi-

(111) "Jornal Pequeno", Recife. 1-12-1914. Declarações do alferes Theophanes.

ram ao Recife. O “Jornal Pequeno” conta desta sorte a sua partida daquella prisão:

“Seriam nove e quarenta e cinco da manhã, quando o alferes Theophanes Torres, com a sua força, composta do sargento José Alvim Correia Queiroz e soldados Pedro da Silva Sobral, Antonio Marques da Silva, Antonio Tavares dos Santos, Fenelon Gomes da Silva, João Farias, Ernesto Nazario de Lucena e Manoel Correia de Amorim, todos trajando uniforme de brim azul fluminense mesclado, de cartucheira á cinta e *rifle* ao lado, partiu de Taquaretinga, em cuja cadeia se encontrava recolhido o bandido. Este, montado em uma burra, cercado pelos policiaes referidos, que lhe dispensaram todo o cuidado, sob a vigilancia do alferes Theophanes Torres, veio a caminho de Caruarú.

No trajecto, já quando alcançavam o lugarejo Torres, houve o encontro do dr. Mauricio Wanderley e sua comitiva, que haviam partido da cidade de Caruarú ás 2 horas da manhã.

O encontro da força conductora do bandido com o dr. chefe de policia foi inesperado.

Silvino, de olhos baixos, foi enfrentado pelo chefe da segurança publica.

Naquelle logar, o dr. Mauricio Wanderley hospedou-se em casa do sr. João Tatoga, enquanto Antonio Silvino era levado para a casa do sr. José Gervasio, ex-autoridade policial e uma das suas victimas.

Foi ahi que o dr. Frederico Curio procedeu aos necessarios curativos, oferecendo ao ferido tecto o conforto e cuidado de que o mesmo necessitava.

Feitos os curativos, passou o bandido a ser photographado em diferentes posições pelo habil photographo sr. Horacio Alves.

Antonio Silvino, cada vez que passava pela machina photographica, mostrava-se revoltado, dirigindo insultos e palavras asperas ao sr. Alves.

Após tudo isto feito e em vista da urgente necessidade da vinda do celebre criminoso para o Recife, foi ordenado o seu transporte para Caruarú e dahi para a capital.”

Ainda uma transcripção do mesmo jornal ⁽¹¹²⁾:

“A VINDA DE ANTONIO SILVINO PARA O RECIFE.

O comboio que trouxe o facinora moveu-se de Caruarú ás 2 e 55 da madrugada. Da

⁽¹¹²⁾ 1-12-1914.

sala de 2ª classe da estação, onde se achava, para o trem, fez elle o percurso a pé, com dois soldados sustendo-o.

A massa popular era, mesmo áquella hora, enorme. A estação e proximidades estavam apinhadas. Mais de mil pessoas se aglomeravam.

No wagon de primeira classe tomaram assento o dr. Mauricio Wanderley, dr. Frederico Curio, major Santiago Ramos, o alferes Theophanes Torres, sua força, os soldados idos do Recife, o enfermeiro do Necroterio, João Santos, e os representantes dos jornaes: Armando Boudoux, do "Diario de Pernambuco"; Leovigildo Junior e Alberto Silveira, do "Jornal do Recife"; Oscar Mello, da "Provincia"; Francisco Pinheiro, do "Correio do Norte", e o nosso companheiro Guilherme de Araujo.

O trem veio expresso, apenas diminuindo a marcha ao passar em algumas estações, para receber a licença e proseguir a viagem.

Em todas ellas, o ajuntamento era inacreditavel. Alta madrugada e as estações apinhavam-se de curiosos para ter, mesmo na celeridade do comboio, a visão do facinora.

O expresso deu entrada em Cinco Pontas ás 7,20 da manhã.

Uma avultadissima massa popular juntava-se na estação. O transito quasi não se fazia,

não obstante a força para conter o povo, alli postada.

Estavam lá os drs. Enéas de Lucena e José Vieira, que dirigiam uma força de infantaria embalada.

Silvino saltou pelos braços de tres soldados, carregado, sendo depois collocado na maca da *Assistencia*, trazida por dois enfermeiros até á plataforma.

Nella, cercado dos mesmos soldados, ainda do dr. Curio e dos medicos da *Assistencia*, drs. Alfredo Costa, Fausto Pinheiro e Abelardo Baltar, foi conduzido para a ambulancia, onde tomaram assento tres facultativos, os dois enfermeiros e o reporter do *Correio do Norte*.

O povo movimentou-se aos empurrões, ás pisadelas, n'uma confusão doida, acompanhando Silvino até o automovel.

Este moveu-se, a principio fingindo não ir logo para a Detenção, pela rua da Victoria e Concordia, indo até á praça desse nome, para depois rumar para a cadeia. Entretanto, o povo, que percebeu o que queria fazer a *Assistencia*, tomou as immedições da Detenção e poz-se a esperar.

Realmente, da praça da Concordia dirigiu-se o auto para a cadeia. A massá afluio para

a entrada, mas foi impedida, pela policia, de se aproximar.

Na mesma maca em que saltara do trem foi conduzido até á enfermaria, onde se acha agora.”

Na impossibilidade de explicar por meios naturaes as vantagens de Antonio Silvino na sua luta de 18 annos, o povo, predisposto a acreditar em mysterios e a procura-los para delles originar o que lhe parece inexplicavel, rodeava-o de lendas. Afirmava que tinha sonhos que o avisavam dos perigos; que se transformava em cabra, carneiro, touro e outros animaes; que se tornava invisivel ou era invulneravel ás balas e armas brancas; que era blindado por orações fortes, defendido por elevados protectores e havia até quem jurasse que não existia e não passava dum mytho, sendo os seus crimes praticados por muitos que se acobertavam com o pseudonymo celebre. Antonio Silvino, para esses, não era mais que um Putois do sertão.

Elle proprio, mui de industria, apregoava ter a presciencia das coisas e dizia-se espirita. O maior cangaceiro argentino era como o maior cangaceiro do centro-norte do Brasil: fazia-se impenetravel e, valendo-se da sagacidade natural e capacidade de observação fóra do commum, fingia uma presciencia dos acon-

tecimentos, que lhe dava prestigio e reputação entre a gente vulgar ⁽¹¹³⁾. Nesse ponto, Antonio Silvino se iguala a Facundo Quiroga, mesmo porque, embora pese isto aos que se agarram a niquices para apregoar horror ao banditismo, ambos fôram talvez dois heróis que o meio fez abortarem em bandidos. Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa, padre sertanejo do Ceará, turbulento e acangaceirado, também se dizia presciente. Contam que uma noite acordára os companheiros que dormiam junto a uma velha parede numa fazenda. Mal todos se levantaram, a parede caiu. Conversando em casa dum amigo, em pleno sertão, parou subitamente, dizendo que ia embora, porque não tardava alli um alferes que o perseguia. Mal acabava de ocultar-se numa dependencia afastada da mansão, a fazenda era cercada pela tropa. Ao meio duma missa, abandonou paramentos e latinorios, passou para a sacristia e fugiu. Instantes após, um destacamento sitiava a igreja ⁽¹¹⁴⁾. Antonio Silvino, pondo em jogo os seus dotes sagazes de matuto, de vista arguta como aquelle Olho de Falcão de Cooper, de pituitaria mais sen-

⁽¹¹³⁾ Sarmiento — “Facundo”.

⁽¹¹⁴⁾ J. Brigido — “O Ceará”.

sível que um cão de raça, rastreador mais esperto que um “gaucho-malo”, apregoava tudo adivinhar. Narram delle aneddotas interessantes. Numa fazenda, levantou-se no meio de jovial palestra, fez um signal aos cabras e ganhou o mato. Cinco minutos mais e a policia batia alli. Jogando cartas, um dia, na maior animação da partida ergueu-se, dizendo: “Os macacos” não me deixam acabar o jogo!” Pulou por uma janella e correu agachado até um macambiral. Mal se encobrira, os soldados chegavam. Na casa dum amigo, ia comer um Perú. Demorando o jantar, reclamou que o fizessem depressa, porque talvez pouco tempo tivesse para come-lo. Com effeito, ao sentar-se á mesa, fungou repetidas vezes. Estava sentindo cheiro de “mata-cachorros”. Num ápice, fugia. A tropa que chegava ainda encontrou o Perú sobre a mesa e jantou-o com alegria.

Fazia versos, algumas vezes cantava coplas de desafio e a sua alma barbara e cada dia mais barbarizada, gostava da musica. Indo saquear uma fazenda, pediu á filha do proprietario que tocasse piano e ouviu-a atentamente. Na festa da Conceição, no Sapé, distribuiu muito dinheiro aos musicos, afim de que o alegrassem, tocando.

Entrevistado pelo correspondente do “Estado de São Paulo”, Antonio Silvino fez de-

clarações interessantes, das quaes destacamos esta:

— “Quem fazia a sua barba?”

— Eu mesmo. A’s vezes, mandava chamar um barbeiro de confiança. Sentava-me com o punhal e o riffle no collo, e mandava os meus companheiros apontarem os riffles para o barbeiro. Ordenava então que trabalhasse, prevenindo-o de que, si me dêsse um talho, seria fusilado pelos meus companheiros, e eu enterrava-lhe o punhal no coração.”

Parece até que o quadrilheiro sertanejo tivera noticia daquelle bandido italiano, Parella, cuja cabeça foi posta a preço depois de demorada luta. Um dia, o commandante dos dragões que o procuravam é despertado por um homem que trazia num sacco algo de pesado. O official perguntou-lhe o que desejava. Vinha receber o preço da cabeça do salteador. Trocou-se este dialogo:

— “Onde está a cabeça?”

— “Aqui”. E o homem, abrindo o sacco, puxou pelos cabellos a cabeça decepada.

— “Como conseguiste mata-lo?”

— “Eu era o seu barbeiro, capitão.”

A pormenorizada relação de tão aventureosa vida é sufficiente para se tirarem as necessarias conclusões sobre a psychologia desse

criminoso. Nunca o vimos e valemo-nos da descripção daquelles que o conheceram pessoalmente, para tentarmos chegar a um resultado. Essas opiniões divergem profundamente. Uma noticia do Recife, publicada pelo "O Norte", da Parahyba, de 3 de dezembro de 1914, resava: "Um abalizado scientista medico define os caracteristicos criminaes de Antonio Silvino, dizendo que não tem estigmas apparentes de criminoso nato, nem prognathismo, nem asymetria facial, nem estrabismo conforme a escola positiva do processo de regressão atávica. O seu aspecto é o aspecto commum do sertanejo." "O Jornal Pequeno" descreve-o assim:

"Precisamos-lhe bem os traços physionomicos, a estatura, o corpo. Um romano chamallo-ia um *vir fortissimus*. A sua compleição physica é formidavel, pela robustez que apresenta. A altura, normal, mas os musculos têm a rijeza de um athleta, distendem-se com a agilidade de um homem, que, como elle, levava uma vida campeadora, em contacto permanente com a natureza. Os dissabores, os tormentos da existencia nomade, de andarilho que ha vinte annos não repousa num lar, desconhece as doçuras de um leiteo, porque a sua rede era a floresta, a catinga, o ar livre, a pedra algida da fuma, o galho vetusto da ar-

vore, não se lhe gravaram no organismo, tre-
nado pelo exercício incessante das marchas e
caminhadas, a que era obrigado. Todavia na
mascara da face, nas rugas precoces, que a
sulcam, sobretudo na testa vincada, estão vi-
vamente os signaes do cansaço, da fadiga, que
começavam a quebrantar o animo de Silvino.
De sorte que se lhe notam, com a poderosa en-
fibratura do bello temperamento, cheio de vi-
gor e de exuberancia, os traços com que o
tempo marca inflexivelmente aquelles que
afrontam as suas intemperies, ao léo da vida,
e á sua acção dissolvente, expostos como elle
vivía de inverno a verão, pelos campos e pelas
estradas, sem abrigo certo nem socego n'alma.

As orelhas, curtas e pequenas; e o nariz, re-
cto e acentuado. Os olhos vivos e redondos
têm uma extranha mobilidade e parecem ha-
bituados ás longas vigílias que não extenuam
nem prostram o corpo forte. O bigode negro
e basto, cái sobre a boca, que elle trazia con-
traída numa expressão de despreso, de quem
não perdeu ainda o habito de commando e a
superioridade de chefe, que ordena para ser
obedecido. Raramente falou na viagem. Quan-
do pronunciava duas ou tres palavras, era de-
pois de muito puxado e provocado. Por via
de regra os labios nunca se lhe descerraram.
Preso, continúa taciturno *quand même*. Da

tez morena da face e do mento curto e voluntario, emerge-lhe a barba luzidia e espessa. Silvino escanhoava-se constantemente, mas de certo tempo a esta parte, ou porque não encontrasse barbeiro, ou porque não tivesse confiança nos da redondeza por onde andava, o certo é que a sua barba estava assás crescida, dando-lhe um ar de rusticidade solitaria. O pescoço é pequeno e o cabello da cabeça aprumada tem o negror dos fios da barba. E' estimado e bom, transparecendo nelle a bôa origem da familia de Silvino.

No conjuncto, o bandido não deixa aos que o olham, de espirito desprevenido, esquecendo por um momento o catalogo dos seus crimes, uma impressão de antipathia. Pelo contrario: o rosto oval, a energia varonil, a cabelleira revolta, o traço que elle procura accentuar bem, de indiferença pelos que o olham, tentando falar-lhe, envolvem-no de uma atmosphera sympathica que só a lembrança das suas ferocidades enturva e faz apagar."

O talentoso jornalista Carlos Dias Fernandes, em duas brilhantes columnas do "Jornal de Recife", faz delle este retrato:

"A minha entrevista com Antonio Silvino foi antes uma vastissima decepção. O lendario facinora de tantas proezas sanguinarias

e que zombou por tão dilatados annos das diligencias heroicas e obstinadas do poder publico, o duente sinistro dos ermos sertanejos, o ladrão rural, o pseudo amigo dos pobres, o capataz aguerrido das selvas, não passa de um criminoso vulgar, sem esses arrebatamentos de sentimentalismo e nobreza que assignalam as figuras classicas de Ciccio Cappuccio, Totono o Papavallo e muitos outros referidos na *Camorra*, de Frederico Russo e Emilio Serra.

Vestia calça e camisa communs e tinha os pés de andarilho emerito, habituados á nudez e ao contacto dos fragosos caminhos, a estourar de inchação ociosa nuns garridos sapatos de charlotte, que traem a inferioridade das suas predilecções estheticas.

Dei-lhe um tratamento de camaradagem para lhe soltar as perrices da lingua, de desconfiado retractil, que se tornou assustadiço como um bicho do mato, depois de vinte annos de exilio social e esperta vigilancia para escapar ás batidas dos emissarios da lei. Narrou-nos com a sua expressão bronca e relapsa, muito abaixo do nivel matuto, as peripecias já conhecidas da sua prisão: o tiro na região toraxica interessando o pulmão direito; o breve caminhar entre o José e o “Espalhado”, compares fieis, que o ampararam

naquella hora aziaga do desbarato; o asylo num casal afastado, onde lhe mataram a sêde symptomatica dos ferimentos; a invocação ao prefeito do logar; a chegada da policia, a prisão.

Tudo dizia sem presteza verbal, arrastando as palavras numa como inibição psychica, de quem viveu por longo tempo silencioso, exercitando acuradamente os sentidos para as ocasiões iterativas de ataque insidioso, de ocultação prudente e defesa compulsoria. A voz de um timbre fanhoso escorria-lhe monotona nos grossos beiços, sombreados de cerdosos bigodes, que totalmente lhe encobrem a falta dos incisivos superiores, um dos caracteristicos de debilidade mental. A face mal conformada, de zigomas salientes, com um leve desvio nasal para a direita, muito curta entre a boca e as arcadas orbitaes, d'olhos pequenos muito afastados, morosos, com um leve estrabismo convergente, parece apertarse entre as orelhas leporinas, chanfradas para a frente, a abundancia dos cabellos occipitales e a fronte estreita e lisa, que denunciavam um cerebro apenas movido pelos actos da vida de relação. Nem uma só ruga vertical, horizontal, sinuosa ou obliqua se cava naquella pobre testa de monstro regressivo, cuja ferocidade é natural e instinctiva como a das bestas selva-

gens. Antonio Silvino é um covarde e um analgesico, de mãos femininas e molles, com dedos frageis, desviados obliquamente e para fóra, acusando-lhe, talvez, as inclinações rapaces de manhoso e desfaçado ladrão. Mal conformado e membrudo como um orango, afunda-se-lhe o torax entre os sungados hombros, de onde se dependuram, inexpressivamente, os compridos braços molles, que se nunca enrijaram nas fainas nobres do trabalho.

Ha no conjuncto da sua mascara antipathica certa expressão avelhantada, que resulta da desharmonia physionomica dos órgãos respectivos.

Já se vê que num homem dessa tempera as emoções são ainda quasi rudimentares, confundindo-se com os actos reflexos das excitações exteriores.

Silvino é um preguiçoso indolente, que o temor do trabalho arregimentou nas fileiras do crime, evocando para se inoçentar a vindicta da morte paterna, indifferente por certo a um filho de taes entranhas, que, nos albores fogueiros da juventude, escapa aos influxos salutaes do laborioso meio rural e faz-se bandido com a mais irritante naturalidade.

Alma espessa, pela ignorancia e grosseria de instinctos, esse criminoso vulgar nem é ao

menos religioso, mas limita as preocupações metaphysicas do seu espirito ás banalidades da superstição e do sonho. Assim é que nas vespersas das suas façanhas se dispunha para dormir e sonhar, dependendo das visões introspectivas de bom ou de mau augurio a execução projectada. E não sómente elle, mas o bandoleiro “Cocada”, seu amigo e inspirador, apellava para os conselhos do sonho.

.....

Como complemento desses caracteristicos de baixa inferioridade, Antonio Silvino é um reles glutão. A sua larga bôca, que secunda solidariamente a immobildade da face e da fronte, onde os olhos traem, a cada momento, os receios interiores do criminoso desconfiado, entreabriu-se num sorriso alvar, quando lhe falei ao instincto de nutrição, prometendo-lhe mangas. Então, todo aquelle rosto parado se contraiu numa careta de appetite estimulado, e o pobre monstro, meu semelhante, mas tão remoto nos avanços da especie, deu-me a impressão flagrante de uma féra enjaulada, cuja catadura estúpida e silenciosa despertasse na mobilidade dos olhos, na abertura das fauces, na dilatação das narinas e agitação isochrona da cauda numa synergia de

movimentos reflexos, perante a razão costumada”.

Que immensa contradição nesses depoimentos de testemunhas de vista! Dizia Stendhal que, sómente por monographias de cada paixão do coração humano, se conseguiria conhecer o coração humano. Detalhemos Antonio Silvino, e, sem preconceitos, sem parcialidade, procuremos traçar-lhe o retrato, nem tanto ao mar como aquelle que o chama *vir fortissimus* e alvo de sympathia, nem tanto á terra como este que o denomina féra enjaulada e o faz analgesico e regressivo, degenerado de ultima especie.

Antonio Silvino deve ter alguns caracteristicos de degenerescencia, em que pése ao scienista que nelle nada achou, não tantos quantos lhe viu o entusiasmo maravilhoso do talento de Carlos Dias Fernandes, mas alguns, porque as táras atavicas nelle hão de existir, porque seu pai, seu avô, seus tios foram canageiros e até mulheres de sua familia cometeram crimes de mortes. Homem forte, tanto que suportou dezoito annos de desabrigo e caminhadas, com alguns instinctos ratoneiros e inclinações crueis que os exemplos do meio augmentaram, não acreditamos, entretanto, que seja simples preguiçoso canageirizado pelo temos do trabalho. Basta di-

zer que trabalhou nas roças e criações mezes a fio, silenciosamente, matutando o modo de vingar o pai assassinado. Si o isolamento lhe deu inveterado habito de silencio, não deve ser bronco e perro de linguagem e intelligencia quem tem o desplante de passar ao governador da Parahyba este telegramma:

“Monsenhôr Walfredo Leal. Comprei official Gurinhem por 600\$000. Elle me autorizou a dar duas surras, porém dei dez. Antonio Silvino da Paz tudo quanto promete faz”; e aquelle já citado, com extraordinarios trocadilhos para um simples analphabeto.

Esse homem, que no fim do seu sinistro perambular disfarçadamente roubava, era o mesmo que, no começo da sua vida terrivel, dum cofre onde havia cincoenta contos pedia que tirassem e lhe dessem duzentos mil réis. Será um ladrão vulgar?

Facundo Quiroga lutou no pampa sósinho contra uma puma. Antonio Silvino penetrou na furna duma onça, de punhal na mão. Saiu ferido, mas deixou-a morta.

Não acreditamos seja covarde quem isso faz, embora na sua vida haja uma serie de fugas aos primeiros tiros dos recontros. Não o elevemos tão alto quanto o fizeram lendas sertanejas nem o abaixemos a um simples dege-

nerado da mais infima classe. A sua ignorancia é o resultado do meio em que nasceu, onde não frequentou a escola. Sua familia quasi toda não sabia lêr. Como aprender? Esse ignorante, creado á lei da natureza, no rudo viver do sertão, que nunca dominou paixões, que a ellas se entregou, que jamais conheceu a menor sujeição, homem barbaro, primitivo, impellido pelos exemplos constantes, ouvindo gabar o cangaço desde a meninice, torna-se bandido por vingar o pai morto por individuos que a sociedade não procurou castigar. A sua alma selvagem, deante da injustiça do meio, da falta de garantias de toda a sorte, do dominio brutal da força, ao envez de cair até a humilhação, elevou-se até a vingança. Ao depois, o correr dos tempos, a tensão nervosa fazendo crescer as tendencias herdadas, modificaram-n'o. Mas o primeiro gesto foi honroso. A justiça que não vingára seu pai morto quiz persegui-lo. Lutou. Silvino, com todas as crueldades e infamias, tem para eleva-lo, a força de character e a confiança em si, que durante quatro lustros o fizeram desafiar uma sociedade inteira. Quem era essa justiça, para lhe tomar contas? Vexação dos fracos e amiga dos potentados, perseguidora que se illudia com facilidade. Por que respeit-la? Que beneficios lhe fizera ou aos seus?

Que vantagens lhes trouxera? Na sua ignorância não podia de outra forma raciocinar. E todos os seus patricios assim pensam. Pelo menos o dizem estes versos sertanejos a proposito delle mesmo e do primeiro crime por vingança:

“No bacamarte eu achei
Leis que decidem questão,
Que fazem melhor processo
Do que qualquer escrivão.”

Silvino é um retardado social, um homem de outras eras, predisposto ao crime pela raça e pela educação, que uma determinante brusca e a força indomável do character selvagem, ajudadas pelas condições do meio social, fizeram criminoso. E' o maior expoente da energia sertaneja, que os governos criminosamente não aproveitam nem dirigem, deixando-a perder-se na vida aventureira do cangaço.

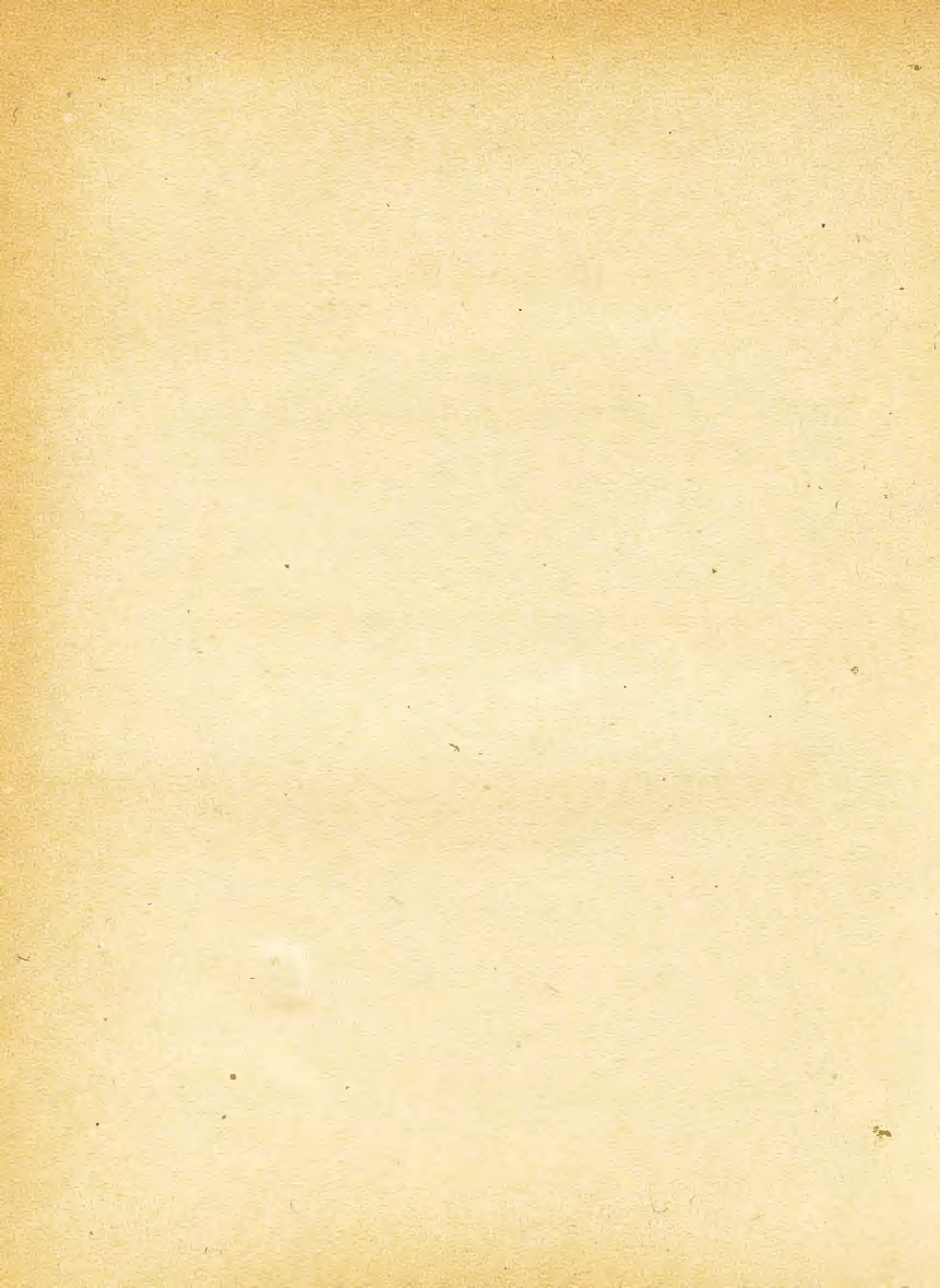
Queremos pensar com um eminente escriptor francez: “dia virá em que se historiará a grandeza do character onde fôr encontrada”. Neste caso, e na maior parte dos que registamos neste livro, infelizmente está no crime.

NOTA

A historia dum cangaceiro é a repetição da dos que o precederam. São pequenas as diferenças. Por isso, evitando cansar o leitor, sómente narramos a vida daquelles que mais se notabilizaram, registando de outros simples episodios interessantes. Para que contar de Silvino Ayres, dos Dantas, de Godê, do Baptistão, de Meia Noite si os Viriatos, João do Bomfim e os Moquecas tanto se lhes assemelham?

Dever nosso declarar que a melhor parte das notas referentes aos bandidos parahybanos, especialmente aos Brilhantes e a Antonio Silvino, nos foram enviadas pelo Sr. Pedro Baptista, irmão do poeta popular Francisco das Chagas Baptista, nascido no Riacho Verde, serra do Teixeira, proprio *habitat* do banditismo. Na veracidade de seus informes repousamos com segurança.

O sr. Pedro Baptista publicou ha pouco tempo um volume interessante: "Os cangaceiros de Nordeste". E' um documento precioso para o estudo da sociologia sertaneja.



INDICE

	PAGS.
I — AS CAUSAS	9
II — OS TYPOS — Cunhas e Patacas.....	101
— Os Cacundos.....	111
— Mourões e Moquecas.....	127
— Liberatos e Guabirabas.....	135
— O Cabelleira e o Cundurú.....	145
— Rio Preto.....	153
— Brilhantes, Limões e Suassunas	161
— Viriotos	193
— Adolpho Meia-Noite.....	201
— Os dois José-Antonios.....	207
— Athayde	213
— João do Bomfim.....	219
— Antonio Silvino.....	225

BARROSO, GUSTAVO
HEROES E BANDIDOS
OS CANGACEIROS DE NORDESTE
2 ED.
RIO DE JANEIRO
LIV. F. ALVES

BLBR

1931

981

BARRO G
HEROE 2.ED

HEROE

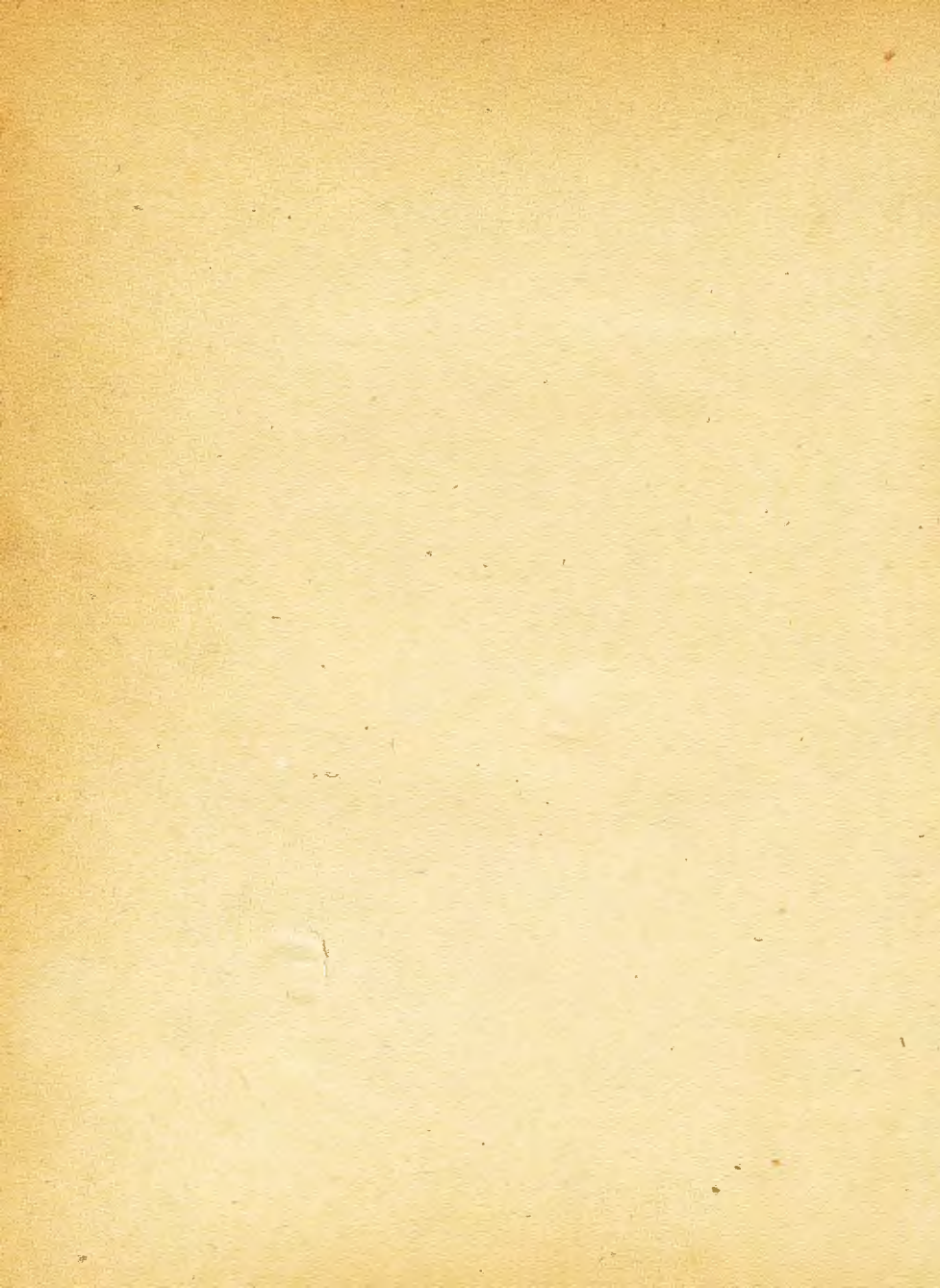
2.ED

731106 779

25,00

BLBR







Extracto do catalogo da Livraria Francisco Alves

Agucena, romance, por D. Amelia Bevilaqua	5\$000
Adega, romance, por Blasco Ibanez	5\$000
Alegria, poemas, por Guilherme de Castro e Silva ..	5\$000
Agua Viva — A Samaritana, por Alcebiades Delamare ..	6\$000
Anteu, poema, por João de Barros	2\$500
Apotheoses, poesias, por Hermes Fontes	3\$000
Arca de Noé, perfis humoristicos, por Ary Pavão ...	4\$000
Arlequin, micro-poemas, D. Xiquete (Bastos Tigre) ..	5\$000
Arte de Vencer, por Porto da Silveira	5\$000
Assumpção, romance, por Goulart de Andrade	3\$000
Atheneu, romance, por Raul Pompeia	5\$000
Bilhetes Brancos, chronicas, por Gastão Penálva ...	2\$000
Bugrinha, romance, por Afranio Peixoto	5\$000
Carne, romance, por Julio Ribeiro	3\$500
Casos do Amor e do Instincto, chronicas, por Carlos Magalhães de Azeredo	5\$000
Cathedral, romance, por Blasco Ibanez	5\$000
Ceia dos Coronels, parodia á Ceia dos Cardeaes, por D. Xiquete (Bastos Tigre)	1\$000
Conferencias Literarias, por Olavo Bilac	6\$000
Cortezã de Sagunto, romance, por Blasco Ibanez ...	5\$000
Cruel Amor, romance, por D. Julia Lopes de Almeida ..	6\$000
Destinos, contos, por D. Adelina Lopes Vieira	3\$000
Elias Barrão e Chica Maria, romance, por Fabio Luz ..	3\$000
Eles e Elas, chronicas, por D. Julia Lopes de Almeida ..	5\$000
Em pleno sonho, poesias, por D. Maria Eugenia Celso ..	3\$000
Flor de Malo, novella, por Blasco Ibanez	4\$000
Fructa do Mato, romance, por Afranio Peixoto	5\$000
Gente do Mar, chronicas maritimas, por Gastão Pe- nalva	5\$000
Hollanda, por Edmundo de Amicis	3\$000
Imperador no Exilio, pelo Conde Affonso Celso	6\$000
Juizos Ephemeris, chronicas, por Hermes Fontes ..	3\$000
Livro dos Milagres, por Gustavo Barroso	5\$000
Maria Bonita, romance, por Afranio Peixoto	5\$000
Maria Cecilia e outras Historias, por Veiga Miranda ..	6\$000
Matar, romance, por Mme. Chrysantheme	4\$000
Mortos (Os) Mandam, romance, por Blasco Ibanez ...	5\$000
Muirakitans, poemas do paraizo verde, por C. Paula Barros	10\$000
No Paiz da Arte, 3 mezes na Italia, por Blasco Ibanez ..	5\$000
Oriente, descripção de viagem, por Blasco Ibanez ...	5\$000
Os que podem casar-se, por Medeiros e Albuquerque ..	2\$500
Palavras de Fé, discursos, pelo Dr. Carneiro Leão ...	6\$000
Poema da primeira infancia, por Bastos Tigre	4\$000
Retalhos d'Alma, contos e phantasias, por D. Maria do Carmo Vidigal Pereira, das Neves	5\$000
Rythmos e Idéas, poesias, por Luiz Murat	3\$000
Sertões do Iguassú, descripção de viagem, por Cesar Martinez	5\$000
Terra de Sol, natureza e costumes do Norte, por Gus- tavo Barros	5\$000
Visão da Estrada, por Miguel Mello	3\$000



Câmara dos Deputados



CAM00130536